



A ILHA MISTERIOSA

JÚLIO VERNE

PRIMEIRA PARTE OS NÁUFRAGOS DO AR

CAPÍTULO I

- Estamos a subir?
- Não, não, pelo contrário. Descemos!
- Pior que isso, Senhor Cyrus! Estamos a cair!
- Deus nos acuda! Atirem mais lastro pela borda fora!
- Lá vai o último saco!
- E agora? O balão sobe?
- Nada!
- Estou a ouvir o bater das ondas...
- Temos o mar aqui mesmo debaixo da barquinha!
- Nem deve estar a duzentos metros!

Um comando soou, gritado em voz possante:

- Tudo o que pesar deita-se fora! Tudo! E seja o que Deus quiser!

Foram estas as palavras que atroaram os ares e ribombaram sobre o vasto deserto do oceano Pacífico, cerca das quatro horas da tarde do dia 23 de Março de 1865. Com efeito, um balão estava a ser arrastado por uma tromba a quase cento e setenta quilômetros à hora, qual frágil bola de sabão, girando ao mesmo tempo sobre si mesmo, como que apanhado por um redemoinho de ar. Presa ao balão, oscilava uma barquinha levando a bordo cinco passageiros. Estes mal se distinguiam, envoltos na cortina de vapores espessos e água pulverizada que arrastava a extremidade pela superfície do mar.

Donde viria aquele aeróstato, autêntico brinquedo da terrível tempestade? Em que parte do mundo teria levantado vôo?

Certamente não teria partido durante o furacão... Ora este já durava há cinco dias. Sendo assim, e fazendo contas a pelo menos três mil quilômetros por dia, era de crer que o balão vinha de muito longe. Em todo o caso, os passageiros não podiam saber onde se encontravam, rodeados apenas pelo denso nevoeiro e sem quaisquer pontos de referência... Nem, tão pouco, saberiam dizer se era noite ou dia.

Entretanto, o balão, aliviado da carga mais pesada - armas, munições e mantimentos -, voltara a subir a uma altitude superior a mil metros. A noite chegou e passou-se em mil e uma inquietações, que poderiam ser mortais, não fossem os passageiros pessoas tão corajosas.

Outro dia nasceu, o dia 24 de Março, e com a aurora o furacão deu mostras de acalmar. As nuvens subiram e, algumas horas depois, a tromba adelgaçou e acabou por rebentar. Pelas onze horas, a atmosfera limpou e o furacão, extinto com o rebentamento da tromba, parecia ter-se transformado em ondas elétricas, como sucede às vezes com os tufões do oceano Índico.

Foi então que o balão voltou a descer lentamente até às camadas inferiores da atmosfera, parecendo mesmo que se esvaziava e que passava da forma esférica à ovóide! Ao meio-dia, o balão planava apenas a uns seiscentos metros acima do nível das águas. Os passageiros trataram de deitar ao mar as últimas coisas que ainda podiam fazer peso na barquinha, alguns víveres e até pequenos utensílios que tinham nos bolsos. Depois, um deles içou-se às redes que os prendiam ao balão e tentou reforçar as cordas. Era evidente que não podiam fazer mais nada para impedir a descida... O balão perdia gás. Estavam perdidos! Com efeito, não sobrevoavam continente ou ilha onde pousar, não havia uma única superfície sólida onde prender as âncoras do balão. Apenas o

imenso oceano e as vagas arremessadas umas contra as outras com uma violência incomparável!

Tornava-se imperioso sustar a descida do balão antes que ele fosse engolido pelas ondas. Todavia, apesar dos esforços dos passageiros, a barquinha descia sempre, ao mesmo tempo que era arrastada pelo vento a uma enorme velocidade, de nordeste para sudoeste.

Às duas horas da tarde, o aeróstato estava apenas a cento e poucos metros acima do mar. Por essa hora, a voz de um homem, cujo coração não conhecia o medo, fez-se ouvir:

- Deitamos tudo fora?
- Ainda temos dez mil francos em ouro.
- O pesado saco foi imediatamente borda fora.
- E o balão? Sobe?
- Um pouco, mas não tardará a descer.
- Há mais alguma coisa para deitar fora?
- Mais nada!
- Há, sim! A barquinha!
- Agarremo-nos à rede... e barquinha ao mar!

Era, na verdade, a única e a última coisa a fazer para aliviar o peso do balão. As cordas que prendiam a barquinha foram cortadas, com os cinco passageiros agarrados às cordas sobre o abismo. Mas o gás continuava a escapar-se pelo rasgão.

Os passageiros tinham feito tudo o que era humanamente possível e, agora, só lhes restava esperar a ajuda de Deus. Às quatro da tarde, apenas cento e cinquenta metros os separavam do mar. Ouvia-se, então, o ladrar sonoro do cão que acompanhava os passageiros, bem preso às cordas junto ao dono.

- O Top viu qualquer coisa!
- Terra! Terra à vista! - gritou alguém.

O balão, arrastado para sudoeste pela ventania, já tinha, por essa altura, percorrido uma distância considerável. Mas não havia dúvidas! Para sudoeste, lá estava ela, a terra firme, a uma hora de distância, se o vento não mudasse. Uma hora ainda! E se o balão, entretanto, perdesse todo o gás?

Pelas quatro e meia, o aeróstato, cada vez mais vazio e enrugado, já arrastava os passageiros pela crista das ondas.

De repente, soaram gritos terríveis! Estavam apenas a duzentas braças da praia, quando um formidável golpe de mar apanhou o balão, e este, como que liberto de um peso, subiu de esticção aos quatrocentos e cinquenta metros. Aí, apanhado numa espécie de redemoinho de vento, começou a ser impelido paralelamente à costa, até que obliquou e acabou por cair na areia da praia, fora do alcance das vagas.

Os passageiros, ajudando-se uns aos outros, apressaram-se a libertar-se das malhas da rede. O balão, finalmente livre de peso, desapareceu no espaço empurrado pelo vento, qual pássaro ferido que reencontra um último sopro de vida.

Mas a barquinha havia transportado cinco passageiros e um cão, e as pessoas lançadas à praia eram apenas quatro! O passageiro que faltava fora certamente levado pelo último golpe de mar, e esse alijar do peso permitira que o balão tivesse subido pela derradeira vez e, depois, atingido a praia!

Logo que os quatro náufragos - assim lhes poderemos chamar - deram pela falta do companheiro, exclamaram:

- Ele há de tentar nadar para terra! Salvemo-lo! Salvemo-lo!

Estes náufragos, que o furacão atirara à praia, não eram aeronautas de profissão, nem sequer amadores. Eram americanos e prisioneiros de guerra evadidos em circunstâncias absolutamente extraordinárias.

Nesse mesmo ano de 1865, no mês de Fevereiro, no decurso da Guerra da Secessão, o general Grant tentara conquistar, sem êxito, a cidade de Richmond, na Virgínia. Ora aconteceu que, durante esse ataque falhado, vários dos seus oficiais foram feitos prisioneiros pelo inimigo. Um dos mais distintos pertencia ao estado-maior federal e chamava-se Cyrus Smith.

Cyrus Smith, natural do estado do Massachusetts, era um engenheiro e homem de ciência ilustre, a quem o governador da União havia confiado, durante a guerra, a direção dos caminhos de ferro, de grande importância estratégica.

Verdadeiro americano do Norte, magro e seco de carnes, teria cerca de quarenta e cinco anos e já lhe começavam a branquear o cabelo cortado curto, e o bigode farto. Autêntico homem de ação e, ao mesmo tempo, homem de idéias, era movido por uma força anímica e uma persistência tenaz daquelas que desafiam todas as fatalidades do destino. Muito instruído e dotado de sentido prático, este temperamento soberbo e senhor de si, fossem quais fossem as circunstâncias, reunia as três condições básicas da energia humana: atividade do espírito e do corpo, impetuosidade do desejo e força de vontade. A divisa adaptada por Guilherme de Orange, no século XVIII, bem podia ser a sua: "Não careço da esperança para tentar; nem do êxito para perseverar."

Cyrus Smith era a coragem em pessoa.

Juntamente com Cyrus Smith, outra personagem importante caía nas mãos dos Sulistas: Gedeão Spilett, o notável jornalista do New York Herald, enviado com os exércitos do Norte para relatar as peripécias da guerra.

Spilett pertencia àquela raça de cronistas ingleses e americanos, que não recua diante de nada para obter uma informação exata e para transmitir ao seu jornal com a brevidade possível. Homem de grande mérito, enérgico e pronto para tudo, conhecia praticamente o mundo inteiro, sem nunca olhar a trabalhos e fadigas, sem temer um perigo! O que contava era a notícia para o jornal, a informação, a curiosidade pelo inédito e pelo desconhecido. Por tudo isto, sentia-se pronto a enfrentar fosse o que fosse e era vê-lo sem um estremecimento na primeira fila da batalha, de arma numa mão e bloco na outra, a tomar notas debaixo da metralha. Gedeão Spilett não teria mais de quarenta anos; era um homem alto, com o rosto emoldurado por suíças loiras a puxar para o ruivo e um olhar vivo e rápido, habituado a captar o mais pequeno pormenor. A constituição robusta tinha-se-lhe temperado em todos os climas, assim como uma barra de aço em água fria.

Cyrus Smith e Gedeão Spilett, que só se conheciam de nome, haviam sido transportados juntos para Richmond. Simpatizaram logo um com o outro e, com o tempo, aprenderam a estimar-se. Não tardou que ambos pensassem apenas na fuga, para se juntarem de novo ao exército de Grant e combater nas fileiras da União.

Os dois americanos resolveram, pois, aguardar a primeira oportunidade. Muito embora pudessem andar em liberdade pela cidade, Richmond estava tão bem guardada, que qualquer evasão apresentava-se quase impossível. Entretanto, um criado de Cyrus Smith conseguira reunir-se ao patrão. De raça negra e nascido de escravos numa plantação do engenheiro, há muito que fora alforriado pelo patrão, abolicionista convicto. Este escravo tornado homem livre não tinha querido deixar o patrão e por ele daria a própria vida! Era um rapaz de trinta anos, vigoroso e ágil, inteligente e calmo, por vezes até ingênuo, mas sempre prestável e bom. Chamava-se Nabucodonosor, mas só respondia pela abreviatura familiar de Nab. Ora, quando Nab soube que o patrão tinha sido feito prisioneiro, partiu do Massachusetts sem hesitar um segundo; chegado diante de Richmond, só à força de muita astúcia e habilidade, depois de ter arriscado a vida umas vinte vezes, conseguiu entrar na cidade cercada. Mas, enquanto Nab conseguira entrar, sair era muito mais difícil, porque os prisioneiros federais eram vigiados de perto. Empreender uma fuga bem sucedida, só numa ocasião excepcional, que não só não surgia, como era muito difícil fazer surgir. Todavia, o cerco continuava, e se havia prisioneiros federais a querer fugir para se reunirem ao exército de Grant, não era menos

verdade que certos sitiados pretendiam fazer o mesmo para se juntarem ao exército separatista...

Um deles era Jonathan Forster, sulista ferrenho, impedido de sair da cidade pelos exércitos do Norte. O governador de Richmond, há muito impedido de contatar com o general Lee, tinha o maior interesse em fazer-lhe chegar notícias da situação da cidade e pedir socorro. Foi então que esse tal Jonathan Forster se ofereceu para subir num balão e tentar, desse modo, atravessar as tropas sitiadas e alcançar o acampamento separatista.

O governador autorizou a tentativa e o aeróstato foi fabricado.

Forster e os cinco homens que o deviam acompanhar receberam armas e víveres para o que desse e viesse.

A partida foi marcada para a noite de 18 de Março. Com vento médio de noroeste, os aeronautas contavam atingir o quartel-general de Lee em poucas horas. O pior é que o tempo mudou e o vento de noroeste não tardou a transformar-se em furacão! A violência da tempestade era tal, que a partida de Forster foi adiada. O balão, esse, lá estava na maior praça de Richmond, cheio e pronto a largar mal o vento abrandasse. Mas as condições atmosféricas não mudavam e a impaciência crescia. Na manhã do dia 20, o furacão não só não amainara, como ainda redobrou de intensidade. Partir estava fora de questão!

Nesse dia, o engenheiro Cyrus Smith foi abordado numa rua de Richmond por um desconhecido. Era um marinheiro de nome Pencroff, entre os trinta e cinco e os quarenta anos, com um rosto simpático e olhar vivo. O tal Pencroff era um americano do Norte, que viajara por todos os mares do Globo e a propósito de quem se podia dizer que não havia aventura que não lhe tivesse acontecido. Ousado e empreendedor, pouca coisa seria capaz de o apanhar de surpresa. Por questões de negócios, Pencroff chegara a Richmond no princípio do ano, na companhia de um rapaz de quinze anos, Harbert Brown, natural de New Jersey, filho do seu capitão, um órfão que ele amava como se fosse seu. Apanhado pelo cerco da cidade, a única coisa que queria era fugir de qualquer maneira. Conhecendo a reputação do engenheiro Smith e sabendo da sua impaciência pelo cativo, não hesitou Pencroff em abordá-lo sem grandes rodeios:

- Senhor Smith, é verdade que pretende fugir?

- Quando? - respondeu prontamente o engenheiro, vendo num relance a honestidade do homem que tinha à sua frente. E acrescentou: - Mas quem é você?

Pencroff apresentou-se.

- Muito bem! - respondeu Cyrus Smith. - E como é que vamos fugir?

- Naquele balão paspalho que está acolá sem préstimo e que parece mesmo à nossa espera...

O marinheiro nem precisou acabar a frase. O engenheiro pegou-lhe no braço e levou-o para casa. Uma vez lá chegados, Pencroff expôs o seu plano, que não podia ser mais simples. A única coisa que arriscavam era a vida. O furacão estava no auge, é verdade, mas um engenheiro hábil e audaz como Cyrus Smith saberia, certamente, conduzir o aeróstato.

Smith ouvia o marinheiro sem dizer palavra, de olhos a brilhar. Ali estava a ocasião tão desejada e ele não era homem para a deixar escapar. O plano era arriscado, logo exequível.

À noite, iludida a vigilância, aproximar-se-iam do balão, entrariam na barquinha, cortariam as cordas e... pronto! Mas, antes de continuarem, esclareceu:

- Não estou sozinho!

- E quantas pessoas quer levar? - perguntou o marinheiro.

- Duas: o meu amigo Spilett e Nab, o meu criado.

- Três, portanto - respondeu Pencroff. - Com o Harbert e eu, cinco! Ora o balão devia levar seis...

- Não é preciso dizer mais nada. Vamos!

O jornalista, posto ao corrente do plano, aprovou-o sem reservas.

- Então, até logo à noite! - disse Pencroff. - Para não levantar suspeitas, ficamos por ali como simples curiosos. Às dez horas, na praça! E queira Deus que a tempestade não abrande até lá! - disse Cyrus Smith.

Pencroff despediu-se e foi ter com o jovem Harbert Brown. O corajoso rapaz conhecia os planos do marinheiro e também ele esperava, cheio de ansiedade, a resposta do engenheiro Smith. Está visto que eram cinco homens determinados, aqueles que se iam lançar na tormenta, em pleno furacão!

Pelas nove e meia, Smith e os companheiros esgueiraram-se para a praça, mergulhada na mais completa escuridão, dado que o vendaval apagara os candeeiros de gás. Nem o enorme aeróstato se via, todo inclinado para o chão! Para além dos sacos de areia que prendiam as cordas da rede, a barquinha estava segura por um cabo muito forte que passava por uma argola presa ao chão. Os cinco prisioneiros reuniram-se junto do balão; ninguém os vira, nem eles se viam uns aos outros, tal era a obscuridade.

Cyrus Smith, Gedeão Spilett, Nab e Harbert tomaram lugar na barquinha, sem uma palavra, enquanto Pencroff se encarregava de soltar os sacos de lastro, um a um. Pouco depois, o marinheiro juntava-se aos companheiros. O balão encontrava-se preso apenas pelo cabo e só faltava que o engenheiro Smith desse a ordem de partida... Então, nesse mesmo instante, um cão saltou para dentro da barquinha! Era

Top, o cão do engenheiro, que partira a corrente e corraera atrás do dono. Temendo excesso de peso, Smith ainda quis pôr fora o animal, mas Pencroff decidiu:

- Ora! Mais um! - e desfez-se de mais dois sacos de lastro.

Seguidamente, soltou o cabo e o balão subiu todo inclinado, acabando por desaparecer. Entretanto, o furacão atingira uma fúria assustadora. A noite passou sem que fosse possível descer em parte alguma, e, quando o dia rompeu, não trouxe melhoras: a visibilidade era nula por causa do nevoeiro densíssimo. Só cinco dias mais tarde, por ocasião de uma ligeira aberta, é que os passageiros souberam que o aeróstato estava a ser arrastado pelo vendaval sobre o mar imenso!

Já sabemos o que se passou a seguir e como quatro homens, dos cinco que tinham partido na noite de 20 de Março, foram arremessados no dia 24 a uma costa deserta, a mais de doze mil quilômetros do seu país! Ora o passageiro que faltava, aquele que os quatro sobreviventes queriam salvar a todo o custo, era precisamente o seu chefe natural, o engenheiro Cyrus Smith!

No dia 5 de Abril, Richmond caía em poder das tropas do general Crant, depois de reprimida a revolta dos separatistas. O general Lee bateu em retirada para oeste e a causa da União Americana triunfou.

CAPÍTULO II

O engenheiro tinha caído por entre as malhas da rede, levado pelo golpe de mar. O cão também desaparecera; o fiel animal jogara-se ao mar em socorro do dono.

- Em frente! - gritou o repórter do New York Herald.

E todos quatro, esquecendo o cansaço, começaram as buscas. O pobre Nab chorava de raiva e desespero, crendo ter perdido quem mais amava no mundo.

- Havemos de o encontrar, Nab! - disse Spilett.

- Vivo?

- Vivo, sim!

- E ele sabe nadar? - perguntou Pencroff.

- Sabe - respondeu Nab. - E, além do mais, o Top está com ele...

Entretanto, começara a anoitecer e levantara-se neblina. Os naufragos caminhavam para norte, ao longo da costa daquela terra desconhecida, de cuja localização geográfica nem faziam a menor idéia. O solo de areia e pedras era completamente desprovido de vegetação. A todo o instante topavam com covas e pedregulhos, espantando a cada passo bandos de aves ruidosas. Alcatrazes e gaivotas, conforme alvitrou o marinheiro, reconhecendo-lhes o piar agudo em despique com o rugido do mar.

De tempos a tempos, os naufragos interrompiam a marcha e chamavam em altos gritos, esperando ouvir alguma voz do lado do mar. Mas nada! Então, o grupo retomava a caminhada, inspecionando os mais pequenos recantos da praia.

Vinte minutos mais tarde, estacaram à beira de uma escarpa onde as ondas vinham bater com furor.

- É um promontório! - disse Pencroff. - Temos de voltar para trás e seguir pela direita.

Chamaram novamente, os quatro em unísono, mas ninguém respondeu. A marcha recomeçou de todos eles, quando, após terem percorrido mais quatro quilômetros, toparam com a mesma escarpa de rochedos escorregadios que avançava pelo mar dentro.

- Ora esta! Estamos numa ilha! - exclamou Pencroff.

- E acontece que já lhe demos a volta completa.

O marinheiro estava certo. Os naufragos tinham sido arremessados para uma pequena ilha com pouco mais de quatro quilômetros de perímetro! Dar-se-ia o caso de aquele ilhéu árido, apenas habitado por aves marinhas, fazer parte de um arquipélago de alguma importância? Os olhos do marinheiro, habituados a perscrutar as sombras, julgavam distinguir a oeste umas massas confusas, que podiam corresponder a outra terra próxima. Porém, a escuridão não permitia qualquer certeza. A única coisa a fazer era esperar pelo dia seguinte e continuar a procurar o engenheiro.

As horas passaram lentamente. Os naufragos, enregelados pelo frio intenso e cheios de inquietação, não conseguiam descansar. Andavam de um lado para o outro, regressando a todo o instante à ponta norte, ao local onde se desenrolara a tragédia. Chamavam e voltavam a chamar e, a certa altura, um grito de Nab pareceu produzir um eco. Harbert comentou o fato com Pencroff e acrescentou:

- O eco pode significar que existe uma costa bastante próxima, para oeste.

O marinheiro acenou afirmativamente. De resto, os seus olhos nunca o enganavam: ali havia terra de certeza!

Perto da meia-noite, o céu começou a limpar, tornando visíveis algumas estrelas. E, caso estivesse ali com os companheiros, o engenheiro verificaria de imediato que aquelas estrelas e constelações não eram as do hemisfério norte. Às primeiras horas do dia 25 de Março, a neblina que se levantava do mar não permitia enxergar para lá dos vinte metros, mas com o avançar da manhã o nevoeiro dissipou-se e os primeiros raios de sol iluminaram a superfície do ilhéu.

E era verdade! Havia terra à vista! A oeste, erguia-se uma costa alta e abrupta, separada da ilha por um canal de corrente muito forte, com cerca de novecentos metros de largura.

Sem pedir conselho a ninguém, a não ser ao seu coração, Nab atirou-se à água, disposto a atravessar o canal a nado. Pencroff bem o chamou, mas sem resultado, e Spilett já se dispunha a segui-lo, quando o marinheiro o deteve:

- Espere aí e escute! Se encontrar o patrão, Nab chegará para o socorrer. É que se nos metermos todos neste canal, arriscamo-nos a ser arrastados para o largo pela corrente!

Ora, se não me engano, a maré está a baixar... Então, tenhamos paciência, que pela baixa-mar talvez passemos a vau!

Entretanto, Nab lutava contra a corrente forte que o obrigava a nadar num sentido oblíquo ao ponto de partida. Meia hora levou ele a atravessar o canal e a chegar à margem oposta. A costa formava nesse ponto uma ampla baía, cortada a sul por um promontório de rochas graníticas, árido e selvagem; para norte, ao contrário, a baía como que arredondava no sentido sudoeste-nordeste, terminando num cabo estreito. À direita, verdejava um maciço de vegetação e ao fundo, no sentido noroeste, para lá do planalto que corria ao longo da costa, um cume coberto de neve resplandecia ao sol. Porém, seria impossível dizer, ainda, se aquela terra era uma ilha ou um continente, embora um geólogo pudesse detectar sem dificuldade a sua origem vulcânica.

Na ilhota, Gedeão Spilett, Pencroff e Harbert tinham seguido as braçadas vigorosas do companheiro e observavam agora atentamente a terra que se erguia diante deles, onde, provavelmente, iriam viver por muitos anos, talvez até morrer, caso ficasse afastada da rota dos navios.

Ao cabo de mais três horas de espera, por volta das dez da manhã, a maré vazia deixava finalmente a descoberto bancos de areia e braços de água pouco profunda. A travessia já não apresentava, pois, qualquer dificuldade, e Spilett e os companheiros, depois de se despirem e colocarem as trouxas da roupa à cabeça, atingiram facilmente o outro lado. Depois de se haverem secado ao sol e vestido, trataram de decidir o que iriam fazer. Spilett tomava a direção seguida pelo negro, enquanto Pencroff e o jovem Harbert ficavam ali na praia, encarregados de preparar o acampamento e de encontrar algum alimento mais sólido do que miolo de conchinhas.

- Muito bem! - disse o marinheiro ao rapaz, logo que ficaram sozinhos. - O que é preciso é método! Estamos cansados e temos frio e fome. Então o que há a fazer é encontrar um abrigo, lume e comida. Lenha há na floresta e os ninhos têm ovos, portanto, só nos falta arranjar casa!

- Eu procuro uma gruta nas rochas. Sempre há de haver alguma - respondeu Harbert.

- É assim mesmo! Vamos lá! E os dois puseram-se a caminho praia fora, ao longo da falésia. Iam para sul, porque Pencroff tinha reparado que naquela direção os rochedos faziam uma reentrância, o que podia ser a foz de algum rio ou ribeiro. Ora não só era bastante conveniente arranjar abrigo junto de água potável, como havia a possibilidade de a corrente ter empurrado Cyrus Smith para aquelas bandas. Um pouco mais adiante, graças aos conhecimentos de Harbert em matéria de história natural, fizeram uma descoberta deveras oportuna! Agarradas às rochas, pendiam colônias de mariscos, e estes moluscos bivalves, parecidos com os mexilhões, constituíram um autêntico maná caído do céu.

Saciada a fome, pelo menos em parte, começou a sede a atormentar os dois amigos, acrescida agora pelo sabor apimentado dos moluscos...

Precisavam encontrar água doce... e depressa! A reentrância da costa distava apenas uns duzentos passos e, para grande contentamento de Pencroff e Harbert, o pressentimento do marinheiro confirmava-se; naquele sítio, a muralha de granito fendia-se, formando uma pequena enseada onde desembocava um rio de água límpida. Para montante, a cerca de uma centena de metros, o curso de água doce descrevia uma curva antes de desaparecer num emaranhado de vegetação.

- Aqui temos água e acolá madeira! Olha, Harbert, agora só falta a casa! - exclamou Pencroff.

Porém, de grutas nem sinal nas paredes de granito lisas e verticais. No entanto, mais para cima, junto à foz do rio e já fora da linha da maré, havia um amontoado de pedregulhos enormes, obra de alguma derrocada. Pencroff e Harbert meteram-se por entre os penedos, descobrindo um autêntico labirinto de corredores com o chão de areia e iluminados pela luz do dia entrando pelos intervalos entre os blocos de pedra.

- Ora aqui está o que precisávamos! - disse Pencroff.

- E, se acaso voltarmos a ver o senhor Smith ele saberá tirar bom proveito deste sítio.

- Claro que voltamos a vê-lo, Pencroff! – exclamou Harbert. - Quando ele voltar, há de encontrar aqui um belo abrigo... Para começar, precisamos de uma lareira e o melhor sítio é o corredor da esquerda, que até tem uma abertura para o fumo!

- Realmente, chaminés é que não falta - respondeu o marinheiro. E logo ali deram o nome de Chaminés à casa provisória.

Depois, Pencroff e Harbert foram em busca de mantimentos e lenha, subindo ao longo da margem esquerda do rio. Depois da curva, começava uma densa mata de arbustos odoríferos e árvores magníficas, que Harbert imediatamente classificou como sendo da família das coníferas.

- Bem, meu rapaz - disse o marinheiro -, posso não saber o nome destas árvores, mas para mim pertencem à espécie de madeira para queimar, que é a única que por ora nos convém!

Então, toca a fazer provisão! - respondeu Harbert.

Apanharam toda a lenha que puderam e ataram-na em molhos. E transportar aquela carga toda para as Chaminés?

Pencroff não tardou a arranjar solução! Construíram sem demora uma jangada, sobre a qual empilharam os lenhos; agora era só esperar a maré vazante que a corrente do rio se encarregaria do transporte até à foz. Enquanto isso, os dois amigos resolveram ocupar o tempo a explorar os locais. Subiram ao planalto superior, donde se abarcava o vasto oceano e a extensa praia aonde tinham ido parar.

- Algo me diz que um homem tão forte como o senhor Cyrus não se afogaria assim, sem mais nem menos... Deve ter conseguido alcançar a praia, não achas, Pencroff?

- Sem dúvida, Harbert, que o nosso engenheiro é homem para se sair bem... Mas será que estamos numa ilha? murmurou o marinheiro.

- Em todo o caso, parece ser bastante grande - respondeu o rapaz.

- Uma ilha, por maior que seja, é sempre uma ilha – disse Pencroff.

Uma coisa, porém, era certa: ilha ou continente, aquela terra desconhecida era fértil e agradável.

Já de regresso, Harbert, que saltava pelas rochas à beira do penhasco, assustou um bando de aves que levantou vôo.

- Olha, pombos-bravos... ou pombos-da-rocha, como se quiser chamar! - exclamou o jovem naturalista. São excelentes para comer e, sendo assim, os ovos também devem ser!

- Então, nem lhes vamos dar tempo de chocar! disse logo o marinheiro.

Depressa encontraram os ninhos nas cavidades das rochas e Pencroff recolheu várias dúzias de ovos de pombo no lenço que trazia. Com a ceia assegurada, empreenderam a descida. Por volta de uma hora da tarde, chegaram à curva do rio onde tinham deixado a jangada amarrada. A maré começava a descer, mas Pencroff não tinha intenção de deixar o precioso carregamento ir pela corrente abaixo de qualquer maneira. Com trepadeiras secas teceu uma corda comprida e resistente que atou à popa da jangada, segurando a outra ponta na mão. Pelo seu lado, Harbert, munido de uma longa vara, mantinha a carga a meio da torrente. O processo resultou em cheio e, cerca de duas horas depois, chegavam perto das Chaminés com a carga seca e intacta.

CAPÍTULO III

Mal descarregaram a lenha da jangada, o primeiro cuidado de Pencroff foi tornar as Chaminés mais habitáveis e acolhedoras.

Havia que vedar as correntes de ar, e o marinheiro pôs-se a encher as fendas entre os pedregulhos com areia, pedras, terra molhada e ramos entrelaçados. As Chaminés ficaram, assim, divididas em quatro compartimentos abrigados do vento e da umidade, com chão de areia fina e seca e altura suficiente para um homem estar de pé, pelo menos na divisão do meio, que era a maior.

- Agora os nossos amigos já podem voltar, que a casa está pronta para os receber!
- disse Pencroff, todo satisfeito.

Faltava, porém, tratar da lareira e preparar a refeição. O primeiro corredor da esquerda foi o escolhido, por ter um bom escoamento para o fumo. O marinheiro assentou lajes de pedra no chão, sobre as quais colocou alguns toros de madeira; a restante provisão de lenha foi depois cuidadosamente arrumada num dos compartimentos do abrigo. De repente, o jovem Harbert perguntou a Pencroff se tinha fósforos.

- Pois claro! Felizmente que tenho! - respondeu este.- Sem fósforos estávamos bem arranjados! - E deitou a mão ao colete, à procura da caixa de fósforos de que nunca se separava, como fumador que era. Mas da caixinha nem sinal! Procurou e tornou a procurar em todos os bolsos, sem qualquer resultado...

- Não a terias deitado fora, Pencroff, quando estávamos na barquinha? - perguntou o rapaz.

- Isso é que era bom! Nunca... mas com tantos piparotes que levamos, pode ter caído. Olha, o meu cachimbo também se foi!

O marinheiro estava desesperado. Ajudado por Harbert, pôs-se a procurar a pequena caixa de cobre por todo o lado; esquadrinharam a areia palmo a palmo, viram entre os seixos, voltaram ao sítio onde haviam atravessado o canal, à curva do rio, ao planalto... tudo em vão! O desânimo dos dois não podia ser maior.

Eram umas seis horas e o sol começava a desaparecer, quando, finalmente, avistaram Nab e Spilett. Regressavam sozinhos! Conforme contaram, do engenheiro Smith nem um sinal, nem uma pegada; do cão tão-pouco. O repórter, esgotado e morto de fome, mal conseguia falar; quanto a Nab, de olhos vermelhos de tanto chorar, era a verdadeira imagem do desespero. Harbert apressou-se a oferecer o único alimento de que dispunham, isto é, uma mão-cheia de mariscos, que tinha apanhado para o caso de não poderem acender o lume. Depois, levou os companheiros exaustos para o interior das Chaminés.

Mais calmo, Spilett estendeu-se no chão. Harbert lembrou-se de lhe perguntar se não teria fósforos.

- Tinha, pois, mas deitei tudo fora... - respondeu o jornalista.

- Senhor Spilett, veja lá bem, pode ter ficado algum. A nós bastava-nos um...

E, de fato, havia um fósforo caído no forro do colete! De repente, aquele pauzinho de madeira, tão vulgar, adquiria uma importância vital para os quatro náufragos. Gedeão Spilett forneceu, ainda, uma folha de papel do seu bloco de apontamentos e Harbert foi encarregado de acender o fogo. Servindo-se de uma pedra áspera, riscou o fósforo com mil cautelas. A chamazinha ateou o papel e logo se propagou aos ramos secos. Daí a instantes, já um belo lume crepitava, avivado pelo sopro do marinheiro, espalhando um calorzinho agradável por todo o compartimento. Entretanto, o fumo saía na perfeição pela abertura das pedras. Pencroff tomou, então, a seu cargo a preparação da "ceia", isto é, ovos de pombo-bravo cozidos nas brasas.

E assim se passou o dia 25 de Março. Lá fora, a noite caíra por completo. Vencido pela fadiga, Spilett adormeceu estendido a um canto e o jovem Harbert não demorou a seguir-lhe o exemplo. Quanto ao marinheiro, ficou de vigia à lareira para que não se apagasse. Só o inconsolável Nab não logrou pregar olho e passou a noite a rondar lá fora, chamando pelo patrão.

No dia seguinte, os naufragos do ar avaliaram a situação em que se encontravam, começando pelo inventário do que possuíam; e era bem pouco, na verdade. Todos os utensílios e haveres tinham sido atirados ao mar. As únicas coisas que tinham resumiam-se às roupas que traziam vestidas, ao bloco de notas e ao relógio de Gedeão Spilett! Nem uma arma, nem uma simples faca! Quanto ao resto, podiam contar com um abrigo provisório, lume, água potável, ovos e moluscos.

Depois de outra refeição de ovos cozidos, desta feita temperados com sal, que Harbert descobriu nuns buracos das rochas, ficou decidido que Spilett tomasse conta do fogo, enquanto o marinheiro e o rapaz voltavam à floresta para caçar. Quanto a Nab, há muito que retomara as buscas ao longo da costa. Os dois amigos embrenharam-se na vegetação, admirando uma vez mais o belo porte dos pinheiros, abetos e outras árvores afins. Pássaros cantavam e esvoaçavam pelas ramagens, porém, fora do alcance dos caçadores. Estes avançavam a custo por entre a erva alta, armados de varapaus, até que, ao cabo de uma hora, desembocaram numa zona pantanosa. Harbert notou a presença de uma ave de bico comprido e pontiagudo, muito parecida com o pica-peixe.

- Deve ser um jacamar - disse o rapaz.

- Estava na hora de provar jacamar assado! - exclamou Pencroff.

Mas a pedra, atirada com toda a força pelo rapaz, não acertou no alvo e a ave desapareceu num abrir e fechar de olhos. De repente, surgiu um bando de aves de pequeno porte e bonita plumagem, que Harbert imediatamente reconheceu como sendo curucuis, aves de sabor delicado e muito fáceis de apanhar no solo. Foram-se aproximando escondidos na erva e, quando chegaram perto dos curucuis, bastou saltar-lhes em cima com os paus, matando logo ali umas dezenas.

- Uma caça de acordo com os caçadores aqui presentes! - riu-se Pencroff. - Até à mão se apanhavam!

Depois de o marinheiro ter enfiado os curucuis numa vara, continuaram a exploração. Subitamente, ia a tarde em meio, ouviram ressoar pela floresta uma espécie de trombeta! Os autores da estranha fanfarra eram, nada mais, nada menos, que uns quantos tetrazes, aves galináceas de carne extremamente saborosa. Contudo, todas as tentativas para lhes chegar perto foram inúteis.

- Está visto que não temos outro remédio, senão apanhá-los à linha! - exclamou Pencroff.

- Como se fossem peixes? - espantou-se o rapaz.

- Como se fossem peixes - respondeu o marinheiro.

Estava a falar a sério. As lianas forneceram as linhas e os espinhos dos arbustos os anzóis; alguns vermes serviriam de isca. Depois destes preparativos concluídos, aproveitando a fuga assustada dos tetrazes, chegaram-se aos ninhos e dispuseram as iscas a toda a volta. Escondidos atrás de uma árvore, Pencroff e Harbert limitaram-se a esperar, com as linhas bem seguras na mão. Como calculavam, as aves acabaram por regressar aos ninhos e não demorou muito que três delas mordessem os anzóis e ficassem presas.

- Viva! - gritou o marinheiro, correndo a apanhar a caça.

Harbert bateu palmas. Era a primeira vez que via apanhar pássaros à linha, mas o amigo, tomado de modéstia, confessou que a invenção não era dele. Entretanto, a tarde começara a declinar e empreenderam o caminho de regresso a casa guiados pelo curso do rio.

CAPÍTULO IV

Gedeão Spilett estava sentado na praia, imóvel, olhando o mar. O vento soprava forte e o aspecto do céu só confirmava o vendaval que certamente não tardaria. Pencroff foi ter com ele:

- Parece que vamos ter uma noite dos diabos, senhor Spilett.

- Estava aqui a pensar, Pencroff, que não deixa de ser muito estranho que os corpos de Cyrus Smith e do cão não tenham dado à costa..., caso tenham morrido, claro!

- Pode não ser... O mar estava bravo e, além disso, as correntes podem tê-los levado para longe - respondeu o marinheiro.

- Com todo o respeito pela sua experiência, Pencroff, acho que o desaparecimento de Cyrus e do Top, vivos ou mortos, não tem explicação -olveu o jornalista.

- Quem me dera pensar como o senhor, mas, infelizmente, estou convencido de que morreram afogados. E com estas palavras, Pencroff voltou às Chaminés para preparar o jantar. Depenou dois tetrazes, enfiou-os num pau e pô-los a assar ao lume.

Pelas oito horas, Nab ainda não tinha voltado e os três companheiros jantaram em silêncio, presos da maior inquietação. Que teria acontecido ao jovem negro? Talvez estivesse abrigado em qualquer sítio, esperando o amanhecer... Com efeito, lá fora na noite escura, a tempestade atingia proporções formidáveis.

Seriam umas duas horas da manhã, quando o marinheiro foi despertado por uma sacudidela vigorosa.

- Escute, Pencroff! Escute! - disse Gedeão Spilett.

- Mas o que é? Que aconteceu? Só ouço o vento! respondeu o marinheiro.

- Não, não! Ia jurar que era o ladrar de um cão! exclamou Spilett.

- Um cão? Não é possível!

Puseram-se os dois à escuta e numa acalmada do vento ouviram-se, de fato, latidos ao longe.

- É verdade, é verdade! - gritou Pencroff.

- É o Top! - gritou, por sua vez, Harbert, que também acordara.

Tentaram sair para o exterior das Chaminés, mas a ventania empurrava-os para trás com tanta força, que a única alternativa foi acenar da entrada com um archote aceso. Os latidos soavam cada vez mais perto. Subitamente, um cão precipitou-se para o interior do primeiro corredor do abrigo. Era o cão do engenheiro Smith, mas infelizmente vinha só. Nem o dono nem Nab estavam com ele!

Harbert abraçou-se ao cão, com a esperança renascida. Havia, contudo, um detalhe que os intrigava: o animal não apresentava quaisquer sinais de fadiga, nem estava sujo de areia ou lodo...

- Se o cão apareceu, o dono também há de aparecer! - disse o repórter.

- Vamos embora! O Top nos guiará! - exclamou Harbert.

Antes de saírem, Pencroff teve o cuidado de alimentar a lareira com mais lenha. A tempestade estava no auge e não se via um palmo diante do nariz. Seguiram, pois, em fila atrás do cão, confiando apenas no instinto do inteligente animal.

Quando o dia nasceu, pelas seis da manhã, encontravam-se a cerca de nove quilômetros das Chaminés, caminhando por uma praia plana orlada de muitos rochedos. Nessa altura, Top começou a dar mostras de agitação, correndo para trás e para diante, como que atraindo o marinheiro para o interior, na direção de uma zona de dunas eriçadas de cardos. Apressaram-se a seguir o cão e, cinco minutos mais tarde, Top parou diante de uma espécie de gruta escavada na areia e desatou a ladrar. Spilett, Pencroff e Harbert entraram e o que viram deixou-os estarelecidos. Nab estava de joelhos, inclinado sobre um corpo... o corpo do engenheiro Cyrus Smith! O pobre negro levantou-se pesadamente, desfigurado pelo cansaço e pela dor; para ele, o patrão estava morto. Spilett ajoelhou-se rapidamente e encostou o ouvido ao peito do engenheiro.

- Está vivo! - gritou ele, após alguns segundos de atenta escuta. Harbert saiu a correr, voltando pouco depois com o lenço encharcado de água de um regato ali próximo. O repórter umedeceu os lábios de Cyrus Smith, dizendo: - Vamos salvá-lo!

Em seguida, despiram o corpo inanimado, friccionando-o com quanta força tinham. O engenheiro, reaquecido pela massagem, mexeu ligeiramente os braços, enquanto a respiração retomava um ritmo mais regular.

Com uma alma nova, Nab contou, então, o que lhe acontecera. No dia anterior, por volta das cinco da tarde, descobrira pegadas na praia que continuavam na direção das dunas; já seguia as pegadas por umas boas centenas de metros, quando Top lhe apareceu ao caminho e o conduziu até ao dono. Vendo o corpo inanimado, o negro julgara-o morto, mas, mesmo assim, resolvera mandar o cão chamar os companheiros, apontando para sul e repetindo o nome do Sr. Spilett, por ser mais familiar. Agora o que os espantava a todos era o fato de Cyrus Smith não estar ferido, nem sequer apresentar arranhões, o que seria o mais natural depois de ter sido arremessado pelas ondas a uma costa tão rochosa como aquela; e como é que viera parar a esta gruta perdida no meio das dunas, a mais de um quilômetro da praia?

Mas as explicações podiam esperar. De momento, o mais urgente era salvar a vida do amigo e, para isso, precisavam de o transportar tão depressa quanto possível para as Chaminés, onde teria calor e alimento. Entretanto, Cyrus Smith abriu os olhos e dava sinal de reconhecer o seu fiel Nab e os amigos.

Fazendo um enorme esforço, conseguiu balbuciar as seguintes palavras:

- Ilha ou continente?

- Ora, senhor Smith, o que importa é que esteja vivo! Ilha ou continente? Isso logo se vê! - exclamou o marinheiro.

O engenheiro parecia recuperar da prostração em que o haviam encontrado e Spilett, vendo-o melhor, fez o relato do que lhes acontecera desde a queda do balão à descoberta das Chaminés, sem omitir as buscas e a dedicação de Nab, assim como o papel determinante do cão, que os fora chamar.

- Quer dizer, então, que não me encontraram caído na praia?- perguntou Cyrus Smith, ainda com a voz enfraquecida.

- Não, Cyrus, você já estava aqui nesta gruta – respondeu o repórter.

- E este lugar a que distância fica dos recifes?perguntou Smith.

- A um quilômetro, mais ou menos - informou Pencroff.- E se o senhor está espantado, olhe que nós não ficamos menos por tê-lo encontrado tão longe da praia!

- Sim, sim, é muito estranho... - murmurou o engenheiro.

- E agora se nos contasse também o que lhe aconteceu? - retomou o marinheiro.

Mas Cyrus Smith de pouco se lembrava. Mal caíra ao mar, apercebera-se da presença do cão junto dele; a costa estava a uns oitocentos metros e começara a nadar com quanta força tinha, lutando contra as vagas, quando, de repente, uma corrente fortíssima os arrastou para norte. Depois de uma meia hora de esforços sobre-humanos, com Top a agarrá-lo pelas roupas, sentira-se perder as forças e desfalecer... A seguir, não conseguia recordar-se de mais nada!

- Mas, pelos vistos, veio dar à costa e foi capaz de chegar a esta gruta! - exclamou o marinheiro. - Nab viu as suas pegadas na areia!

- Sim... pode ser... disse o engenheiro, hesitante.E vocês viram algum sinal de presença humana por estas paragens?

- Nem um traço! - respondeu Spilett. - De resto, se alguém o tivesse salvado e trazido até aqui, por que é que depois o havia de abandonar?

- Sim, você tem razão, meu caro Spilett. Ouve cá, Nab, as tais pegadas ainda lá estão?

- Sim, patrão, ainda há algumas no outro lado da duna, num sítio abrigado do vento. As outras, o temporal apagou-as.

- Pencroff, faça-me um favor! - pediu Cyrus Smith. Leve os meus sapatos e veja se as pegadas coincidem.

Instantes depois, o marinheiro estava de volta. Não havia qualquer dúvida! Os sapatos do engenheiro correspondiam exatamente às pegadas marcadas na areia!

- Ah! Então devo ter caminhado como um sonâmbulo, sem qualquer consciência do que fazia... Foi o Top que me arrancou à fúria das ondas e que, com o seu instinto, me guiou até aqui! Anda cá, meu bravo cão!

Chegara o momento de transportar Cyrus Smith para as Chaminés. Estenderam o amigo, que mal se tinha de pé, numa padiola improvisada com troncos e ramos e puseram-se a caminho. Pelas cinco e meia da tarde, chegaram diante do abrigo. O engenheiro adormecera profundamente, e nem acordou quando Pencroff e Nab pousaram a padiola no chão. A cena com que depararam era inquietante! O temporal da véspera modificara por completo o aspecto do local. O mar tinha subido muito e a força das ondas arrastara a areia, deixando muitos rochedos a descoberto e a praia juncada de algas e limos... Temendo o pior, Pencroff precipitou-se para o interior das Chaminés. Os seus receios confirmavam-se! A maré entrara pelos corredores destruindo tudo e, pior ainda, apagando o fogo!

CAPÍTULO V

Dos companheiros, apenas Harbert parecia partilhar da consternação do marinheiro. Nab estava demasiado feliz por voltar a ver o patrão e Gedeão Spilett, talvez pela mesma razão, resolveu não dar muita importância aos estragos:

- Ora, meu caro Pencroff, isso é o de menos! Se quer saber, tanto me faz!

- Mas, senhor Spilett, ficamos sem o lume e sem nada para o tornar a acender!

- E não temos aqui o nosso engenheiro? Deixe que ele há de arranjar maneira de fazer fogo.

Cyrus Smith continuava profundamente adormecido. Os amigos levaram-no para o corredor central e deitaram-no numa cama de algas e limos quase secos, tapando-o com as jaquetas e os casacos. É que, com a chegada da noite, o vento virara a nordeste e a temperatura descera consideravelmente. Para piorar a situação, a fúria do mar tinha levado a maior parte do entulho que vedava as aberturas entre os pedregulhos e, agora, havia 0correntes de ar por todo o lado.

As Chaminés estavam deveras desconfortáveis e a ceia, reduzida a mariscos, também não ajudou muito. Pela noite fora, com o frio a apertar, Pencroff não se cansava de lamentar a perda da fogueira.

No dia seguinte, 28 de Março, pelas oito da manhã, o engenheiro Smith acordou com a mesma preocupação da véspera, a sua idéia fixa:

- Ilha ou continente?

- Quanto a isso nada sabemos, senhor Smith – respondeu Pencroff.

- Como assim? Ainda não sabem?

- Mas vamos saber, mal o senhor nos possa servir de guia - acrescentou o marinheiro.

- Julgo já estar em condições para tal! - disse o engenheiro, pondo-se de pé. - Mais do que outra coisa, era a exaustão que me ia matando... Se puder comer alguma coisa, fico como novo. Têm lume, não é verdade?

- Ah! Senhor Cyrus, infelizmente não temos..., ou melhor, já não temos! E o marinheiro contou como tinham conseguido acender uma fogueira e como a tempestade do dia anterior a apagara.

- Ora bem - exclamou o engenheiro -, se não há fósforos, fazemo-los nós!
- Fósforos químicos? - espantou-se Pencroff.
- Exatamente! - Como vê, não é assim tão difícil! - comentou o jornalista, dando uma palmada no ombro do marinheiro.

Saíram das Chaminés. As condições atmosféricas haviam melhorado e o Sol levantava-se no horizonte. Cyrus Smith sentou-se numa rocha, observando atentamente o que o rodeava.

Harbert levou-lhe uma mão-cheia de mexilhões e sargaços:

- É o que temos, senhor Cyrus!

- Obrigado, meu rapaz - agradeceu o engenheiro -, por agora, serve.

Saciada a fome na medida do possível, o engenheiro voltou ao assunto que, naquele momento, mais o preocupava:

- Bem, meus amigos, amanhã ficaremos a saber se estamos num continente ou numa ilha. Até lá, não podemos fazer mais nada!

- Então o lume? - perguntou Pencroff, que também tinha a sua idéia fixa.

- Lá iremos, lá iremos! - respondeu Cyrus Smith. Ontem, quando me trouxeram para aqui, pareceu-me avistar a oeste uma montanha...

- Exatamente! E bastante alta, por sinal - informou Gedeão Spilett.

- Amanhã, vamos subi-la até ao cume e veremos se esta terra é ilha ou continente - decidiu o engenheiro.

- Em qualquer dos casos, Cyrus, você faz alguma idéia onde é que fica este sítio? - quis saber o jornalista.

- Não posso saber ao certo, mas tudo indica que o furacão nos atirou para uma costa do oceano Pacífico. Mas se, pelo contrário, viemos dar a uma ilha deserta de algum arquipélago da Polinésia, então é melhor que nos preparemos para ficar aqui o resto das nossas vidas.

- O quê, meu caro Cyrus? Quer dizer, para sempre? inquietou-se o repórter.

- Se tivermos a pouca sorte de isto ser uma ilha e, ainda por cima, afastada das rotas dos navios, é o que temos de mais certo! - corroborou o marinheiro.

- Isso é o que vamos descobrir, quando escalarmos a montanha até lá acima - concluiu o engenheiro Smith.

Seguidamente, combinaram entre si as tarefas daquele dia. O engenheiro e o repórter iam ficar nas imediações das Chaminés a explorar a praia e o planalto, enquanto os outros três voltavam ao bosque do Jacamar - assim haviam batizado a mata - a fim de renovar as provisões de lenha e carne fresca.

Desta vez, contavam com a ajuda de Top na caçada. À partida, o marinheiro ia resmungando, sempre agarrado à sua idéia:

- Pois sim, pois sim, vamos caçar... E depois? Como é que vamos assar o que apanharmos? Se houver lume, quando cá chegarmos, só se for um raio que o acendeu!

Todavia, ao voltarem ao acampamento, pelas duas da tarde, carregando um corpulento exemplar de uma espécie de porco selvagem, tiveram a surpresa de avistar uma coluna de fumo que se elevava do lado de lá dos rochedos.

- Viva! Viva! Harbert, Nab, estão a ver aquilo ali? - gritou o marinheiro, fora de si. Instantes depois, os três caçadores, completamente pasmados, olhavam ora para o engenheiro e para o repórter, ora para a fogueira crepitante, sem saber que dizer.

- Então, meu caro, o que é que eu lhe dizia? - exclamou Spilett. - Ora aqui tem um belo lume para assar esse magnífico animal que aí trazem!

- Mas quem o acendeu? - perguntou Pencroff.

- O sol!

- Quer dizer que o senhor Cyrus tinha uma lupa, não é verdade? - perguntou Harbert.

- Não, meu rapaz, não tinha, mas fiz - respondeu aquele. E explicou como, sobrepondo os vidros do relógio dele e do de Spilett, conseguira improvisar uma lente capaz de concentrar os raios solares e de provocar a combustão de um pedaço de musgo seco.

O marinheiro ficou sem palavras, abismado com aquilo; mirava alternadamente o pequeno objeto "mágico" e o seu autor, cada vez mais convencido de que o engenheiro pertencia a uma espécie humana superior, próxima dos deuses. Finalmente, conseguiu articular:

- Senhor Spilett, não se esqueça de tomar nota disto no seu caderninho!

- Já tomei - respondeu o repórter.

O regresso do bom tempo, a bela fogueira e a ceia de porco-do-mato assado no espeto, rematada com pinhões e sargaços, animaram os cinco companheiros, que, nessa noite, dormiram um sono profundo e descansado.

Na manhã do dia seguinte, 29 de Março, fizeram-se os preparativos para a expedição. Pencroff avivou a fogueira e guardou um pouco de trapo queimado para servir de isca, assim como os restos do porco assado para a refeição daquela noite.

Os relógios de Cyrus Smith e de Gedeão Spilett, novamente com os respectivos vidros, marcavam sete e meia, quando os nossos exploradores, munidos de varas à laia de cajados, deixaram as Chaminés em direção à montanha.

A travessia da floresta foi o caminho escolhido por ser o mais direto, e, pelas dez horas, deixavam para trás o denso arvoredo. A montanha erguia-se diante deles, composta por dois cones sobrepostos e contrafortes com uma configuração tão estranha que, desde logo, chamou a atenção do grupo. Com efeito, a elevação parecia apoiada numa imensa garra com as enormes unhas cravadas no solo, entre as quais se avistavam vales verdejantes. No topo do primeiro cone, a uns mil metros de altitude, assentava um segundo cone, como se fosse uma espécie de boina caprichosamente colocada à banda... Ora era justamente até ao cumo do segundo cone que os nossos amigos queriam chegar.

O engenheiro Smith confirmou a origem vulcânica da região e decidiu que a escalada se fizesse por um dos contrafortes.

Seguiam em fila, com Harbert e Nab na dianteira, logo seguidos por Smith e Spilett; Pencroff fechava a marcha. Pelo caminho, notaram a presença de muitas espécies de animais, até que, a dada altura, toparam com uns, de chifres arqueados para trás, que o marinheiro se apressou a nomear:

- Olha, olha, carneiros!

Todavia, não se tratava de carneiros comuns, mas sim de cabras-monteses, uma espécie muito vulgar em zonas montanhosas e de clima temperado, conforme explicou Harbert.

- Mas têm pernas e costeletas boas para assar? – perguntou Pencroff.

- Claro que sim! - respondeu o rapaz.

- Pois então, para mim são carneiros! - rematou o marinheiro, despedindo-se dos animais com um "até à vista!" tão cômico, que os outros não contiveram o riso.

A subida continuou, cada vez mais penosa, devido à fadiga e ao terreno, que se ia tornando mais íngreme e agreste. Àquela altitude, a vegetação já escasseava, constando apenas de alguns pinheiros dispersos e retorcidos pelos ventos.

Pelas seis da tarde, estavam a uns escassos duzentos metros do planalto superior do primeiro cone; porém, a noite aproximava-se e urgia providenciar um acampamento. Escolheram um local abrigado entre uns penhascos e Pencroff e Nab encarregaram-se de acender uma fogueira com pederneira e o trapo queimado a servir de isca. Em breve, ardia um lume de tojos secos apenas destinado a aquecer o grupo de exploradores, já que a ceia estava assegurada com os restos do assado da véspera e uma boa quantidade de pinhões.

Cyrus Smith teve, então, a idéia de ir explorar o planalto circular onde assentava o cone superior da montanha. Na verdade, o engenheiro não conseguia descansar, enquanto não esclarecesse uma dúvida que muito o preocupava, isto é, se seria possível escalar o segundo cone ou, pelo menos, contorná-lo pela base; se nem uma coisa, nem outra fosse praticável, toda a vista da parte ocidental daquela terra lhes ficaria vedada, gorando-se assim, pelo menos em parte, a finalidade da expedição.

O jovem Harbert dispôs-se a acompanhá-lo, enquanto o marinheiro e o negro tratavam das instalações para a dormida e o repórter tomava nota dos acontecimentos do dia. Apesar da semi-obscuridade e do cansaço, escalaram rapidamente os últimos metros que os separavam do topo do primeiro cone, deparando-se com a enorme cratera de um vulcão já extinto. A lava solidificada formava saliências caprichosas no seu interior, assim como uma espécie de escadaria natural a facilitar a descida e a subida do outro lado.

Sem hesitar, o engenheiro e o rapaz desceram pela cratera e galgaram os cerca de trezentos metros que os separavam do topo do cone superior. A escuridão era agora quase completa. Como seria aquela terra desconhecida? Estaria completamente rodeada pelo mar ou unida a um continente do Pacífico? Justamente para o lado oeste, o céu carregado de nuvens adensava ainda mais as trevas, não deixando vislumbrar se, ali, havia terra ou mar...

Mas, subitamente, as nuvens abriram-se num rasgão e a Lua, em quarto crescente, surgiu perto da linha do horizonte, refletindo o seu brilho numa superfície... líquida! Cyrus Smith agarrou com força a mão do rapaz e declarou gravemente:

- É uma ilha!

CAPÍTULO VI

Meia hora mais tarde, Cyrus Smith e Harbert estavam de volta ao acampamento. O engenheiro limitou-se a informar os companheiros de que a terra aonde o acaso os lançara, era uma ilha. Depois, cada um se acomodou conforme pôde para dormir.

No dia seguinte, 30 de Março, pelas sete da manhã, iniciaram a subida ao topo do vulcão, para observarem mais atentamente aquela ilha que, provavelmente, os manteria prisioneiros para toda a vida. Ninguém mostrava preocupação maior por esse fato, confiantes que se sentiam em si próprios e, sobretudo, nas capacidades do engenheiro Smith. Ele saberia como arrancar da terra selvagem tudo o que fosse necessário à subsistência de todos eles.

O tempo estava magnífico e a escalada até ao topo fez-se sem quaisquer dificuldades. Atingido o cimo do segundo cone, Smith e os companheiros quedaram-se silenciosos, de olhos postos no imenso oceano que os rodeava. Spilett quebrou o silêncio com uma pergunta:

- Qual será o tamanho desta ilha?

- Meus amigos, creio não estar muito enganado se disser que o perímetro de costa não excede os cento e sessenta quilômetros - respondeu Cyrus Smith, depois de observar cuidadosamente a orla marítima, extremamente recortada, sem esquecer de tomar em consideração a altitude a que se encontravam. Quanto ao aspecto geral do interior da ilha, havia a região arborizada a sul, entre a montanha e o litoral, enquanto a parte norte, pelo contrário, era árida e arenosa. Também se avistava um lago, situado a uns cem metros acima do nível do mar, entre o vulcão e a costa leste.

- Será um lago de água doce? - perguntou Pencroff. .

- Certamente que sim! - respondeu o engenheiro. - E deve ser alimentado pelas águas que escorrem da montanha.

- Estou a ver um riacho que deságua no lago – disse Harbert.

- É verdade - confirmou Cyrus Smith. - E uma vez que é esse ribeiro que alimenta o lago, deve haver um escoadouro do lado do mar para a descarga das águas. Logo veremos isso no regresso.

Do ponto em que se encontravam, podiam os nossos exploradores abarcar a ilha em toda a sua diversidade, as verdes manchas de vegetação, o amarelo das areias e o azul das águas... Subsistia, porém, uma questão grave que continuava sem resposta e da qual dependia o futuro dos náufragos: a ilha era, ou não, habitada? Mas, por mais que olhassem, não se via em lado algum o menor sinal de presença humana; nem um aglomerado de casas, sequer uma simples cabana isolada, nem um barco de pesca no litoral, nem um penacho de fumo! Tão-pouco se avistava outra terra nas proximidades. A voz calma e grave do engenheiro Smith fez-se ouvir:

- Aqui está, meus amigos, o pequeno pedaço de terra onde vamos viver talvez por longo tempo! Pode ser que nos chegue algum socorro inesperado, se algum navio passar por estas bandas... E digo inesperado, porque está visto que esta ilha é muito pouco importante e sem um único porto natural que sirva de abrigo ou para trabalhos de reparação das embarcações... O mais certo é que esteja afastada das rotas habituais, isto é, demasiado a sul para os navios que demandam os arquipélagos do Pacífico, e demasiado a norte para os que se dirigem à Austrália, contornando o cabo Horn... Esta é que é a realidade e não vale a pena escondê-la!

- E com toda a razão, meu caro Cyrus! – exclamou vivamente o repórter. - Está a lidar com homens corajosos, que confiam em si e com os quais pode contar inteiramente. É ou não é verdade, meus amigos?

- Obedecer-lhe-ei em tudo, senhor Cyrus! - disse Harbert, apertando a mão do engenheiro.

- Meu patrão, sempre e em qualquer parte! - proclamou Nab.

- Quanto a mim - disse o marinheiro -, que eu perca o meu nome, se me negar a qualquer trabalho! E se o senhor Smith quiser, até podemos fazer deste sítio uma América em ponto pequeno; construiremos cidades e caminhos de ferro, instalaremos telégrafos e, um belo dia, quando estiver tudo pronto, vamos oferecer esta terra ao governador da União! Só peço uma coisa...

- O quê? - perguntou Spilett.

- Que não nos consideremos mais como náufragos, mas sim como colonos.

Cyrus Smith não conseguiu evitar um sorriso e a moção do marinheiro foi aprovada. Antes de iniciarem a descida, decidiram atribuir nomes aos diversos pontos da ilha, cabos, baías e promontórios. O curso de água perto das Chaminés passaria a chamar-se rio Mercy. Finalmente, a ilha foi batizada com o nome do grande cidadão que naquele momento lutava pela unidade da república americana: Lincoln. Seria, pois, a ilha Lincoln e a ilhota, onde o balão os lançara, o ilhéu da Salvação. A solenidade do momento foi coroada com três "vivas!".

O regresso às Chaminés far-se-ia por um caminho diferente, dado o interesse de Cyrus Smith em explorar o lago e a zona de arvoredo que o cercava. Desceram, pois, em direção ao contraforte da montanha, onde, segundo tudo indicava, devia estar situada a nascente do riacho. O engenheiro caminhava sem dizer palavra, atento à mais pequena coisa; de vez em quando, guardava nos bolsos pequenas amostras de espécies botânicas e mineralógicas que ia apanhando aqui e acolá. Como sempre, Pencroff, Harbert e Nab abriam a marcha, seguidos por Top, entretido a farejar todos os recantos.

De repente, Harbert voltou para trás precipitadamente.

- O que é que foi, meu rapaz? - perguntou-lhe Gedeão Spilett.

- Fumo! Vimos uma coluna de fumo a subir entre aqueles rochedos ali adiante!

- É melhor não nos mostrarmos, sem saber do que se trata - disse Cyrus Smith. - Podem ser indígenas... Onde está o Top?

- Lá à frente - respondeu o jovem.
- E não ladra? - perguntou o engenheiro.
- Não, senhor.
- É estranho... De qualquer forma, é melhor trazê-lo para aqui.

Instantes depois, já o grupo, incluindo o cão, estava escondido atrás de uns penhascos de basalto. O fumo era claramente visível, amarelado e com um cheiro pestilento muito característico. Tanto bastou ao engenheiro para reconhecer a existência naquele local de uma fonte natural sulfurosa, excelente para tratar afecções da garganta.

- Só tenho pena de não estar constipado! – exclamou Pencroff.

Passaram pela nascente, donde se libertava um intenso odor a ácido sulfídrico, e continuaram a caminhada. Ao princípio da tarde, o faro de Top e a perícia de Nab providenciaram a caça de que tanto precisavam para a refeição da noite: dois soberbos roedores muito parecidos com as lebres, mas maiores, de orelhas compridas e pelagem amarela.

Pencroff ficou entusiasmado:

- Hurra! Já temos assado! Toca a voltar para casa!

Os exploradores já tinham chegado, por essa altura, à margem ocidental do lago. O sítio valia bem a pena ser visto. A extensão de água doce, muito límpida, cobria uma área de cerca de duzentos hectares, com margens belamente arborizadas, povoadas de patos-bravos, pelicanos, galinhas-d'água, maçaricos e outras aves aquáticas. Spilett não se conteve e exclamou:

- Mas que lago tão bonito! Não seria mal pensado viver aqui.
- E por que não? - respondeu Cyrus Smith.

A tarde avançava e eram horas de voltar às Chaminés.

Depois do jantar, o engenheiro tirou do bolso as amostras de minerais que andara a recolher durante o dia, e disse:

- Meus amigos, temos aqui ferro, pirite, argila, cal e carvão. Eis a contribuição da Natureza para o que precisamos fazer! O resto é conosco.

CAPÍTULO VII

Essa era a situação real! Tudo estava por fazer e os colonos tinham de começar pelo princípio. Não possuíam, sequer, as ferramentas necessárias para fabricar outras ferramentas e utensílios e os recursos naturais existentes na ilha encontravam-se no seu estado bruto... Todavia, o engenheiro Smith conhecia bem o zelo, a inteligência e as aptidões dos companheiros.

Gedeão Spilett contribuiria com os seus conhecimentos de jornalista culto e talentoso para a colonização da ilha, sem falar da paixão que nutria pela caça, uma tarefa absolutamente vital. Harbert, esse rapaz corajoso e tão instruído em ciências naturais, daria uma ajuda igualmente preciosa. Nab era a dedicação em pessoa; infatigável e robusto, com uma saúde de ferro, entendia alguma coisa do trabalho de forja, o que seria da maior utilidade. Quanto a Pencroff, havia navegado por todos os oceanos e trabalhado como carpinteiro nos estaleiros de Brooklyn, além de ter sido alfaiate, jardineiro e cultivador durante as férias, etc.; enfim, como bom homem do mar que era, sabia fazer de tudo um pouco.

Na opinião de Cyrus Smith, a primeira tarefa que se impunha era a construção de um forno, que seria alimentado a lenha e carvão.

- E o forno servirá para quê? - quis saber Pencroff.
- Para fabricar os utensílios de barro de que precisamos respondeu o engenheiro.

- E com o que é que vamos fazer o forno?

- Com tijolos de argila. A caminho, meus amigos, e, para não perdermos tempo a andar para trás e para a frente, ficaremos instalados no local. O Nab fica encarregado de levar as provisões e do fogo trataremos lá.

- Ah! se tivéssemos uma arma qualquer para caçar... Um arco e flechas, pelo menos! - disse o repórter.

- Ou uma faca - lembrou o marinheiro.

- Sim, uma faca, uma lâmina cortante... - murmurou Smith, como se falasse consigo mesmo. Repentinamente, o olhar animou-se-lhe: - Aqui, Top!

O engenheiro segurou na cabeça do cão, tirou-lhe do pescoço a coleira de fino aço temperado, e partiu-a em duas metades.

- Aqui estão as nossas facas, Pencroff!

Amolaram o rebordo das lâminas de aço numa pedra e, depois, afiaram o gume em pederneira mais fina, que, por sinal, abundava na praia. Algum tempo depois, os colonos já dispunham de duas lâminas cortantes, solidamente amarradas a cabos improvisados.

Partiram em direção à margem ocidental do lago, onde, na véspera, Cyrus Smith havia reparado numa porção de terra argilosa. Pelo caminho, Harbert descobriu diversas árvores, das quais os índios da América do Sul usam os ramos para fabricar arcos. Apenas faltava encontrar uma planta apropriada para fazer a corda do arco. Serviram-se de uma espécie de hibisco com fibras tão resistentes, que se podiam comparar a tendões de um animal. E foi assim que Pencroff conseguiu arranjar arcos suficientemente fortes e eficazes. Quanto às setas, o destino se encarregaria de fornecer qualquer coisa que pudesse substituir o ferro para as pontas.

Chegados ao local indicado pelo engenheiro, os nossos amigos deitaram mãos à obra. Trataram de retirar com areia a gordura própria da argila e, depois, moldaram à mão os tijolos que, depois de secos, passariam por cozedura em fogo de lenha.

Foram dois dias inteiros de intenso trabalho manual, ao cabo dos quais os colonos tinham prontos e alinhados no chão três mil tijolos. A cozedura não teria lugar, senão daí a três ou quatro dias, de modo que o grupo aproveitou a espera para juntar lenha, sem falar nas caçadas pelas imediações. Estas expedições eram agora bastante mais proveitosas, desde que Pencroff resolvera a questão das pontas das flechas.

Foi um porco-espinho apanhado por Top o fornecedor dos picos aguçados que o marinheiro atou com firmeza às extremidades de paus fininhos e direitos. Não tardou muito que Gedeão Spilett e o jovem Harbert se tornassem razoavelmente hábeis no manejo do arco e das flechas assim improvisadas e, desse modo, não mais faltaram no acampamento boas peças de caça, quer de pêlo, quer de penas, como porcos e galos-domato, cutias, pombos-bravos, etc.

Ora durante essas incursões pela floresta, sempre não muito longe da tijolaria, os caçadores acabaram por notar certos indícios da presença de animais de grande porte, o que levou o engenheiro Smith a recomendar-lhes a maior cautela, convencido que ali poderia haver feras temíveis. E estava certo, porque, certa vez, o repórter e o rapaz avistaram um animal muito semelhante ao jaguar, que só por sorte não os atacou.

E assim chegou o dia 6 de Abril, uma quinta-feira. Treze dias tinham decorrido desde que os colonos tinham ido parar àquela costa e era nesse mesmo dia que iam iniciar a construção do forno, começando pela cozedura dos tijolos de barro. Empilharam molhos de lenha, rodeando-os depois com camadas sobrepostas de tijolos até formar uma grande cuba, e puxaram fogo à lenha; o braseiro ardeu durante quarenta e oito horas, constantemente alimentado pelos colonos. Finalmente, com cal viva conseguida a partir de pedras de carbonato de cálcio, decompostas pelo calor, e uma espécie de argamassa feita com cal e areia, construíram um forno magnífico, cuja chaminé se elevava a alguns metros de altura. A clareira à beira do lago lembrava agora uma verdadeira oficina, e Pencroff estava disposto a jurar que dali podiam sair todos os

produtos da indústria moderna. As primeiras coisas a serem fabricadas no forno a carvão resumiram-se, porém, aos mais vulgares recipientes e utensílios domésticos, moldados com argila misturada com cal e um pouco de quartzo. A cozinha das Chaminés ficaria equipada de potes, tigelas, pratos, jarros e outros objetos, tão preciosos como se da mais fina porcelana se tratasse!

Convém referir que Pencroff, desejoso de experimentar a qualidade do barro, resolveu fabricar alguns cachimbos, bastante toscos aliás, mas que ele achou uma perfeição. E o tabaco? "Ora, o tabaco há de aparecer como tudo o resto", pensava ele. No caminho de volta às Chaminés, carregados com a louça recém-fabricada, o engenheiro fez outra descoberta muito conveniente: uma planta esponjosa do gênero das artemísias, que, depois de seca e impregnada de salitre, se torna bastante inflamável. Para grande satisfação do marinheiro, ficava, assim, assegurada a isca necessária para acender o fogo.

Dias depois, 17 de Abril, precisamente a segunda-feira a seguir ao Domingo de Páscoa, Pencroff perguntou ao jornalista, logo pela manhã:

- Senhor Spilett, o que é que vamos fazer hoje?
- O nosso engenheiro é quem decide - respondeu ele.

Ora ficou resolvido que naquele dia, depois da fabricação de tijolos e de louça de barro, os companheiros seriam operários metalúrgicos! O engenheiro anotara a existência de jazidas de óxido de ferro e de pirite na região noroeste da ilha, e tinha esperanças de poder obter, do primeiro, ferro em estado puro.

- Então vamos trabalhar o minério de ferro, senhor Cyrus?- perguntou o marinheiro.
- É verdade, meu amigo! - foi a resposta do engenheiro.- E, à conta disso, vamos começar por uma caçada às focas no ilhéu da Salvação.

- Caça às focas? - Pencroff voltou-se para Spilett, cheio de espanto. - Pois serão precisas focas para fabricar ferro?

- Se é o Cyrus quem diz, é porque devem ser - respondeu Spilett.

A maré estava no seu nível mais baixo, quando os cinco amigos atravessaram o canal que os separava da ilhota. Uma vez no lado de lá, a primeira coisa que viram foi uma colônia de pingüins, mas os caçadores, armados de varapaus, não estavam interessados nestes animais. Passaram ao lado e dirigiram-se à ponta norte do ilhéu. O sítio tinha sido bem calculado, porque, efetivamente, lá estavam seis focas deitadas na praia, ao sol da manhã. Rodearam-nas cautelosamente, e atacaram de todos os lados ao mesmo tempo, abatendo duas à paulada. As outras conseguiram fugir para o mar.

- Ora cá tem as suas focas, senhor Cyrus! - proclamou o marinheiro.
- Muito bem! - disse Cyrus Smith. - As peles hão de servir para fazermos os foles da forja.

Nab e Pencroff começaram, imediatamente, a esfolar os animais, enquanto o engenheiro e o repórter aproveitavam para uma volta de reconhecimento pela pequena ilha. Seis horas mais tarde, quando a maré vazou outra vez, voltaram a atravessar o canal e regressaram às Chaminés. Três dias depois, as peles de foca, secas e cosidas com fibras vegetais, tinham-se transformado num fole indispensável a qualquer trabalho de forja.

Estava-se a 20 de Abril e o repórter anotou esse dia como o primeiro do "período" metalúrgico "da pequena colônia". As jazidas de minério estavam situadas na base de um dos contrafortes da montanha, que os colonos haviam batizado com o nome de monte Franklin. Dada a distância das Chaminés, cerca de dez quilômetros, era impensável ir e vir todos os dias, pelo que ficou assente que acampariam no próprio local dos trabalhos. Pelas cinco da tarde, depois de terem atravessado a floresta, atingiram a orla do denso arvoredo. O engenheiro decidiu que ficariam ali mesmo, com o monte à vista e perto do ribeiro e das jazidas. As pesquisas geológicas ficariam para o dia seguinte. Em menos de uma hora, fizeram uma cabana de troncos e ramos entrelaçados e acenderam uma

fogueira. A seguir ao jantar de carne no espeto, os nossos amigos acomodaram-se para descansar e, pelas oito, já dormiam todos a sono solto, exceto aquele que ficara com a incumbência de vigiar o lume, única maneira de afastar algum animal perigoso.

Na manhã seguinte, os colonos dirigiram-se aos terrenos junto à nascente do riacho e começaram a recolher grandes quantidades de minério de ferro e de carvão. Os blocos de óxido de ferro eram, depois, partidos em bocados pequenos e limpos de impurezas. Orientados por Cyrus Smith, dispuseram o minério e o carvão em camadas sobrepostas e o novo fole de peles de foca entrou em ação! Com o primeiro bocado de ferro puro, conseguido por aquele método bastante rudimentar, improvisaram um martelo e com ele forjaram um segundo numa bigorna de granito. Ao cabo de quatro dias de muito trabalho e paciência infinita, os colonos tinham forjado várias barras de ferro, com as quais fabricaram ferramentas, como pinças, tenazes, picaretas, etc. Seguidamente, graças aos conhecimentos de Cyrus Smith, a partir do ferro puro chegaram ao aço, misturando o primeiro num cadinho de barro com carvão em pó. Desse modo foi possível fazer machados e machadinhas, pás, picaretas, martelos e pregos.

Finalmente, a 5 de Maio, os nossos ferreiros regressaram às Chaminés, prontos para novas tarefas.

CAPÍTULO VIII

Ora sucede que, no hemisfério sul, o mês de Maio corresponde a Novembro no hemisfério norte. O tempo refrescava de dia para dia e o Inverno, sem dúvida rigoroso naquelas paragens, não tardaria a chegar. A necessidade de encontrar uma habitação mais segura e confortável tornou-se, portanto, uma questão urgente e motivo de conversa da pequena colônia. Pencroff, apesar de muito afeiçoado às Chaminés, teve de concordar que aquele primeiro abrigo não oferecia muita segurança, até porque nada garantia que não fosse novamente invadido pelo mar.

- Além disso, devemos tomar algumas precauções...acrescentou Cyrus Smith.

- Mas porquê, se a ilha não é habitada? – perguntou Gedeão Spilett.

- Talvez não seja, mas é bom lembrar que ainda não a exploramos completamente - respondeu o engenheiro. – E mesmo que não haja mais ninguém, o que aqui não faltam são animais perigosos! A verdade é que precisamos de um abrigo seguro, que não obrigue um de nós a ficar acordado para atear o lume. Temos de prever tudo, meus amigos, porque, além do mais, esta parte do Pacífico é muito freqüentada por piratas...

- Pois quê? A tão grande distância de qualquer terra?espantou-se Harbert.

- É verdade, meu rapaz - disse o engenheiro. - Os piratas são marinheiros tão excelentes, quanto temíveis malfeitores, e mais vale estarmos prevenidos.

- Pois bem - disse Pencroff -, abriguemo-nos, então, de selvagens de duas e de quatro patas! Mas, senhor Cyrus, antes de resolvermos qualquer coisa, não seria conveniente explorar um pouco mais a ilha?

A sugestão do marinheiro foi aceite e, no dia seguinte, esquadrinharam palmo a palmo o planalto rochoso sobranceiro às Chaminés, na esperança de encontrar uma caverna suficientemente ampla. Todavia, os penedos de granito, lisos e direitos, não apresentavam a menor cavidade. Dirigiram-se, depois, para as margens norte e leste do lago, que ainda não conheciam. Harbert e Nab seguiam à frente, enquanto Smith, Spilett e Pencroff caminhavam um pouco atrás, em passo mais vagaroso. O engenheiro pensava ir encontrar, finalmente, o escoadouro, ou cascata, por onde se fazia a descarga das águas do lago para o mar. Mas, depois da volta completa, de escoadouro nem sinal!

- E, todavia, ele tem de estar em algum lado! – repetia Cyrus Smith, bastante intrigado. - E se não está à vista, é porque só pode ser um canal escavado no maciço de granito.

- Diga-me lá, meu caro Cyrus, isso tem assim tanta importância? - perguntou Gedeão Spilett.

- Tem e bastante! - respondeu o engenheiro. - Se as águas escavaram uma saída através da penedia, é provável que haja grutas que nos sirvam de habitação... depois de desviarmos as águas, está claro!

- E se a água se escoar pelo fundo? Por um canal subterrâneo? - perguntou Harbert.

- Nesse caso teremos de construir a nossa habitação, visto que a Natureza não nos fornece nenhuma - rematou o engenheiro.

A tarde avançava e o grupo já se dispunha a regressar às Chaminés, quando Top, que corria à frente, começou a dar sinais de grande agitação. O inteligente animal ora corria para a margem, ora voltava para trás, ladrando furiosamente. O dono acabou por lhe prestar atenção:

- O que é isso, Top?

O cão correu para o dono, voltou a disparar para a margem e mergulhou.

- Top! Aqui já! - gritou Cyrus Smith.

- Mas o que haverá lá em baixo? - perguntou Pencroff, observando atentamente a superfície do lago.

- Se calhar, o Top pressentiu algum animal - disse Harbert.

De repente, uma cabeçorra surgiu à superfície.

- É um manatim! - exclamou Harbert.

Mas não era um manatim; as narinas abertas na parte superior do focinho identificavam um dugongo, uma espécie de mamífero marinho. O enorme animal lançou-se sobre o cão, filou-o e mergulhou. Nab fez menção de se atirar ao lago com o seu pau ferrado, mas o patrão segurou-o pelo braço. Entretanto, desenrolava-se uma luta desigual e terrível debaixo de água! Era por demais evidente que Top não conseguiria resistir em semelhantes condições... Subitamente, porém, perante o olhar atônito de Cyrus e dos companheiros, o cão reapareceu à superfície no meio de um círculo de espuma, subiu vários metros nos ares, voltou a cair e nadou para a margem sem ferimentos graves. Contudo, mais estranho ainda que o miraculoso salvamento de Top, era o fato de a luta continuar lá em baixo! Teria o dugongo sido atacado por outro animal mais forte e, por causa disso, largado o cão? A luta não durou muito, porém. De repente, as águas tingiram-se de sangue e o dugongo voltou

a aparecer à tona, acabando por ir dar à margem sul do lago. Os colonos correram para lá. O dugongo estava morto. O enorme corpo, com mais de quatro metros de comprimento e perto dos dois mil quilos de peso, apresentava uma ferida no pescoço que, pelo aspecto, deveria ter sido feita por um objeto cortante. Ora que espécie de animal marinho poderia ter morto o formidável dugongo daquela maneira? Ninguém fazia a menor idéia. Cyrus Smith e os companheiros empreenderam o caminho de regresso às Chaminés, vivamente impressionados com o incidente que acabavam de presenciar.

Ao outro dia, 7 de Maio, o engenheiro e o repórter voltaram à pequena praia do lago, onde o dugongo viera morrer. Smith não só tencionava aproveitar a gordura e a carne do enorme animal, como não deixava de pensar no misterioso combate submarino da véspera. Olhava e tornava a olhar a superfície tranqüila do lago, que cintilava sob os primeiros raios de sol, sem que dali tirasse qualquer conclusão...

- O que é que você acha, Cyrus? Não me parece ver nada de suspeito nestas águas... - disse o repórter.

- Realmente... - respondeu o engenheiro. - Só não consigo encontrar uma explicação para o que aconteceu ontem.

- Uma ferida muito estranha, na verdade! E a forma como o Top foi atirado para fora de água? Parecia, até, ter sido arremessado por algum braço possante e que o mesmo braço armado de um punhal matou o dugongo.

- Tem razão - concordou Cyrus Smith, pensativo. Depois, meu caro Spilett, há outras coisas que também não consigo entender. Por exemplo, como é que me salvei das ondas e fui parar àquelas dunas? Eis aqui um mistério que ainda hei de desvendar, mas, por enquanto, acho melhor não comentarmos nada disto com os nossos companheiros.

O engenheiro continuava a fitar a superfície do lago, quando, de súbito, se deu conta de uma corrente forte a puxar para o lado sul do lago, justamente em direção ao ponto onde as margens formavam um ângulo. Naquele sítio, era bem visível que a água fazia uma espécie de remoinho e uma depressão, como se estivesse a ser sugada por um orifício qualquer... Cyrus Smith encaminhou-se rapidamente para lá, baixou-se e tratou de encostar o ouvido ao chão. Não havia dúvida! Aquele ruído surdo era o de uma corrente subterrânea.

- É aqui! - exclamou, pondo-se de pé. - É aqui que se faz a descarga para o mar através do granito! Grutas é que não faltarão e nós vamos aproveitá-las.

Cortou uma vara comprida, tirou-lhe as folhas e mergulhou-a no local onde a água fazia o sorvedouro. Imediatamente, o engenheiro constatou a existência de um grande buraco na parede de granito, apenas a uns quarenta centímetros da superfície.

Naquele ponto, a força da corrente era tal, que o ramo se lhe escapou da mão e foi arrastado pelo orifício abaixo.

- Já não tenho dúvida nenhuma! Aqui está o escoadouro e nós vamos pôr este túnel a descoberto.

- Mas como? - perguntou Gedeão Spilett.

- Fazendo descer o nível das águas. Um metro é quanto bastará.

- Mas como? - voltou a perguntar o repórter, sem entender.

- Abrindo outra saída para a água, maior do que esta, na margem mais próxima da costa!

- Essa é de penedos de granito...

- Que faremos explodir! - explicou o engenheiro. - E quando a água se escoar por aquele lado, esta abertura ficará a descoberto!

- E a água do lago vai desabar em cascata sobre a praia! - disse Spilett.

- Queda-d'água essa, que também nos há de ser útil rematou Cyrus Smith.

CAPÍTULO IX

Duas semanas tinham passado, desde que Smith e Spilett haviam localizado o escoadouro das águas excedentes do lago. Foram dias de trabalho intenso para a pequena colônia, empenhada em levar por diante o plano de fazer ir pelos ares parte da parede de granito que sustinha as águas do lago. Para tanto, precisavam obter uma substância explosiva, que foi conseguida a partir das piritis xistosas que existiam em abundância na jazida de hulha. Após diversas manipulações e morosos processos químicos sob orientação de Cyrus Smith, o sulfureto de ferro extraído das piritis foi transformado em sulfato, do qual se obteve ácido sulfúrico; seguidamente, por combinação deste com salitre, resultou ácido azótico. Por fim, o ácido foi posto em contacto com a glicerina extraída da gordura do dugongo, fornecendo diversas camadas de um líquido oleoso e amarelado. Desta última operação se ocupou Cyrus Smith, sozinho e longe das Chaminés, dado que envolvia sério risco de explosão.

Quando voltou para junto dos companheiros, trazendo na mão um recipiente com o tal líquido, limitou-se a dizer-lhes: "Nitroglicerina!"

- E é com esse licor que vamos fazer explodir os rochedos? Perguntou Pencroff, incrédulo.

- Exatamente! - retorquiu o engenheiro. - E quanto mais resistência a rocha oferecer- e nós sabemos que o granito é duríssimo - tanto maior será o efeito da nitroglicerina.

No dia seguinte, 21 de Maio, logo de manhã cedo, o grupo de mineiros improvisados dirigiu-se à penedia de granito, que funcionava como uma espécie de dique a conter as águas do lago. Era ali que o engenheiro tencionava abrir uma brecha por onde a água poderia sair, pondo a descoberto o orifício do escoadouro subterrâneo. Pencroff e Nab, munidos de picaretas, lançaram-se ao trabalho com tanta destreza e ardor que, pelas quatro da tarde, o buraco estava pronto para receber a carga de nitroglicerina. Na falta de fulminantes, Cyrus Smith preparou uma mecha de fibra vegetal embebida em enxofre, acendeu-a e correu a abrigar-se junto dos companheiros. Uns vinte e cinco minutos depois, o tempo que a fibra levou a arder, retumbou uma explosão tão violenta, que toda a ilha parecia estar a ser sacudida por um terremoto! Os nossos colonos, apesar de estarem bem a uns três quilômetros de distância, foram parar ao chão. Refeitos do abalo, subiram a correr ao planalto, direitos ao sítio da explosão.

Do peito de cada um saiu, então, um formidável "hurra!". O dique de granito abriu uma fenda considerável, e dessa fenda escapava-se agora uma torrente de água, que se despenhava do planalto e caía na praia de uma altura de quase cem metros!

Os colonos foram às Chaminés buscar picaretas, paus ferrados, cordas de fibra, isca e pederneira, e regressaram ao lago, dirigindo-se imediatamente à margem sul. Uma olhada foi suficiente para verificar que o plano do engenheiro resultara em cheio!

Efetivamente, o abaixamento do nível das águas pusera a descoberto a abertura do escoadouro, a qual lembrava uma dessas sarjetas que se vêem à beira dos passeios. Cyrus Smith aproximou-se e verificou que o túnel escavado pela força das águas era apenas ligeiramente inclinado, tornando-se assim praticável a descida. Era sua convicção que, em alguma parte, haveria uma cavidade suficientemente ampla para ser aproveitada como habitação.

- Então, senhor Cyrus, o que nos detém agora? – perguntou o marinheiro, desejoso de se aventurar pelo estreito corredor. - Olhem como o Top já lá vai à frente!

- Está bem! - disse o engenheiro. - Vamos lá, mas às escuras é que não... Nab, corta aí uns ramos resinosos.

Acesos os archotes, os colonos enfiaram pela abertura do túnel e começaram a descer, atados uns aos outros com cordas.

O chão, de rocha molhada e escorregadia, recomendava toda a prudência. Avançavam, pois, muito lentamente e sem trocar uma palavra, emocionados por se aventurarem pelo interior do maciço de granito, tão velho como a própria ilha... Teriam descido cerca de trinta metros, quando lhes chegaram aos ouvidos sons vindos lá do fundo.

- É o Top a ladrar! - exclamou Harbert.

- É mesmo! - disse Pencroff. - E parece que está zangado.

- Em frente, meus amigos! Não larguem os paus ferrados! - comandou Cyrus Smith.

Os latidos do cão, cada vez mais nítidos, exprimiam uma estranha raiva. Dominados pela curiosidade e sem cuidar nos perigos que podiam correr, os cinco homens deixavam-se praticamente escorregar pelo túnel, até que, de repente, a passagem alargou e desembocaram todos numa vasta caverna.

Ali estava o Top a correr de um lado para o outro e a ladrar furiosamente. Nab e Pencroff agitaram os archotes bem alto e em todas as direções, enquanto Cyrus Smith,

Gedeão Spilett e o jovem Harbert se mantinham atentos, empunhando os varapaus e prontos para qualquer eventualidade. Mas a enorme caverna estava vazia! Não havia sinais de outro ser vivo para além dos colonos e do cão, que, entretanto, continuava na maior agitação.

- É forçoso que haja por aqui uma saída qualquer das águas para o mar... - murmurou o engenheiro.

- Realmente - acrescentou o marinheiro -, e todo o cuidado é pouco, não caíamos nós nalgum buraco!

- Anda, Top! Busca! - gritou Cyrus Smith.

O cão, excitado com a voz do dono, correu para o extremo da caverna e pôs-se a ladrar ainda com mais força. Seguiram-no os colonos e foi então que, à luz dos archotes, descobriram a boca de um poço. Sem demora, Smith arrancou um galho aceso de um dos archotes e lançou-o no abismo. Minutos depois, a chama extinguiu-se lá no fundo com um leve crepitar, indicando que o galho atingira uma camada de água, isto é, o nível do mar. Calculando o tempo gasto na queda, o engenheiro concluiu que o mar se encontrava a cerca de trinta metros abaixo do nível da caverna e observou:

- Já temos casa!

Os desejos dos colonos estavam, assim, em grande parte realizados, graças ao acaso e à sagacidade do chefe. A partir de agora, dispunham de um abrigo seguro e suficientemente amplo para ser dividido, com paredes de tijolo, em diversos compartimentos. As águas do lago, que dantes atravessavam a caverna, não mais voltariam... O lugar estava livre! Contudo, duas questões importantes ficavam por resolver: a primeira era a iluminação natural da futura morada; a segunda prendia-se com a dificuldade de acesso pelo túnel do lago. Ora, durante a descida, o engenheiro notara que a parede anterior do escoadouro não era tão espessa quanto as outras, o que o levava a encarar a possibilidade de se abrirem ali uma porta e janelas, bem como de se instalar uma escada exterior. Destas idéias se apressou a dar conta aos companheiros.

- Mãos à obra, senhor Cyrus! - respondeu logo Pencroff. - A picareta já aqui está! Por onde começamos? E, cheio de entusiasmo, atacou o granito no local indicado pelo engenheiro. Durante duas horas, o penedo fiascou aos golpes do picão empunhado pelo marinheiro, que, de tempos a tempos, era rendido por Nab e pelo repórter. E tão bem trabalharam os nossos amigos, que ao cabo desse tempo a parede cedeu e a picareta, com o impulso, caiu para o exterior! - Viva! Viva! e mais "vivas"! - gritou Pencroff.

Cyrus Smith espreitou pela abertura. Lá em baixo, a uns vinte ou trinta metros, ficava a praia e, logo adiante, o ilhéu; depois, era o mar imenso a perder de vista... A luz do dia entrava agora, produzindo um efeito tão mágico no interior da caverna, que os colonos não contiveram uma exclamação de admiração!

Com efeito, dir-se-ia que estavam no interior de uma catedral, verdadeira obra-prima da Natureza, com paredes altíssimas rematadas em abóbada, sustentada por pilares de granito e meias colunas laterais.

- Ah! meus amigos - exclamou Cyrus Smith -, quando iluminarmos convenientemente este sítio e tivermos quartos, despensas e armazéns, esta parte central será destinada a museu e sala de estudo... Será o nosso salão!

- E que nome vamos pôr à nossa nova casa? - perguntou Harbert.

- Casa de Granito - respondeu o engenheiro.

E a denominação foi recebida com uma estrondosa salva de palmas.

CAPÍTULO X

As obras de apropriação e arranjo da nova morada começaram logo no dia seguinte, 22 de Maio. Na verdade, os colonos não viam a hora de trocar as Chaminés por aquela vasta e cômoda guarida, embora fosse intenção do engenheiro Smith não abandonar totalmente o local que lhes servira de primeiro abrigo na ilha, aproveitando-o para aí instalar uma oficina de trabalhos mais pesados.

Antes de tudo, porém, o primeiro cuidado dos colonos foi o reconhecimento da fachada exterior da caverna. Caminhando praia fora, chegaram ao local onde caíra a picareta. Na perpendicular, a meio do penhasco de granito, lá estava o orifício aberto na véspera, a menos de trinta metros do solo. Era justamente naquela parede virada a leste, que Cyrus Smith contava abrir a porta e as janelas com vista para o mar. Tal empreendimento não se apresentava tarefa fácil, caso contassem apenas com as picaretas e a força dos braços. Felizmente, porém, o nosso engenheiro era homem de grandes recursos e tratou de usar os restos da nitroglicerina, que, cuidadosamente aplicados, rebentaram o granito nos sítios escolhidos. Feito isto, desbastaram-se e alisaram-se os buracos a golpe de picareta e alvião, ficando a Casa de Granito dotada de uma porta, frestas e óculos, para além de cinco janelas em ogiva. A luz do dia entrava a rodos pela nova morada, iluminando-a até aos recantos mais escondidos!

De acordo com o plano traçado por Cyrus Smith, o espaço da caverna, ou melhor dizendo, da Casa de Granito, ficaria dividido em cinco quartos virados a nascente e separados por um corredor de vários compartimentos destinados a armazenar as reservas de alimentos e de lenha, os utensílios e as ferramentas. Do lado direito da entrada, seria instalada a cozinha e, logo a seguir, a sala de jantar e um "quarto de hóspedes", paredes-meia com o salão principal. Lugar é que não faltava para acomodar tudo e todos!

Adaptado este plano, restava dar-lhe execução, a começar pela escada exterior. Com efeito, a entrada pelo escoadouro do lago obrigava os nossos colonos a uma grande volta e, conseqüentemente, a fadigas e perdas de tempo desnecessárias. Assim se fez, e alguns dias depois, a escada da Casa de Granito estava pronta, tão sólida e resistente como o mais forte cabo. Na verdade, não era uma única escada, mas sim duas, porque, a fim de tornar a subida mais fácil, o engenheiro resolvera fazer uma espécie de patamar numa saliência natural situada a meia altura da fachada rochosa. Desse modo, havia uma escada da porta ao patamar e outra dali até à praia. Os montantes, ou seja, os suportes laterais, foram cuidadosamente confeccionados com fibras de uma espécie botânica da família dos juncos, solidamente atadas e entrelaçadas com a ajuda de um sarilho, enquanto os degraus, habilmente aparelhados por Pencroff, eram de madeira de cedro vermelho, muito leve e resistente. Aproveitando as fibras vegetais teceram-se mais cordas para

instalar um guindaste que, embora grosseiro, permitia içar os tijolos e outros materiais até ao nível da entrada, situada a uns vinte e cinco metros acima do solo. De resto, a idéia do engenheiro Smith era montar, mais tarde, um elevador hidráulico. Os nossos homens habituaram-se rapidamente a utilizar as escadas de corda, mas tal exercício apresentava sérias dificuldades para um cão. Foi Pencroff que, com infinita paciência, ensinou Top a conseguir a proeza, digna dos seus congêneres do circo!

Enfim, a 28 de Maio, o acesso exterior estava definitivamente instalado, dando-se início ao arranjo interior da Casa de Granito. E em boa hora, diga-se de passagem, que a estação invernal já se fazia sentir!

As obras interiores ocuparam todo o mês que se seguiu. A pequena colônia trabalhou dias a fio com entusiasmo e afínco, e também, porque não dizê-lo, alegria, graças ao sempre presente e contagiante bom-humor de Pencroff. O projeto do engenheiro Smith foi seguido à risca e, nos finais de Junho, a Casa de Granito estava

dividida em quartos com janelas para o mar, cozinha, salas de jantar e de estudo, despensas, arrecadação e oficina.

Mal os trabalhos de pedreiro ficaram concluídos, Cyrus Smith decidiu que, por questões de segurança, se tapasse definitivamente o orifício do antigo escoadouro do lago. A entrada do túnel foi, então, oculta com pedregulhos depois cobertos com ervas e ramagens. Antes, porém, e a pensar no abastecimento de água potável à Casa de Granito, abriram uma pequena abertura na parede do escoadouro abaixo da superfície do lago, o que garantiu o caudal suficiente para as necessidades do dia-a-dia.

Com as obras principais terminadas e o aparecimento das primeiras tempestades de Inverno, os colonos puderam apreciar devidamente os confortos e as vantagens da nova morada, em contraste com as precárias condições das Chaminés. Mas nem tudo estava pronto! Apesar das chuvas e do frio cada vez mais intenso, havia ainda outras tarefas a cumprir, de importância vital para todos. Grandes carregamentos de lenha e de carvão foram içados para a Casa de Granito e acomodados na arrecadação; ao mesmo tempo, Gedeão Spilett e Harbert, que nunca tinham deixado de trazer diariamente a carne fresca destinada às refeições dos colonos, passavam agora a maior parte do tempo em excursões de caça e pesca pelos arredores, encarregando-se Nab de salgar ou de pôr ao fumeiro essas provisões de carne e peixe para o Inverno.

Um dia, numa dessas saídas, em vez da habitual caça aos javalis e porcos-domato na floresta à beira do rio, o repórter e o rapaz resolveram dirigir-se para as bandas da margem sudoeste do lago. Era uma zona praticamente desconhecida e foi com grande satisfação que os nossos caçadores descobriram um prado fértil e verdejante, que, para além de inúmeras tocas de coelhos, oferecia uma grande variedade de ervas aromáticas e medicinais. O jovem Harbert, sempre interessado pelas coisas da Natureza e conhecedor das propriedades terapêuticas de algumas dessas plantas, tratou imediatamente de colher uma quantidade apreciável de manjerição, tomilho, erva-cidreira, serpão e rosmaninho. Ao fim da tarde, já em casa, Pencroff quis saber para que serviam todas aquelas ervas.

- Para nos tratarmos, quando estivermos doentes – respondeu o rapaz.
- Ora essa! E porque havíamos de adoecer, se não há médicos na ilha?

Já se vê que este comentário do marinheiro ficou sem resposta. Entretanto, as condições atmosféricas agravavam-se, com aguaceiros e fortes vendavais quase todos os dias. Apesar do tempo incerto, os colonos ainda empreenderam uma expedição ao ilhéu da Salvação, com a finalidade de obter a matéria--prima necessária ao fabrico de velas. Fora Pencroff quem levantara o problema da iluminação noturna da Casa de Granito e Cyrus Smith, como de costume, tivera resposta pronta:

- Nada mais fácil de resolver!
- Como assim?

- Vamos caçar focas e com a gordura fabricaremos as nossas velas! Bastará para tanto misturá-la com cal e ácido sulfúrico. De modo que, para haver luz que alumiasse a casa durante as longas noites da estação fria, foram sacrificadas seis focas. Além das gorduras, os colonos aproveitaram também as peles, que serviriam para fazer sapatos. No tocante ao vestuário, porém, é que ninguém tinha idéia, nem mesmo o engenheiro, de como substituir as roupas que traziam no corpo e que, à força de serem lavadas, acabariam inevitavelmente por se estragar.

Do fabrico das velas, passou-se ao dos móveis de primeira necessidade. Aí, Pencroff orientava os trabalhos como verdadeiro mestre de marcenaria e carpintaria e, em breve, os compartimentos estavam guarnecidos de mesas, bancos, armários e cabeceiras para as camas de colchão de junco; nas prateleiras da cozinha, alinhavam-se as louças e utensílios de barro, ao lado do magnífico forno de tijolos e da pedra de lavar. Enfim, pode dizer-se que a ilha Lincoln, embora longe de completamente explorada, provia já a quase

todas as necessidades da colônia. Mas de uma coisa sentiam os colonos grande falta: pão.

Certo dia - chovia torrencialmente lá fora - estavam todos reunidos na sala grande, quando, de repente, Harbert exclamou:

- Olha, olha, um grão de trigo!

- Um grão de trigo? - perguntou vivamente o engenheiro.

- Sim, sim, mas só um! Estava aqui na costura do meu casaco...

E o rapaz explicou que, em Richmond, costumava andar com trigo nas algibeiras para dar de comer aos pombos.

- Olha que grande descoberta, meu rapaz! - comentou Pencroff. - Para o que é que nos servirá um único grão de trigo?

- Para fazer pão - foi a resposta breve de Cyrus Smith.

- E porque não, também, tortas e bolos? - voltou o marinheiro, incrédulo.

O engenheiro pegou no grão e examinou-o atentamente. Verificando que estava em bom estado, voltou-se para o marinheiro:

- Pencroff, você tem alguma idéia de quantas espigas de trigo pode dar um só grão?

- Uma, suponho eu.

- Dez, meu amigo! E sabe quantos grãos tem uma espiga? Oitenta, pelo menos. Ora bem, se semearmos este grãozinho, e ele medrar, colheremos oitocentos grãos que, por sua vez, produzirão seiscentos e quarenta mil e por aí fora... A proporção é esta!

Os companheiros, pasmados, nem queriam acreditar. E, no entanto, as contas de Cyrus Smith eram exatas.

- Sendo assim, temos de semear este grão! - disse Harbert.

A altura do ano não podia ser mais propícia. Subiram ao planalto e escolheram um sítio adequado, abrigado dos ventos e exposto ao sol. Depois, com a terra limpa de inseto e de vermes, procedeu-se, com alguma solenidade, à sementeira do pequeno grão, promessa de avultadas colheitas! A partir daí, não se passou um só dia, sem que Pencroff subisse ao planalto a inspecionar a sua "seara de trigo", como fazia questão de dizer. Nestas tarefas e cuidados foram decorrendo as primeiras semanas de Julho, que no hemisfério sul corresponde ao mês de Janeiro. Após chuvas intermináveis, a temperatura desceu bruscamente para valores abaixo de zero, fazendo gelar a superfície do lago.

Ora num desses dias de tempo frio mas bastante seco, os nossos colonos resolveram fazer uma excursão até uma zona da ilha aonde nunca tinham ido. Agasalhando-se o melhor que podiam, desceram da Casa de Granito às primeiras horas da manhã, decididos a explorar a costa sudeste, para lá do rio Mercy. Depois de atravessarem o curso de água, praticamente gelado, dobraram uma ponta e foram dar a uma extensa praia.

Seriam oito da manhã e o Sol nascia no horizonte, sobre um oceano tão azul e tranqüilo como qualquer golfo do Mediterrâneo; não soprava a mais leve brisa e o céu estava limpo. Lá ao fundo, a umas centenas de metros para sul, perfilava-se um cabo recurvado em forma de garra, enquanto que para a direita se estendia uma vasta região pantanosa, que terminava a oeste numa imensa mancha de floresta. Decerto, não faltaria naquele lugar grande variedade de aves aquáticas a prometer uma boa caçada!

Os exploradores sentaram-se para o almoço de carnes frias e chá de ervas, que Nab tivera o cuidado de trazer. Enquanto comiam, observavam a grande baía invadida por blocos de gelo, tão desolada como uma praia da região antártica e tão diferente da costa da ilha Lincoln onde se tinham instalado...

Gedeão Spilett quebrou o silêncio, exprimindo o que ia na cabeça de todos:

- Se o furacão nos tivesse atirado para estas bandas, mas que péssima impressão não teríamos da nossa futura terra!

- Estou convencido de que nem chegaríamos à praia respondeu o engenheiro. - O mar aqui é muito fundo, sem rochas nem bancos de areia... Não, aqui não havia salvação possível!

Finda a refeição, os colonos prosseguiram a exploração e dali a pouco chegavam aos pântanos cobertos de limos, juncos e erva espessa. Era de recear que, pelo tempo quente, aquele local fosse bastante insalubre, carregado dos miasmas que provocam o paludismo.

Como se previa, o imenso paul era habitado por muitas aves aquáticas que sobrevoavam a erva alta. Eram tantos os patos-bravos, as narcejas e as galinhas, e em bandos tão cerrados, que bastaram umas flechadas para abater uma dúzia de patos-tadornos, que Top corria a recolher. Sem dúvida que os colonos tinham ali uma abundante reserva de caça!

Pelas cinco da tarde, Cyrus Smith e os companheiros empreenderam o caminho de regresso, atravessando o pântano dos Tadornos, como passaram a chamar-lhe.

CAPÍTULO XI

Os grandes frios continuavam, mas nem por isso Spilett, Pencroff e Harbert deixavam de sair, para caçar nas imediações da Casa de Granito. De repente, tinha-lhes ocorrido montar armadilhas no planalto e na orla da floresta, e iam diariamente verificar se algum animal caíra nas covas tapadas com troncos e ramagens. Por este processo, apanharam não só umas quantas raposas, impróprias para comer, como também, e para grande contentamento do marinheiro, vários porcos-do-mato ou, mais concretamente, pécaris.

Subitamente, a 15 de Agosto, o tempo mudou. Primeiro, levantou-se uma forte ventania de noroeste e, logo a seguir, começou a nevar sem parar! Ao fim de uns dias, toda a ilha ficou coberta de um manto branco com cerca de sessenta centímetros de altura.

De 20 a 25 de Agosto, a tempestade recrudescceu de tal modo, que ninguém conseguiu pôr um pé fora da Casa de Granito. Lá no alto, ouvindo os rugidos do mar e as ondas a embater nos recifes, os nossos colonos não se cansavam de dar graças por aquele abrigo, tão seguro como inexpugnável! Ali, encontravam-se a salvo de todos os temporais, por mais violentos que fossem. Esses dias de reclusão forçada, aproveitaram-nos os colonos na construção de mais peças de mobiliário, porque reservas de madeira é que não faltavam.

Finalmente, na última semana de Agosto, as condições atmosféricas melhoraram e os nossos amigos apressaram-se a descer à praia; daí, subiram ao planalto e depararam com a vista impressionante da ilha completamente branca. A neve não tardaria, contudo, a derreter, porque, pouco depois, a temperatura subiu e começou a chover. Os colonos aproveitaram a melhoria do tempo para renovar não apenas as provisões de alimentos, como pinhões e raízes de dragoeiro, coelhos bravos e cutias, mas também as de lenha e carvão. E andaram bem a tratar das reservas, porque, de repente, o vento virou a sueste e o frio tornou-se penetrantíssimo! A neve voltou e, se acaso tivessem um termómetro, pelos cálculos do engenheiro ele marcaria seguramente uns vinte graus negativos.

Em semelhantes condições, a pequena colônia não teve alternativa senão ficar novamente enclausurada na Casa de Granito. Ia o mês de Setembro a meio e já todos começavam a ressentir-se da situação, se bem que procurassem manter-se sempre ocupados com pequenos trabalhos de arranjo dos interiores e outras tarefas úteis. Por

outro lado, passavam longas horas em torno das chamas da lareira, ouvindo atentamente o engenheiro que não perdia uma oportunidade para instruir os companheiros acerca dos mais variados assuntos. Mas convém referir que, depois de Pencroff, quem mais sofria com o encerramento forçado era o cão. Top dava sinais do seu aborrecimento, andando agitado de um lado para o outro, a vasculhar todos os recantos.

Com o passar dos dias, Cyrus Smith, embora sem estar especialmente atento ao comportamento do animal, acabou por reparar que Top começava a rosnar, sempre que entrava na arrecadação e se aproximava da boca do poço que ia dar ao mar; por vezes, punha-se a andar à volta do buraco, agora tapado, tentando mesmo retirar a tampa de madeira com as patas. Este singular comportamento não podia deixar de intrigar o engenheiro Smith. Que haveria naquele abismo para impressionar a tal ponto o cão? As hipóteses podiam ser várias, contudo, certezas não havia nenhuma. Talvez por isso, resolveu guardar para si tais reflexões.

Nos últimos dias de Setembro, cessaram por fim os grandes frios, e os gelos e a neve acabaram por derreter. A praia, o planalto, a margem do Mercy e a floresta voltaram a estar praticáveis e os moradores da Casa de Granito celebraram festivamente a chegada da Primavera!

A primeira coisa que Pencroff fez, foi passar revista às armadilhas. Numa delas, encontrou um pecari fêmea com duas crias. Encantado com a caçada, carregou os bichos para casa, proclamando bem ao seu jeito:

- Ora vejam lá isto! Hoje é que vamos ter um jantar de categoria, senhor Cyrus! Nada mais, nada menos que leitão assado.

O jantar foi servido às seis, na sala de jantar da Casa de Granito. Depois de um excelente caldo de aves, seguiram-se os famosos "leitões", isto é, as crias de pecari, que o marinheiro fez questão de trincar e servir.

A carne era verdadeiramente saborosa e Pencroff quase devorava o seu quinhão com um apetite assinalável, quando, de súbito, soltou uma praga.

- O que é isso, Pencroff? - perguntou Cyrus Smith.

- "Irra"! Três vezes "irra"! Acho que parti um dente! respondeu o marinheiro.

- Ora essa! Não me diga que os seus belos pecaris têm pedras? - gracejou Gedeão Spilett.

- Até parece que sim... - retorquiu Pencroff, retirando da boca um pequeno objeto duro.

Mas não era pedra nenhuma... Era um grão de chumbo!

SEGUNDA PARTE

OS ABANDONADOS

CAPÍTULO I

Havia sete meses bem contados que o balão atirara os cinco passageiros às praias da ilha Lincoln, sem que, durante todo esse tempo, os colonos tivessem detectado o mais pequeno sinal de presença humana. De repente, todas as suas deduções e convicções eram postas em causa por um simples grão de chumbo encontrado no corpo de um pecari!

E motivos havia para o espanto, e alguma apreensão também, que naquele momento cada um dos colonos não deixaria de sentir. É que o chumbo só podia ter saído de uma arma de fogo disparada por um ser humano!

Cyrus Smith pegou no chumbinho, virou-o e tornou a virá-lo entre os dedos e perguntou de chofre a Pencroff:

- Tem a certeza de que o pecari não tinha mais de três meses?

- Absoluta, senhor Cyrus! Pois se, quando o encontrei na cova, ainda estava a mamar na teta da mãe!

- Sendo assim, fica provado que nos últimos três meses alguém disparou um tiro de espingarda na ilha Lincoln. Daqui podemos concluir como certo que, das duas, uma: ou a ilha já era habitada quando cá chegamos, ou alguém desembarcou nestas costas nestes últimos tempos... Claro que também pode ser um naufrago, ou naufragos. - E o engenheiro continuou: - O que não podemos adivinhar é se trata-se de um ou mais homens, se são amigos ou inimigos, americanos, europeus ou indígenas...

- Não, isso não pode ser! Mil vezes não! - exaltou-se o marinheiro. - Não há mais ninguém nesta ilha além de nós cinco! Que diabo, se tivesse habitantes, já os teríamos visto.

- O Pencroff tem razão e o contrário é que seria de admirar concordou Harbert.

- O que seria de admirar é que este animalzito tivesse nascido com um chumbo no corpo! - comentou Gedeão Spilett.

O engenheiro Smith retomou a palavra:

- A pessoa, ou pessoas que desembarcaram na ilha, ou estiveram de passagem, ou ainda cá estão. E é isto, meus amigos, que temos de averiguar, porque receio bastante que sejam piratas!

- Senhor Cyrus, não acha que devíamos construir uma embarcação para subir o rio Mercy e talvez, quem sabe, navegar à volta da ilha?

- Excelente idéia, Pencroff, e o melhor é começarmos já, porque a construção de um barco não leva menos de um mês!

- Um barco a sério talvez -olveu o marinheiro -, mas nós só precisamos de uma espécie de canoa, de um bote que seja capaz de navegar rio acima! Isso faço eu em cinco dias!

- Pois então esperemos cinco dias e, até lá, todo o cuidado é pouco! Quanto a caçadas, só aqui perto da Casa de Granito - rematou Cyrus Smith.

Logo na manhã seguinte, Pencroff saiu à procura das árvores mais adequadas para fazer o bote. Depois de encontrar o que pretendia, tratou de retirar as placas de casca necessárias, tarefa complicada dada a falta de ferramenta apropriada. Porém, com a ajuda de Cyrus Smith e das ferramentas rudimentares de que dispunham, juntamente com muita habilidade, lá se conseguiu a madeira e a construção da barca começou.

Num desses dias em que Pencroff e o engenheiro se dedicaram por inteiro às artes de carpintaria naval, Harbert e Nab, andando a passear pela praia a uns dois quilômetros da Casa de Granito, avistaram uma tartaruga enorme que se escapulia para o mar.

- Anda daí, Nab, vem ajudar-me! Um manjar daqueles não se pode perder! - A idéia do rapaz era virar a tartaruga de barriga para o ar, para que não pudesse fugir enquanto iam buscar a carroça para a transportar até casa. Meteram os paus debaixo do animal e, conjugando as forças, deram-lhe a volta. A tartaruga, um magnífico exemplar da ordem dos quelônios, devia pesar quase duzentos quilos!

- Quem vai ficar todo contente é o Pencroff! - exclamou o jovem negro.

Para maior segurança, ainda colocaram uns quantos pedregulhos a toda a volta do réptil e correram a buscar a carroça construída por Pencroff, cujo único "defeito" era o de ter de ser puxada à força de braços, à falta de animais de tiro. Porém, quando voltaram, só acharam o sítio! A tartaruga desaparecera sem deixar rasto!

- Esta agora! Então, afinal, estes bicharocos conseguem voltar-se sozinhos? - espantou-se Nab.

- Pelos vistos... - respondeu Harbert.

O rapaz mirava os pedregulhos, perplexo, sem compreender o que se passara. Regressaram, pois, com a carroça vazia, e Harbert foi sem demora contar ao engenheiro o sucedido. Cyrus Smith estava a ajudar Pencroff no estaleiro improvisado. Depois de ouvir o relato dos acontecimentos com toda a atenção, perguntou a que distância do mar tinham deixado a tartaruga e, ainda, se a maré estava vazia, concluindo, pelas respostas de Harbert, que, provavelmente, com a subida da maré o animal conseguira voltar-se, coisa realmente impossível na areia seca. No entanto, e apesar da explicação sugerida, estaria Smith realmente convencido?

O bote ficou pronto a 29 de Outubro, precisamente no prazo prometido pelo marinheiro. Era uma espécie de canoa larga e de fundo chato, com três metros e meio de comprimento e três bancos, um à ré, outro ao meio e um terceiro à proa, além das forquilhas para os remos. Pencroff também não esquecerá um terceiro remo de pá larga, destinado a governar a embarcação à popa.

Sem perda de tempo, trataram de experimentar o bote, pondo-o a flutuar nas águas do canal. Pencroff subiu para o barquinho e, depois de se certificar de que não metia água, concluiu que estava em perfeitas condições para navegar.

- Hurra! - gritou ele, entusiasmado. - Com isto até se dava a volta...

- Ao mundo? - perguntou o repórter, na brincadeira.

- Não, à ilha! E se o senhor Smith nos arranjasse uma vela, punha-se aqui um mastro e íamos longe! Vá, subam todos, que diabo! Sempre quero ver se o nosso bote pode com os cinco. E, na verdade, convinha fazer essa experiência. Depois de embarcarem, Pencroff manobrou o barco para fora do canal, e, com Nab e Harbert nos outros remos, dirigiram-se para a foz do Mercy. Ultrapassada esta, contornaram a ponta que separava a praia da Casa de Granito da grande baía do pântano dos Tadornos. O mar estava calmo e o barquinho navegava na perfeição, sempre junto à costa. O repórter ia desenhando a traços largos os pormenores do litoral; Nab, Pencroff e Harbert conversavam animadamente disto e daquilo, e Cyrus Smith olhava a praia sem dizer uma palavra. Subitamente, Harbert pôs-se de pé e apontou um ponto escuro no areal.

- Que será aquilo acolá na praia?

Pencroff apurou a vista e declarou sem hesitar:

- Barricas! São barricas que vieram dar à costa. Se calhar, estão cheias!

- Toca a remar para terra! - comandou Smith.

O marinheiro não se enganara. Eram mesmo duas barricas, quase enterradas na areia, amarradas a um grande caixote, que, desse modo, viera a boiar para terra. O caixote era de excelente qualidade, todo forrado a couro e com pregos de cobre; por outro lado, as cordas que o prendiam às barricas estavam solidamente amarradas com "nós de marinheiro", conforme notou logo Pencroff, que ardia de impaciência e curiosidade. Por ele, rebentavam já ali o caixote à pedrada, mas o engenheiro observou que seria mais conveniente rebocar tudo até à praia da Casa de Granito, onde facilmente abririam o caixote sem o danificar. Concordaram todos, e, após terem atado solidamente as barricas ao bote, remaram para casa.

Pelo caminho, os colonos foram tecendo conjecturas acerca da recente descoberta. O mais provável é que o caixote pertencesse a um navio naufragado... E ter-se-ia salvo alguém nesse naufrágio? Talvez o dono do caixote... Quem sabe, até, se este incidente não estaria ligado ao grão de chumbo?

- O que temos a fazer é abrir a caixa e fazer o inventário completo do que contém - disse Cyrus Smith. - Depois, há que procurar possíveis sobreviventes desse naufrágio, se é que houve algum. Se encontrarmos alguém, entregamos as coisas; se não encontrarmos...

- Ficamos nós com elas! - atalhou Pencroff.

E assim conversando chegaram à praia da Casa de Granito. Desembarcaram e puxaram as barricas e o caixote para a areia seca, enquanto Nab subia lá acima a buscar as ferramentas. Desataram as barricas, muito aproveitáveis, e logo a seguir fizeram saltar as fechaduras do caixote. O interior era forrado com chapa de zinco que, depois de cortada, foi afastada para os lados, revelando aos olhares extasiados dos colonos os mais variados objetos. À medida que as coisas iam sendo tiradas lá de dentro e alinhadas na areia, Pencroff dava "vivas!", Harbert batia palmas e Nab, então, não parava de saltar!

Quando o último objeto foi retirado, os colonos tinham razões de sobra para estar contentes. Havia ali de tudo um pouco, armas, roupas, instrumentos... e até livros! Segue-se a lista completa, anotada por Gedeão Spilett no seu caderninho:

Ferramentas:

3 navalhas

2 machados de cortar lenha

2 machados de carpinteiro

3 plainas

2 enxós

1 enxó de dois gumes

6 tenazes

2 limas
3 martelos
3 verrumas
2 brocas
10 sacos de pregos e parafusos
3 serras de diferentes tamanhos
2 caixas de agulhas

Armas:

2 espingardas de pederneira
2 espingardas de cápsula
2 carabinas
5 facas de mato
4 sabres de abordagem
2 barris de pólvora
12 caixas de cápsulas fulminantes

Instrumentos:

1 sextante
1 binóculo
1 óculo de longo alcance
1 estojo com compasso
1 bússola
1 termômetro
1 barômetro
1 caixa com máquina fotográfica, película e material de revelação

Vestuário:

2 dúzias de camisas (de um tecido especial, semelhante à lã)
2 dúzias de meias do mesmo fio

Utensílios:

1 caldeirão de ferro
6 caçarolas de cobre
3 pratos de ferro
2 chaleiras
1 fogão portátil
6 facas de cozinha
10 talheres de alumínio

Livros:

1 Bíblia
1 Atlas
1 dicionário das línguas faladas nos arquipélagos do Pacífico
1 enciclopédia de ciências naturais (seis volumes)
3 resmas de papel de escrever
2 cadernos (com as folhas em branco)

Findo o inventário, o repórter não se conteve:

- Está visto que o dono de tudo isto era homem prático e muito previdente! Parece mesmo que estava à espera de naufragar e que já tinha este caixote preparado para semelhante eventualidade!

- É justamente isso que me intriga... Realmente, não falta aqui nada! - comentou o engenheiro com ar pensativo.

- E se procurássemos nestas coisas alguma marca, um nome, uma morada, que nos esclarecesse quanto à identidade do proprietário ou, pelo menos, a sua proveniência? – propôs Gedeão Spilett.

A idéia era oportuna e cada um dos objetos foi minuciosamente revistado, com especial atenção para as armas e livros. Contudo - e contrariamente ao que seria normal – não encontraram um nome, ou sequer iniciais, nem marca dos fabricantes, nem referência a tipografias... Nada! Outro fato estranho era o aspecto absolutamente novo das ferramentas, utensílios, instrumentos e tudo o mais, como se nada daquilo tivesse sido usado alguma vez.

O resto do dia foi dedicado ao transporte do conteúdo do caixote para a sala grande da Casa de Granito, onde tudo ficou devidamente arrumado.

No dia seguinte, 30 de Outubro, estava tudo a postos para a expedição. Na verdade, os últimos incidentes - a descoberta do grão de chumbo e do caixote - tornavam urgente uma viagem de exploração da ilha. O plano do engenheiro consistia em subir o Mercy até onde fosse navegável, de modo a avançar no sentido oeste com o mínimo de esforço e de fadigas.

Às seis horas da manhã, os nossos colonos empurraram o bote para a água e embarcaram. A bordo, levavam reservas de carne para três dias e o fogãozinho portátil que vinha no caixote, bem como dois machados de lenhador, caso fosse preciso desbravar mato, as espingardas de pederneira, uma carabina, as facas de mato, o óculo de longo alcance e a bússola. Estavam, portanto, graças ao caixote providencial, devidamente equipados para se aventurarem na floresta desconhecida.

Chegados à foz do Mercy, após meia hora de espera pela maré favorável, iniciaram a subida do rio aproveitando a corrente da enchente. Pelas dez da manhã, atingiram a segunda curva, uns oito quilômetros a montante, e Cyrus Smith decidiu que acostassem para almoçar.

As florestas das margens estendiam-se a perder de vista, mas, até ali e tanto quanto puderam observar, não havia o menor indício da presença de homens por aquelas paragens. O engenheiro tinha pressa de chegar à costa ocidental da ilha Lincoln - a cerca de dez quilômetros de distância, segundo calculava - e, assim, não demoraram a embarcar de novo.

À medida que navegavam rio acima, a profundidade do curso de água ia diminuindo, assim como a força da corrente, que a dada altura cessou por completo. Nab e Harbert pegaram nos remos e a subida prosseguiu. Pencroff manobrava à popa, enquanto Smith e Spilett seguiam atentos às margens. A paisagem, entretanto, também se modificara e à floresta quase impenetrável sucediam-se agora árvores cada vez mais dispersas e vastas clareiras. Harbert reconheceu imediatamente algumas dessas árvores como sendo eucaliptos, o que confirmava a teoria do engenheiro Smith de que a ilha Lincoln estaria à mesma latitude da Austrália e da Nova Zelândia.

A meio da tarde, avançava-se a custo. O leito do rio estreitava por entre penedias e o caudal, cada vez mais baixo, estava juncado de rochas e plantas aquáticas. Era evidente que se aproximavam da nascente do Mercy e, por conseguinte, dos contrafortes do monte Franklin...

- Não tarda muito vamos ser obrigados a parar, senhor Cyrus! - observou o marinheiro.

- Paremos, então! São horas de pensar no acampamento respondeu Cyrus Smith.

Naquele local, o rio já não teria mais de três metros de largo e o bote quase roçava no leito pedregoso... Mais uma curva e tocou no fundo. Os colonos desembarcaram na margem direita e amarraram a barca a um tronco. Eram cinco da tarde e a noite não tardaria. Acenderam uma fogueira e cearam com um apetite devorador. Depois, os nossos exploradores acomodaram-se o melhor que podiam por entre os ramos de um maciço de lódãos e adormeceram profundamente.

CAPÍTULO II

Pelas seis da manhã, os colonos já estavam a postos para prosseguir a pé a expedição em direção a oeste. Antes de partirem, verificaram a amarração do bote e, depois de decidido o melhor caminho a seguir, Cyrus Smith recomendou expressamente que não se fizesse uso das armas de fogo quando se aproximassem do litoral. Esta precaução desagradou bastante a Pencroff, que, de boa vontade, mandaria umas cargas de chumbo aos javalis e cutias que, pelos vistos, abundavam por aqueles sítios!

Três horas depois, os colonos viram o caminho barrado por um curso de água desconhecido, com poucos metros de largo e uma corrente fortíssima. O leito rochoso e irregular apresentava uma série de declives e rápidos, tornando a navegação impraticável.

- E agora, senhor Cyrus? Estamos cortados? – perguntou Pencroff.

- Não passa de uma ribeira! Podemos atravessar a nado sugeriu Harbert.

- Não vale a pena - atalhou Cyrus Smith. - É evidente que este ribeiro corre para o mar, portanto, se seguirmos pela margem, vamos dar à costa. A caminho!

O terreno não apresentava dificuldades ou obstáculos de maior, pelo que a marcha decorria com rapidez; também por ali não era visível qualquer pegada ou outro indício da passagem de seres humanos. Finalmente, por volta das dez e meia, Harbert, que seguia na dianteira, parou de repente, soltando uma exclamação:

- Olha o mar!

Não restavam dúvidas! Sem qualquer zona de transição, o arvoredo terminava abruptamente mesmo à beira do oceano, enquanto o regato se despenhava de um último declive. Que contraste entre aquela costa e a outra onde o destino os lançara! Ali não havia muralha de granito, rochas ou escolhos pelo mar fora, sequer uma praia! Perante aquela orla florestal admirável, onde, porém, seria impossível qualquer acostagem, o plano inicial foi alterado. Os colonos tinham deixado a Casa de Granito com a intenção de explorar a costa ocidental, após o que regressariam pelo mesmo caminho, isto é, descendo o Mercy no bote. Agora, parecia-lhes mais proveitoso prosseguirem a exploração para sul, contornando a costa meridional até casa.

O almoço foi rápido e os colonos retomaram a marcha seguindo a orla da floresta junto ao mar. Pelas seis da tarde, mortos de cansaço, atingiram o promontório sul em forma de cauda de réptil, pormenor que lhes chamara a atenção lá do alto do monte Franklin. A partir dali, a floresta recuava novamente para o interior e o litoral apresentava o aspecto habitual, de rochedos e praia de areia. Mas escurecia e impunha-se encontrar abrigo para a noite.

Aquela parte da costa, bastante batida pelo mar, era pródiga em reentrâncias e cavidades nas rochas, pelo que Harbert e o marinheiro não demoraram muito a encontrar uma gruta que lhes pareceu adequada. Dispunham-se a entrar para inspecionar melhor o local, quando ouviram um rugido medonho que vinha lá do fundo!

- Para trás! - gritou Pencroff. - Os grãos de chumbo das nossas espingardas numa fera com um rugir destes fazem o mesmo efeito que grãos de sal.

E os dois amigos correram a esconder-se atrás de um penedo.

À entrada da gruta, perfilava-se um jaguar com cerca de um metro e sessenta da cabeça ao começo da cauda! O animal avançou e pôs-se a olhar em redor, com o pêlo todo eriçado...

Nesse preciso momento, Gedeão Spilett surgiu no campo de visão dos dois companheiros entrincheirados; de carabina apoiada no ombro, avançava lentamente para a fera. A dez passos de distância, parou e fez pontaria. Harbert e Pencroff sustinham a respiração... Nisto, o jaguar encolheu-se todo e saltou!

Mais rápido, o repórter fez fogo e o animal caiu morto com uma bala entre os olhos.

Smith e Nab acorreram ao ouvir o disparo. Nesse momento, já Pencroff estava a admirar o jaguar e a imaginar como a respectiva pele ficaria bem numa das paredes do salão da Casa de Granito!

- Ah! Senhor Spilett, se o senhor soubesse como eu admiro a sua calma e a sua pontaria! - exclamou Harbert, entusiasmado.

- Ora, meu rapaz, terias feito a mesma coisa! - respondeu o repórter. - E agora, companheiros, por que esperamos para entrar no abrigo?

- Alto lá, que podem aparecer outros! - alarmou-se o marinheiro.

- Se fizermos um bom lume à entrada, não há um que se atreva a entrar - garantiu Spilett.

E vai daí começaram a amontoar grande quantidade de lenha diante da gruta, enquanto Nab tratava de esfolar o jaguar. Cyrus Smith encaminhou-se para uma pequena mata de bambus, que avistara ali perto, e cortou umas quantas canas que misturou na pilha de lenha. Assim que acenderam a fogueira, começaram a soar estampidos que nem petardos e fogo-de-artifício! Eram as canas de bambu a estalar com o lume e só a barulheira que faziam chegava e sobejava para assustar as feras mais afoitas!

Este engenhoso processo de afastar animais indesejáveis não foi, porém, invenção do engenheiro. Conforme explicou aos amigos, já Marco Pólo o referia nos relatos das suas viagens, como sendo muito utilizado pelos **Tártaros** nos acampamentos da Ásia Central. Bem, o certo é que os nossos exploradores puderam comer e dormir em paz naquela gruta de chão de areia macia.

Ao raiar da aurora, o grupo pôs-se a caminho. Diante dos colonos, estendiam-se quilômetros de uma costa ainda desconhecida, e que, segundo os cálculos do engenheiro, devia terminar no cabo em forma de garra que, por sua vez, limitava a sul a grande baía dos pântanos onde aparecera o caixote misterioso. Os nossos amigos caminhavam pela beira-mar, enquanto Top corria ao longo da floresta, farejando e buscando como era seu hábito, quando o marinheiro, sempre atento aos pormenores do mar, observou:

- Se algum navio arribasse a esta praia, era certo e sabido que se perdia! Olhem os bancos de areia e acolá os recifes... Que raio de sítio!

- Mas sempre ficariam destroços! - alvitrou o repórter.

- Qual quê! Só se nas rochas, que estas areias engolem tudo num abrir e fechar de olhos! Até o casco de um navio respondeu Pencroff.

Mas, apesar de procurarem por entre todas as rochas e recifes com que topavam, não acharam um único vestígio de naufrágio.

A meio da tarde, já relativamente perto do cabo da Garra, chegaram os colonos a um recorte pronunciado da costa, uma espécie de estreita enseada que formava, por assim dizer, um pequeno porto natural. A enseada, invisível do lado do mar, era rodeada por frondosa mata de pinheiros marítimos que subia suavemente em direção ao planalto. Gedeão Spilett propôs que se fizesse ali uma paragem e todos concordaram de bom grado. A caminhada aguçara-lhes o apetite e, minutos depois, devoravam as provisões que Nab tirara da sacola. Depois do lanche, Cyrus Smith pegou no óculo e pôs-se a esquadrihar atentamente, não só a linha do horizonte, como a parte do litoral que lhes

faltava percorrer. Porém, não avistou coisa alguma... Nem sombra de navio no mar, nem um único destroço ou objeto suspeito em terra.

- Bem, pelos vistos resta-nos a consolação de ficarmos com a ilha Lincoln só para nós! - comentou Gedeão Spilett.

Mal esta frase fora dita, surgiu Top a correr, vindo da mata, com um pedaço de tecido preso na boca! Nab apressou-se a tirar-lhe o farrapo dos dentes e o cão desatou a ladrar, correndo para trás e para a frente como a pedir que o seguissem.

- Pode ser que esteja acolá a explicação para o meu grão de chumbo!- disse Pencroff.

- Pode ser um naufrago! - sugeriu Harbert.

- E talvez esteja ferido! - acrescentou Nab.

- Ou morto! - rematou o repórter.

E lançaram-se todos atrás do cão. Ao cabo de cinco minutos de corrida precipitada através do pinhal, Top estacou diante de um pinheiro gigantesco. À primeira vista, não havia ali nada de suspeito, e, todavia, o cão não parava de ladrar.

- Então, Top, o que é isso? - perguntou Cyrus Smith.

De repente, a resposta veio de Pencroff:

- Ah! e esta agora? Quem havia de dizer que os destroços que tanto procuramos em terra e no mar, afinal estavam no ar! - E o marinheiro apontava para o topo da árvore, donde pendia uma espécie de enorme farrapo esbranquiçado!

- Ora ali está, meus amigos, o que resta do nosso balão!

E que porção de pano, e do melhor, para fazermos camisas, lenços e o resto...! Então, senhor Spilett, o que é que tem a dizer de uma ilha onde as camisas nascem nas árvores como fruta?

Era, na verdade, uma circunstância afortunada para os colonos, aquela de o balão ter caído na ilha e de ter sido encontrado e, como é bom de ver, a alegria de Pencroff foi efusivamente partilhada. Contudo, urgia tirar o invólucro do balão lá de cima, tarefa tão arriscada, quanto trabalhosa.

Nab, Harbert e o marinheiro treparam ao pinheiro e só ao cabo de quase duas horas é que conseguiram desprender não só o tecido, como também as molas, as guarnições de cobre, as redes e a âncora do aeróstato, que julgavam perdido no mar. Em suma, caíra-lhes do céu uma autêntica fortuna!

- Este tecido que aqui temos, senhor Cyrus, chega e sobeja para as velas de um bom barco de vinte toneladas e ainda sobra para nos vestirmos! - exclamou o marinheiro.

- Veremos, veremos! - respondeu o engenheiro.

- Mas até lá, convinha guardar tudo em lugar seguro lembrou o jovem negro.

Nab tinha razão. Era impensável carregar aquele material tão pesado até à Casa de Granito e, enquanto não houvesse caminho para trazer a carroça, o importante achado devia ficar escondido. Assim sendo, arrastaram a tela e os restos do balão até à enseada e puseram tudo a bom recato numa espécie de gruta dissimulada entre os penhascos.

Nestes trabalhos foi a tarde passando, de modo que já escurecia, quando os colonos contornaram o cabo da Garra para a baía dos pântanos. Daí a nada, chegavam ao local onde, uns dias antes, haviam recolhido o caixote e, nesse momento, realizaram que toda a expedição à costa ocidental e litoral sul da ilha Lincoln não só não lhes fornecera a mais pequena explicação para tão misterioso achado, como em nada esclarecera a questão do grão de chumbo encontrado no pecari!

Estava escrito que aquele dia, 1 de Novembro, não acabaria sem que ocorresse outro acontecimento inesperado... e providencial!

Preparava-se Pencroff para cortar uns quantos troncos e improvisar uma jangada que lhes permitisse atravessar o Mercy e chegar a casa, quando, subitamente, o jovem Harbert, que passeava ao longo da margem do rio, gritou, apontando para montante:

- O que é aquilo que ali vem rio abaixo?

- Mas é o nosso bote, macacos me mordam! Pelos vistos, partiu-se a amarra... Ora não podia aparecer em melhor altura!

Era, efetivamente, o bote dos colonos que voltava sozinho da nascente do Mercy, arrastado pela corrente da vazante. Nab e o marinheiro, munidos de varapaus, correram a sustentar a embarcação e puxaram-na para a margem. Cyrus Smith foi o primeiro a embarcar, verificando que a ponta da corda estava gasta como se tivesse roçado constantemente contra uma superfície áspera.

Gedeão Spilett, que subira a seguir, disse baixinho:

- Mas que coisa tão....

- Estranha! - concluiu o engenheiro, também a meia voz.

Estranha, ou não, fora uma coincidência feliz. Tivesse a barca passado a outra hora, que não naquele preciso momento, e seria arrastada para o mar. Os outros embarcaram e umas quantas remadas bastaram para os pôr do outro lado, junto à foz. Puxaram o bote para a areia e encaminharam-se para as escadas... Nesse momento, Top começou a ladrar furiosamente e Nab, que tinha ido à frente e procurava no escuro a extremidade da escada de corda, soltou um grito. A escada desaparecera!

Cyrus Smith ficou paralisado, sem articular palavra. O que poderia ter acontecido? Os outros começaram a procurar às apalpadelas ao longo da muralha de granito, não fosse o caso de a escada se ter desprendido e caído na praia... Mas não!

Quanto a saber se algum golpe de vento levantara a escada, deixando-a presa nalgum ponto da falésia, só de manhã isso seria possível.

- Se é uma brincadeira, é de muito mau gosto! – vociferava Pencroff. - Isto de uma pessoa chegar a casa e não poder entrar, não tem graça nenhuma! Mais a mais, estafados como estamos.

- Não tem estado vento... - murmurou Harbert.

- Ouçam, amigos, com esta escuridão não podemos fazer nada. Vamos esperar pelo romper do dia e logo se verá...- decidiu o engenheiro Smith. - Dormimos nas Chaminés que sempre é melhor do que ficar ao relento.

Mal clareou a madrugada, o grupo de colonos aproximou-se cautelosamente da Casa de Granito, de armas preparadas para qualquer eventualidade. Mal olharam lá para cima, soou uma exclamação unânime: a porta estava escancarada! Não havia dúvida de que alguém entrara em casa, na ausência dos colonos.

A primeira escada, da porta ao patamar de rocha, estava no lugar, mas a parte inferior fora puxada para cima. Pencroff chamou em voz alta, mas não houve resposta.

- Que grandes patifes! Instalados como se a casa fosse deles... Ah! os piratas, com trinta mil diabos!

O sol subia no horizonte iluminando plenamente a fachada da Casa de Granito, mas o aspecto era da maior calma e não se via viva alma... Até era caso para duvidar que a casa estivesse ocupada, se não fosse a porta aberta e a escada recolhida! A única coisa que podiam tentar era apanhar a ponta da escada, içada até ao patamar a meio da muralha, e puxá-la; por sorte, tinham um arco, flechas e cordas nas Chaminés, e Harbert foi escolhido para levar a cabo a proeza. Amarrou uma corda à seta, fez pontaria e disparou. A seta cortou os ares e foi prender-se na escada! Ia o rapaz puxar pela ponta da corda para desprender a escada, quando um braço apareceu à porta e içou as escadas para dentro de casa! Ao mesmo tempo, surgiam às janelas umas criaturas peludas e de tamanho considerável a fazer acenos e caretas na direção dos colonos...

- O quê? Não querem lá ver! Os invasores são macacos. Esperem aí, que eu já lhes digo! - berrou Pencroff, disparando um tiro para uma das janelas. Uma das criaturas caiu redonda na praia. Era um animal corpulento, do tamanho de um homem. Depois de um breve exame, Harbert virou-se para o marinheiro:

- Olha, Pencroff, não são exatamente macacos... São orangotangos, da ordem dos antropomorfos e, para além do seu aspecto quase humano, são espertíssimos!

- Pois sim, pois sim... Macacos ou orangotangos tanto me faz! Só queria saber é como vamos entrar em casa! arreperava-se o marinheiro. - De parvos é que não têm nada!

Vejam lá se eles aparecem outra vez à janela! Ai os estragos lá em casa... e a vazia na despensa!

Os colonos esperaram mais umas boas duas horas, mas nem um único orangotango se deixou ver. Cyrus Smith achou melhor esconderem-se todos, para ver a reação dos intrusos. Nesse meio tempo, Nab e Pencroff foram à capoeira do planalto buscar uns pombos-da-rocha para o almoço. O tempo foi passando e a situação mantinha-se. Era desesperante!

- Ah! se eu apanho essa macacaria toda cá em baixo! Quantos serão? - perguntou Pencroff, feito uma autêntica fúria.

- Que situação mais ridícula, realmente! - desabafava o repórter. - E o pior é que não vejo maneira de lhe pôr fim...

- Há uma maneira... - disse, de repente, o engenheiro. A entrada pelo escoadouro do lago!

- Com mil diabos! E eu que não me lembrei disso!exclamou Pencroff.

A abertura do escoadouro, agora tapada com pedregulhos, teria de ser novamente destapada, mas não havia outra solução. Os colonos correram às Chaminés a buscar as picaretas e já subiam a caminho do lago, quando começaram a ouvir uma chinfrineira medonha! Os orangotangos guinchavam e Top ladrava ao desafio...

- Toca a correr! Vamos ver o que é - disse o repórter.

Na Casa de Granito, a situação alterara-se radicalmente! Tomados de tão súbito quanto inexplicável terror, os quadrúmanos saltavam de janela em janela, até que atiraram a escada e desataram a descer empurrando-se uns aos outros... Na precipitação da fuga, alguns nem esperaram vez e lançaram-se para a praia, caindo estatelados. Dali a nada, havia uma boa dezena de orangotangos mortos na areia e outros tantos a fugir em direção ao bosque do Jacamar.

- Hurra! Hurra! - gritava o marinheiro, que foi o primeiro a subir a escada.

A Casa de Granito estava um verdadeiro caos, mas depois de uma inspeção meticulosa, os colonos verificaram que a desarrumação era maior que o estrago propriamente dito. O resto do dia foi dedicado às tarefas de limpeza e arrumação, mas Cyrus Smith, por mais que pensasse no assunto, não atinava no motivo da súbita e aterrada fuga dos orangotangos... Mais outro acontecimento que ficava por explicar.

CAPÍTULO III

No dia seguinte, a pequena colônia deu início a um dos projetos mais antigos do engenheiro Smith: a construção de uma ponte sobre o rio Mercy. Com efeito, urgia estabelecer uma comunicação mais fácil entre a Casa de Granito e a parte sul da ilha. De manhã cedo, os colonos, munidos de machados, serras, martelos e pregos, partiram para a margem do rio e deitaram mãos ao trabalho, começando pelo derrube das árvores que forneceria a madeira.

Os trabalhos prosseguiram com tal entusiasmo que ao cabo de três semanas, a 20 de Novembro, a ponte estava terminada. Ficou localizada na primeira curva do rio, a cerca de um quilómetro da foz, e para maior segurança dos colonos tinha a particularidade de ser uma ponte basculante, isto é, fixa numa das margens, neste caso a esquerda, podendo daí ser levantada ou descida consoante fosse necessário.

Durante todo o mês de Dezembro, particularmente quente, decorreram outros trabalhos, agora no planalto. Apesar do calor intenso, a terra foi preparada para a segunda sementeira de trigo e outras culturas que os colonos tencionavam experimentar naquele pedaço de terra fértil. Outro projeto urgente tinha a ver com a instalação de uma capoeira, também no planalto e perto da margem sudeste do lago. O recinto escolhido, com cerca de mil metros quadrados, foi vedado por uma paliçada e no seu interior os colonos construíram abrigos para os futuros ocupantes. Os primeiros "hóspedes" da capoeira foram dois tinamídeos, aves muito semelhantes às perdizes. O casal não tardou a dar uma bela ninhada e à família de tinamídeos juntaram-se, em breve, seis patos, um casal de galos e muitas galinhas-d'água...

O certo é que toda aquela sociedade, depois de muitas brigas e discórdias, acabou por se entender, reproduzindo-se normalmente. Para completar a obra, Cyrus Smith fez questão que se construísse também um pombal a um canto da capoeira, onde foram metidos doze pombos-da-rocha, os quais, sendo mais domesticáveis que os pombos-bravos comuns, depressa se habituaram ao novo pouso.

Era finalmente chegado o momento de tirar proveito do tecido do balão para fazer roupa branca. Ora tudo dependia do transporte do invólucro até à Casa de Granito, que só poderia ser efetuado na carroça. Mas... e puxá-la!? Um dia, 23 de Dezembro, os colonos, ocupados com trabalhos de forja nas Chaminés, ouviram Nab a gritar no planalto, ao mesmo tempo que Top ladrava... Acorreram imediatamente, receando algum incidente grave. Mas que viram eles? Dois soberbos animais, parecidos com burros grandes e listrados de branco na cabeça, pescoço e tronco. O casal de quadrúpedes avançava tranqüilamente, sem o menor sinal de inquietação.

- São onagros! - exclamou Harbert. - São desses quadrúpedes meio-zebras, meio-cavalos selvagens da África!

- Pois para mim são burros e vêm mesmo a calhar! declarou Pencroff.

Os colonos decidiram deixar o casal de onagros passear em liberdade durante alguns dias e o engenheiro fez imediatamente construir junto da capoeira uma espécie de cavalaria, onde os onagros pudessem ter boa cama e abrigo para a noite. A preocupação de todos é que os animais não se assustassem e se fossem familiarizando com a proximidade de seres humanos.

Enquanto isso, não só foram fabricados arreios e tirantes com fibras vegetais, como foi aberta uma estrada a ligar a margem direita do Mercy ao pequeno porto da costa meridional, onde o balão ficara escondido. A estrada seguia quase a direito pelo interior, tendo à esquerda o pântano dos Tadornos e à direita a orla das grandes florestas que se estendiam até à parte ocidental da ilha Lincoln. Desse modo, o trajeto até ao porto do Balão - assim batizado pelos colonos - não chegava a cinco quilômetros.

Finalmente, em fins de Dezembro, Pencroff, que ganhara a confiança dos onagros, atrelou-os pela primeira vez à carroça. Logo que se sentiram presos, os animais trataram de se empinar, estrebuchando de tal maneira, que foi um trabalhão para os segurar. Porém, dali a pouco, acalmaram e desempenharam a contento o serviço que lhes era exigido! Os colonos subiram todos para o carro e, apesar dos saltos e solavancos, chegaram ao destino sem maior obstáculo. Pelas oito da noite, estavam de volta à ponte do Mercy, trazendo o invólucro e as peças restantes do balão.

A primeira semana de Janeiro foi, então, dedicada à confecção da roupa branca de que tanto careciam e as agulhas encontradas no caixote não pararam, empunhadas por mãos hábeis e vigorosas. A linha utilizada na costura foi a mesma que servira para coser o balão, descosida ponto por ponto pelo repórter com uma paciência infinita. Também, por essa altura, se fizeram os tais sapatos de pele de foca, que ficaram deveras confortáveis.

Assim começava o ano de 1866, com continuação de temperaturas altas. Nos últimos dias de Janeiro, Cyrus Smith decidiu que se comessem os trabalhos de construção de um curral na parte central da ilha, junto aos contrafortes do monte Franklin.

Era sua intenção alojar aí um número de cabras-monteses e carneiros bravos, que haviam de fornecer lã para as roupas de Inverno. O primeiro passo foi a abertura de uma segunda estrada com uns oito quilômetros, a estrada do curral, que conduzia ao local escolhido, um prado de erva alta e fresca, com um regatinho ali perto. Traçado o perímetro do curral, começaram os colonos por levantar uma paliçada alta e resistente e, a seguir, os alpendres para abrigar os animais. Na parte da frente da cerca, fizeram um portão de dois batentes e tranca. Enfim, tudo concluído, recolheram, não sem bastantes canseiras, umas quantas dezenas de cabras e carneiros e instalaram-nas na sua nova casa.

Nessas noites de Verão, os colonos tinham por hábito sentar-se à beira do planalto, num banco rodeado de plantas trepadeiras, assim uma espécie de varanda sobranceira ao oceano, que Nab caprichara em arranjar. Conversavam então longamente, fazendo planos e rindo com o bom-humor do marinheiro, gozando a brisa fresca do mar e o seu pequeno mundo, onde a mais perfeita harmonia nunca deixara de reinar.

CAPÍTULO IV

Nos princípios de Março, o calor continuava excessivo. Sentia-se a atmosfera carregada de eletricidade e era claro que se avizinhavam grandes trovoadas. Efetivamente, no dia 2, o vento rodou a leste e rebentou uma tempestade medonha! Aos relâmpagos que cruzavam os céus, sucedia-se o fragor surdo dos trovões e assim foi durante uma semana inteira. Os colonos resolveram aproveitar o mau tempo para trabalhar em casa, reparando e melhorando os interiores. Harbert, que havia crescido bastante no último ano, dedicou esses dias de reclusão à leitura e ao estudo, aproveitando a pequena biblioteca do caixote. O engenheiro via com satisfação o genuíno interesse do jovem pelos mais variados assuntos e registrava as suas capacidades e qualidades morais. "Quando eu morrer", pensava, "ele é que há de substituir-me".

A 9 de Março, as trovoadas passaram, mas o céu permaneceu coberto de nuvens até ao final do mês, o último do Verão. Num desses dias, Pencroff, conversando com o engenheiro, lembrou-lhe uma promessa antiga:

- Senhor Cyrus, lembra-se de ter falado num aparelho para substituir as escadas de corda? Quando é que tratamos disso?

- Ah! uma espécie de elevador, não é verdade?

- Se é esse o nome... o que importa é que nos suba até à Casa de Granito!

- Nada mais fácil... - respondeu Cyrus Smith. - Mas faz assim tanta falta?

- Certamente, senhor Cyrus! Depois do essencial, devemos pensar no nosso conforto. Já não falo por nós, mas pelas coisas que temos de carregar às costas pelas escadas acima!

O engenheiro concordou e procedeu sem demora aos trabalhos de montagem de um elevador hidráulico, aproveitando para tal a energia de uma queda-d'água provocada para o efeito a partir do lago e que, passando pelo interior da Casa de Granito, ao fundo do corredor, se precipitava para o exterior.

O sistema era simples: sob a cascata, foi instalado um cilindro de palhetas, por sua vez preso a uma grande roda exterior destinada a enrolar um cabo forte; finalmente, do cabo pendia uma cesta a servir de elevador propriamente dito.

A inauguração do elevador teve lugar a 19 de Março, para satisfação geral. Dali em diante, toda a espécie de fardos, lenha, carvão e mantimentos, e os próprios colonos, foram içados daquela maneira até casa. O cão Top foi quem mais satisfeito se mostrou com este melhoramento. Assim, tudo corria de feição quer na Casa de Granito, quer nas plantações do planalto, bem como na capoeira e no curral, onde a fêmea do onagro, as

cabras e as ovelhas davam quotidianamente o leite necessário para a colônia... Na verdade, agora que se completava um ano de permanência na ilha – e apesar de longe da pátria - os colonos não tinham razões para se queixar!

Num desses últimos dias de Março, ao entardecer, estavam os colonos reunidos na varanda do planalto a olhar o mar e a beber uma infusão de bagas de sabugueiro, com que substituíam o café, quando, de repente, Spilett perguntou ao engenheiro:

- Meu caro Cyrus, você já se lembrou de retificar a localização desta ilha, agora que temos um sextante?

- E para quê? A ilha está muito bem onde está! – disse logo Pencroff.

- Sem dúvida! Mas quem sabe se não estamos mais perto de terra habitada do que nós julgamos? - insistiu o repórter.

- Tratarei disso amanhã - respondeu o engenheiro. – Confesso que, com tantas ocupações, me tinha esquecido do sextante.

No dia seguinte, feitas as observações e medições necessárias, Smith concluiu que a ilha Lincoln se encontrava exatamente a 150 graus 30 minutos de longitude oeste e a 34 graus 57 minutos de latitude sul.

- E agora, já que temos também um atlas, se víssemos onde é que ela fica exatamente? - sugeriu Spilett.

Harbert foi buscar o atlas e desdobrou o mapa do oceano Pacífico. De compasso na mão, o engenheiro não demorou a situar as coordenadas geográficas da ilha. De repente, exclamou:

- Mas já existe aqui uma ilha nesta parte do Pacífico!

- Deve ser a nossa! - disse Gedeão Spilett.

- Não é, não! Esta aqui encontra-se a 153" de longitude por 37" de latitude, isto é, a quase três graus para oeste e outros três para sul da ilha Lincoln.

- E que ilha é essa, senhor Smith? - perguntou Harbert.

- Chama-se ilha Tabor e é muito pequena... Apenas mais uma ilhota perdida no Pacífico, onde talvez nunca ninguém tenha desembarcado!

- Pois vamos nós até lá! - disse Pencroff.

- Nós? - perguntou o engenheiro.

- Sim, senhor Cyrus. Constrói-se um barco de coberta, que eu me encarrego de o dirigir!

E assim ficou decidida a construção de um barco apropriado para navegação ao largo, de modo a demandarem a ilha Tabor lá para Outubro, quando voltasse a estação do bom tempo.

O plano do marinheiro, apoiado pelo engenheiro, era o seguinte: o barco devia medir uns doze metros de quilha e quatro de bojo, levar coberta e escotilhas, e, finalmente, vela armada em chalupa, muito fácil de manobrar. A madeira escolhida foi a de abeto e logo se procedeu ao abate das árvores, depois serradas em tabuões e pranchas. Oito dias depois, já mestre Pencroff, ex-carpinteiro naval de Brooklyn, trabalhava com afinco num estaleiro montado entre as Chaminés e a muralha de granito.

Enquanto isso, Spilett e Harbert prosseguiram com as suas expedições de caça. Um dia em que se tinham aventurado bastante para o interior das florestas ocidentais, fizeram uma descoberta preciosa. O repórter, que seguia um pouco à frente, foi atraído pelo cheiro de uma planta de caule direito e ramoso, com flores dispostas em cachos e pequenas sementes. Arrancou dois dos ditos caules e voltou para junto do rapaz:

- Vê lá o que será isto, Harbert.

- Onde encontrou esta planta, senhor Spilett?

- Ali adiante, numa clareira... E há lá muitas.

- Pois desde já lhe digo que o Pencroff vai ficar radiante! Isto é tabaco!

O repórter e o companheiro fizeram uma boa provisão de folhas e voltaram para casa, combinando nada dizer ao marinheiro. A preparação do tabaco ia levar quase dois meses e, nessa altura, surpreenderiam o companheiro com um cachimbo bem cheio!

- E, nesse dia, o nosso estimado amigo já não terá mais nada a desejar neste mundo! - concluiu o repórter.

Os meses de Abril e Maio decorreram sem outros acontecimentos dignos de nota a não ser o de ter dado à costa uma baleia enorme, que não devia pesar menos do que setenta toneladas! O monstruoso mamífero fora morto por um arpão, que se encontrava ainda cravado no flanco direito. Imagine-se agora a emoção de Pencroff, quando, tendo arrancado o arpão, leu nele a seguinte inscrição:

“Maria-Stella Vineyard”

- Um navio de Vineyard! Um navio da minha terra! exclamou ele. - O Maria-Stella! Um belo baleeiro, digo-vos eu que o conheço bem... Ah! meus amigos, um baleeiro de Vineyard! - E o marinheiro brandia no ar o arpão, sem cessar de repetir o nome da sua terra natal! ' Vineyard: cidade portuária do estado de Nova York (Estados Unidos).

- Então haverá baleeiros por estas paragens? – perguntou Spilett.

- Oh! isto não quer dizer nada, senhor Spilett! Já se viu muitas baleias arpoadas no Atlântico Norte fazerem milhares e milhares de milhas, e acabarem por vir morrer ao Pacífico Sul...

As emoções de Pencroff não iam ficar por ali; a 31 de Maio, no fim do jantar, quando o marinheiro se dispunha a levantar-se da mesa, Gedeão Spilett pôs-lhe a mão no ombro e obrigou-o a sentar-se outra vez:

- Espere aí, mestre Pencroff, não se levante já! Falta a sobremesa.

- Obrigado, senhor Spilett, mas tenho de voltar ao trabalho.

- E uma chávena de café?

- Também não...

- E que tal uma cachimbada?

Pencroff deu um salto da cadeira e empalideceu ao ver que o repórter lhe estendia um cachimbo bem cheio de tabaco!

Harbert, por seu lado, estendia-lhe uma brasa. O marinheiro não conseguia articular palavra; pegou no cachimbo, levou-o à boca, acendeu-o e puxou umas seis fumaças de seguida...

Tabaco! Era tabaco de verdade!

- Ó Divina Providência! Ó Criador de todas as coisas! Agora já não falta mais nada na nossa ilha. E quem fez esta descoberta? - perguntou, finalmente. - Fostes tu, Harbert?

- Não, Pencroff, foi o senhor Spilett.

O marinheiro correu para o repórter e abraçou-o com tal veemência, que este cuidou ficar sem respiração!

CAPÍTULO V

O mês de Junho trouxe o Inverno, como sucede no hemisfério sul, e a colônia preparou-se para os rigores da estação, confeccionando roupas e cobertores quentes com a lã dos carneiros selvagens. Os grandes frios, porém, só começaram verdadeiramente depois do dia 20, e Pencroff foi forçado a interromper a construção do barco. Seguidamente, veio a neve, não sem antes os colonos terem tido o cuidado de aprovisionar devidamente o curral. Mesmo assim, ficou combinado que lá iriam uma vez por semana, pelo menos.

Por essa altura, fizeram os colonos uma primeira tentativa de comunicação com os seus semelhantes. Foi Spilett quem teve a idéia de aproveitar um albatroz, que Harbert tinha ferido ligeiramente numa pata, como pombo-correio. Sabe-se que os albatrozes têm uma grande envergadura de asas e são muitíssimo resistentes, o que faz deles autênticos vagabundos dos mares capazes de atravessar oceanos... Harbert curou o ferimento da ave e o repórter redigiu uma mensagem sucinta, pedindo a quem a encontrasse que a fizesse chegar à redação do seu jornal, o New York Herald; em seguida, o papel foi fechado num saquinho de lona e pendurado ao pescoço do albatroz, que foi posto em liberdade.

- Aonde irá ele? - perguntou Pencroff.

- Para a Nova Zelândia - respondeu Harbert.

- Então boa viagem! - gritou o marinheiro, sem dar grande crédito àquela forma de correspondência.

Com o regresso dos frios do Inverno, os colonos recolheram-se em casa uma vez mais, consagrando o tempo a pequenas tarefas. E que conforto e bem-estar não sentiriam eles, quando, instalados no salão bem iluminado e aquecido a carvão a fumar um bom cachimbo, depois de um jantar reconfortante e do café de bagas de sabugueiro, ouviam a tempestade rugir lá fora!

No dia 3 de Agosto, porém, aproveitando o céu limpo, resolveram fazer uma expedição ao pântano dos Tadornos. Efetivamente, naquela época do ano as aves aquáticas abundavam nos pauis e convinha renovar as provisões de patos-bravos, narcejas e galinholas.

Cyrus Smith, invocando um trabalho urgente, acompanhou os amigos só até à margem do rio Mercy; depois que eles atravessaram, levantou a ponte e regressou a casa. Na realidade, o trabalho urgente era um projeto antigo que o engenheiro pretendia pôr em prática, logo que surgisse uma oportunidade de ficar só. Tratava-se de explorar o poço por onde, dantes, as águas do lago se escoavam para o mar.

Por que razão se mostrava Top tão inquieto, sempre que se aproximava da boca do poço? Porque ladrava o cão de uma maneira tão estranha? Teria o poço mais aberturas laterais? Ramificar-se-ia ele até outras partes da ilha? - Eis o que Cyrus Smith pretendia descobrir sem alertar os companheiros.

Descer pelo poço não apresentava dificuldade de maior, uma vez que dispunha da longa escada de corda, agora inútil desde a instalação do elevador... Cyrus foi buscá-la e amarrou-a solidamente cá em cima; depois, armado de revólver e faca de mato, empreendeu a descida, segurando na mão um lampião aceso com que ia alumando as paredes do poço. O granito era compacto e em parte alguma era visível a abertura de um túnel, sequer um simples buraco! Assim chegou ao nível da água, sem ter descoberto nada de suspeito. O engenheiro subiu pela escada de corda, puxou-a, tapou a boca do poço e voltou pensativo ao salão da Casa de Granito. "Não vi rigorosamente nada, e, no entanto, há ali qualquer coisa!", pensava ele.

Nos dias que se seguiram, Pencroff, ajudado por Harbert, aprontou as velas do futuro barco, aproveitando ainda o resistente tecido de algodão do balão. Com o mês de Setembro, o Inverno chegou ao fim e os trabalhos no exterior puderam ser retomados, com especial entusiasmo no tocante à construção do veleiro. E tão bem se trabalhou que, a 15 desse mês, o forro interno e a coberta estavam terminados. Para calafetar as pranchas do casco, fez-se estopa com palha de junco, coberta depois com alcatrão a ferver. Enfim, os restantes trabalhos de lastração, colocação do mastro e construção da cabina com dois compartimentos, levaram mais umas semanas, até que, finalmente, o barco ficou pronto.

A 10 de Outubro foi o lançamento ao mar. O barco flutuava em perfeito equilíbrio nas suas linhas de água e tudo indicava que navegaria nas melhores condições. O "capitão" Pencroff assim nomeado pelos companheiros - não cabia em si de

contentamento e de orgulho! Agora só faltava batizar o pequeno veleiro. Foram apreciadas várias propostas, mas a escolha acabou por recair, por unanimidade, no nome Boaventura que era, nada mais nada menos, o nome de batismo de Pencroff.

O tempo estava soberbo, com mar calmo e uma ligeira brisa de noroeste. Assim sendo, o marinheiro decidiu que se fizesse o passeio de inauguração.

- Vá, toca a embarcar! - gritava ele, entusiasmado.

Pelas dez e meia, estavam todos a bordo, incluindo o cão e uma sacola bem provida de comida, pois tencionavam almoçar no mar.

Os passageiros do Boaventura estavam encantados com a navegação e com a perspectiva da sua ilha vista do mar!

Pencroff manobrava habilmente o veleiro em direção ao sul, sempre perto da costa, e, diante dos olhos dos colonos, iam-se desenrolando as belas paisagens da ilha Lincoln: os areais do litoral, a mata verdejante das florestas e o imponente monte Franklin, a dominar tudo com os seus cumes coroados de neve...

- Como é bonita a nossa ilha! - não se conteve Harbert. - Nisto, o rapaz exclamou: - Vira a proa, Pencroff! Vira!

- Que há? Um rochedo? - perguntou o marinheiro.

- Não... espera! - disse Harbert. - Não consigo ver bem... Chega um pouco mais... - E dizendo isto o jovem inclinou-se todo bordo fora, esticou o braço e apanhou um objeto que flutuava à tona da água.- - Olha, é uma garrafa!

Cyrus Smith pegou-lhe imediatamente, tirou-lhe a rolha e puxou um pedaço de papel, onde se lia: "Náufrago. Ilha Tabor. 153 graus longitude oeste; 37 graus e 11 minutos latitude sul."

CAPÍTULO VI

- Um náufrago! - exclamou Pencroff. - Abandonado na ilha Tabor, apenas a cento e tal milhas de nós! Ah, senhor Smith, temos de ir lá!

- Amanhã mesmo - decidiu o engenheiro. Cyrus Smith, que examinava atentamente o papel, continuou: - Meus amigos, só pela maneira como esta mensagem está redigida, pela exatidão da longitude e da latitude, já podemos concluir que o náufrago da ilha Tabor é um homem bastante entendido em assuntos de marinha... Depois, deve ser inglês ou americano, visto que a nota foi escrita em língua inglesa.

- Quem quer que seja teve muita sorte! - comentou o repórter. - Olhem se o Pencroff não tivesse tido a idéia de construir um barco e se não tivesse sido hoje a estréia! A garrafa havia de partir-se contra as rochas e nunca chegaríamos a saber deste vizinho.

- É verdade! Mas que coincidência o Boaventura passar aqui precisamente agora! - disse Harbert.

Entretanto, o marinheiro continuava a manobrar o seu querido veleiro novinho-em-folha, que nesse momento contornava o cabo da Garra. Não havia reparos a fazer: o barco navegava em excelentes condições, donde a travessia até à ilha do náufrago era um empreendimento absolutamente viável.

Pelas quatro da tarde, lançavam ferro defronte da Casa de Granito e, logo a seguir ao jantar, trataram dos detalhes da viagem. O engenheiro Smith calculava que cinco dias bastariam para chegar a Tabor, procurar o abandonado e regressar à ilha. Efetivamente, o percurso de cento e cinquenta milhas far-se-ia à vontade em quarenta e oito horas, caso não surgissem contratemplos de ordem atmosférica. Faltava decidir quem tomaria parte da expedição. Desde logo, o "capitão" Pencroff e o jovem Harbert, já muito hábil nas artes

de marear; na opinião de Cyrus Smith não era necessário ir mais ninguém, mas Gedeão Spilett, como bom repórter que era, não queria perder pitada do acontecimento e teimou em acompanhá-los.

Assim, na madrugada seguinte, embarcaram os três depois de uma despedida um tanto comovida. Afinal de contas, sempre era a primeira vez que se separavam desde o desastre do balão!

Cyrus Smith e Nab ficaram a acenar da praia, enquanto o Boaventura se fazia ao mar, rumo ao sul da ilha. Aí, virariam a proa a sudoeste.

A viagem decorreu sem incidentes e na manhã do dia 13 os nossos navegadores tinham terra à vista. Conforme puderam observar ainda ao largo, a ilha Tabor era completamente diferente da ilha Lincoln: bastante menor, de litoral plano e pouco recortado e praticamente sem relevo, à exceção de uma pequena colina. À medida que se aproximavam da costa, um fato que lhes causou estranheza foi a total ausência de sinais de fumo. Spilett pegou no binóculo e pôs-se a observar a ilhota, mas em lado algum conseguiu descortinar indícios de que aquelas paragens fossem habitadas. Todavia, a mensagem era bem clara: havia um naufrago na ilha Tabor que tinha pedido socorro! Então não seria mais natural que estivesse vigilante a qualquer embarcação?

Ao meio-dia, Pencroff, Spilett e Harbert desembarcaram numa praia de areia. A primeira coisa a fazer, concordaram eles, era subir a colina para obterem uma visão de conjunto da terra desconhecida, o que facilitaria em muito as buscas. Atingido o cimo num instante, os viajantes confirmaram a impressão anterior, isto é, de que o ilhéu não teria mais que dez quilômetros a toda a volta e que a faixa costeira era praticamente direita, sem cabos nem baías, promontórios ou enseadas. Quanto ao interior, apresentava-se uniformemente coberto por uma mancha de vegetação, cortada acolá pela fita prateada de um ribeiro.

- Como esta ilha é pequena! Para nós não chegava! comentou Pencroff.

- Além disso, reparem que parece completamente desabitada – acrescentou o repórter.

Um tanto perplexos, os nossos amigos resolveram prosseguir as buscas ao longo de toda a orla marítima, mas ao cabo de quatro horas de marcha - quanto bastou para dar a volta completa à ilhota - continuavam sem encontrar o mais leve sinal do naufrago, nem sequer uma simples pegada na areia!

Sem conseguirem atinar numa explicação para tão intrigante fato, voltaram ao Boaventura para descansar e comer qualquer coisa. A idéia agora era esquadrihar o bosque de ponta a ponta e com isso ficaria concluída toda a exploração da ilha Tabor.

Mal tinham andado umas dezenas de metros por entre o arvoredado, viram cabras e porcos a fugir assustados. Porcos ali? As surpresas não tinham acabado; um pouco mais à frente, deparou-se-lhes uma clareira transformada em horta! Com aspecto bastante abandonado, sem dúvida, mas uma autêntica horta. Harbert ficou encantado por identificar, no meio das ervas que entretanto tinham invadido o terreno, batatas, cenouras, nabos, couves e chicória. Claro está que não iriam embora sem levar sementes de tudo, decidiu o rapaz imediatamente.

Ora a existência na ilha Tabor de animais e plantas de origem européia, era prova evidente de que o local era, ou pelo menos tinha sido, habitado... Mas onde estaria agora a pessoa que tinha plantado aquela horta?

- É quase noite! - lembrou Pencroff. - Acho melhor voltarmos para bordo!

Nesse momento, Harbert exclamou:

- Olhem para ali! Parece uma casinha...

Era de fato uma cabana meio escondida pelo arvoredado, construída com tábuas de madeira e coberta com uma lona encerada. Pencroff empurrou a porta entreaberta e entraram todos. A cabana estava vazia! Chamaram e tornaram a chamar em voz alta, mas ninguém apareceu. A luz do crepúsculo permitia apenas divisar um compartimento

sujo e em desordem, com uma chaminé a um canto. O marinheiro apressou-se a acender a lareira com os ramos e gravetos que lá se encontravam e desse modo puderam ver melhor o que os rodeava.

A cena era, aliás, pouco animadora: uma cama tosca com lençóis desfeitos e amarelecidos pelo tempo, uma chaleira e uma marmitta enferrujadas, trajes da marinha apodrecidos, uma Bíblia cheia de bolor... Num dos cantos, descobriram alguns utensílios de carpintaria e de lavoura, duas espingardas caçadeiras, um barril de pólvora e outro de chumbo. Uma coisa era evidente: nada daquilo era usado há muito tempo!

- Ora bem, se o náufrago morreu, como tudo indica, não se enterrou a ele mesmo - concluiu Pencroff. - Amanhã havemos de encontrar o que resta do corpo.

Como entretanto anoitecera, decidiram passar a noite na cabana abandonada. Ao nascer do dia, os três companheiros passaram de imediato ao reconhecimento do local. O casinhoto tinha sido feito com tábuas tiradas do casco de um navio, conforme reparou logo o marinheiro, e a confirmar esta opinião viram um nome escrito numa delas. Faltavam três letras e as restantes estavam meio apagadas pelo tempo, mas os colonos não tiveram dificuldade em decifrar o nome do navio naufragado: Britannia. Isso, porém, pouco interessava para o caso, visto que o objetivo da viagem era recolher o náufrago e desse, vivo ou morto, nem rasto!

Os colonos sentiam-se bastante desanimados com a situação, mas não havia mais nada que pudessem fazer; pelo menos, regressariam à ilha Lincoln de consciência tranqüila. E como também eram homens práticos, resolveram tirar proveito de tanta coisa boa ao abandono. Spilett e Pencroff encarregaram-se de levar os barris de chumbo e de pólvora para o Boaventura, assim como um ou dois casais de porcos para criação, enquanto Harbert ia à horta apanhar o maior número de sementes possível.

Estavam os dois "caçadores de porcos" em plena atividade, quando dos lados da clareira souu um grito agudo. Era Harbert! O jovem jazia por terra, derrubado por uma criatura selvagem que à primeira vista lembrava um macaco de tamanho considerável!

Pencroff e Spilett, ambos cheios de força, agarraram o monstro, obrigando-o a soltar Harbert e depois amarraram-no solidamente.

- Ai se esse macacão te tivesse feito mal, eu nem sei... Mas eu acabo com ele! - exclamou Pencroff, todo exaltado.

- Mas, Pencroff, não é um macaco! - respondeu o rapaz, que se pusera de pé. Só então os dois atentaram na criatura que tinham preso com cordas. Era uma criatura humana! Um homem! Mas que homem, santo Deus! Cabeleira longa e hirsuta, barba pelo peito, o corpo praticamente nu, a pele enegrecida por muitos sóis e sujidade, um olhar fugidio de irracional, enfim... um autêntico selvagem!

- Eis aqui o nosso náufrago! - disse, por fim, o repórter. E a que estado chegou, o infeliz... Mas quem quer que seja, ou que tenha sido, é nosso dever levá-lo para a ilha Lincoln.

Claroque sim! - respondeu Harbert. - E quem sabe se com os nossos cuidados não despertaremos nele qualquer sombra de inteligência...?

Desataram os pés do prisioneiro e obrigaram-no a andar até à praia. A estranha criatura não opôs resistência, nem tão-pouco fez menção de fugir. Limitava-se a caminhar ao lado dos colonos, deitando-lhes olhadelas furtivas e emitindo um assobio contínuo por entre os dentes. O náufrago subiu para bordo e os colonos meteram-no numa das cabinas; Pencroff ficou de guarda. Gedeão Spilett e Harbert voltaram ao interior do ilhéu, para terminar as tarefas interrompidas, e duas horas mais tarde estavam de volta com tudo o que fora combinado levar para a ilha Lincoln.

O prisioneiro, se assim se lhe podia chamar, estava calmo e parecia ser surdo-mudo. Para espanto dos colonos, chegada a hora do jantar, recusou-se a tocar na carne cozinhada que Pencroff lhe estendeu, mas não se fez rogado com um ato-bravo que

Harbert acabara de matar... Com enorme bestialidade, devorou a carne crua num abrir e fechar de olhos!

- Santo nome de Deus! - exclamou o marinheiro, sinceramente penalizado. - Ao que este desgraçado chegou!

Na manhã seguinte, dia 15 de Outubro, o Boaventura levantou ferro e rumou a nordeste. O primeiro dia da travessia decorreu normalmente, com ventos de feição. O mar alto e a ondulação pareciam ter um efeito benéfico no prisioneiro, que se mantinha tranqüilo na cabina da frente. Como antigo marinheiro, quem sabe se o fato de se encontrar a bordo não despertaria nele qualquer memória do passado?

No dia 16, porém, o vento rodou para norte e começou a bater de proa, dificultando extraordinariamente o avanço do Boaventura. Com efeito, no dia seguinte de manhã, quando previam atingir as proximidades da ilha Lincoln, não havia sinal de terra no horizonte. Outro dia passou e a situação mantinha-se: nortada forte, mar encapelado e da ilha nem sinal !

O marinheiro começou a ficar preocupado. Onde estaria a ilha, que diabo? Para piorar as coisas, as vagas abanavam a chalupa por todos os lados. A dada altura, uma onda maior passou por cima da amurada e varreu o convés. Nisto, o prisioneiro saltou para fora da cabina e com uma alavanca abriu uma fenda na amurada para que a água se escoasse; feito isto, enfiou-se outra vez no seu canto sem uma palavra. Os outros, estupefatos, deixaram-no agir. Fora, certamente, o velho instinto de homem do mar a dar sinal de si.

Na noite de 19 para 20, as condições atmosféricas acalmaram um pouco. Apesar do frio intenso, o vento amainou e o Boaventura, agora menos sacudido, aumentou de velocidade.

Porém, o grande receio de Pencroff é que se tivessem afastado demasiado da rota certa e que, por conseguinte, se tivessem perdido no vasto oceano. Pelas duas da manhã, o marinheiro que ia agarrado ao leme e de olhos pregados na escuridão, gritou:

- Uma fogueira! Uma fogueira!

Um clarão salvador reluzia sobre a ilha Lincoln, a vinte milhas para nordeste!

"Abençoado senhor Smith, que se lembrou de acender uma fogueira!", pensou o marinheiro. Em seguida, retificou o rumo e manobrou o Boaventura em direção àquele farol que brilhava na noite como uma estrela de primeira grandeza.

CAPÍTULO VII

Às sete horas da manhã, após quatro dias de aflição, o Boaventura lançava ferro junto à foz do Mercy. Imagine-se a alegria de Cyrus Smith e de Nab, que já estavam preocupadíssimos com a demora dos amigos...

- E o naufrago? Trouxeram-no? Quem é ele? – As perguntas sucediam-se em catadupa.

- É um homem... ou melhor, era um homem. Bem, nem sei como explicar! - disse Gedeão Spilett.

À vista do naufrago, Cyrus não conseguiu disfarçar a pena que sentia. Nab, então, ficou boquiaberto de espanto. O desgraçado, mal pôs um pé em terra, esboçou um gesto de fuga, mas o engenheiro, pondo-lhe a mão no ombro, fitou-o com olhar tão firme e bondoso, que o homem baixou os olhos e inclinou a frente numa submissão imediata.

- Pobre abandonado - murmurou Smith.

O desconhecido - como, a partir de então, os colonos passaram a chamá-lo - foi levado para um dos quartos da Casa de Granito, de onde, aliás, não tinha possibilidade de se escapar. Durante a refeição, que Nab se apressara a preparar, o engenheiro foi

posto ao corrente de todas as peripécias ocorridas na ilha Tabor e a conversa centrou-se, naturalmente, no estranho hóspede da Casa de Granito.

- Senhor Cyrus - perguntou Harbert, a dado momento -, será que ele perdeu de todo a razão? Não poderá recuperar?

- Tenho a certeza que sim - respondeu Smith. - Repara que ainda há alguns meses ele era um homem como nós. Portanto, é de crer que o embrutecimento a que a solidão o conduziu, embora profundo, é recente e a sua consciência de homem, de ser inteligente, há de voltar ao de cima.

- Mas porque é que diz que esta acentuada degradação data apenas de alguns meses? - insistiu o rapaz.

- Ora, Harbert, porque a mensagem que nos chegou não pode ter sido, escrita há muito mais tempo! - explicou Cyrus Smith. - E só o náufrago a podia ter escrito.

- É assim mesmo! - atalhou Pencroff. - Já conheço o suficiente destas correntes e marés, para saber que a garrafa nunca poderia andar a boiar por aí durante muito tempo. Mesmo que não se partisse de encontro às rochas, a umidade do mar estragava o papel...

Harbert recordou, então, a espécie de "ressurreição" passageira no espírito do prisioneiro, quando, em plena tempestade, resolveu o problema da inundação do convés.

- Aí está! - opinou Cyrus Smith. - Mais uma razão para acreditarmos que esse desgraçado não é incurável. Foi o desespero que o pôs neste estado, mas na nossa companhia vai ficar bom.

- O senhor Cyrus disse, está dito! - rematou Pencroff. - Agora é tempo de voltarmos ao trabalho. Para já, toca a descarregar o Boaventura. Depois, com sua licença, senhor Cyrus, vou levar o barco para o porto do Balão onde ficará bem abrigado, melhor do que na foz do rio. O Harbert vem comigo.

Nos dias seguintes, o desconhecido, habituado à liberdade sem limites da sua vida selvagem, evidenciou alguns acessos de furor surdo, a ponto de os colonos temerem que se atirasse da janela. No entanto, foi acalmado aos poucos, graças, sobretudo, à influência que o engenheiro Smith sobre ele exercia, com a sua atitude firme e paternal. Outro sintoma animador foi o abandono da horrível preferência por carne crua; por outro lado, deixou que Nab lhe cortasse o cabelo e a barba e lhe aparasse as unhas. Recuperara, assim, o aspecto humano e até parecia que o olhar se adoçara, embora marcado por uma tristeza sem fim... O engenheiro tinha o cuidado de passar várias horas por dia junto dele. Punha-se a trabalhar em diversas coisas, tentando fixar-lhe a atenção, sempre atento a uma reação ou gesto que revelasse o despertar daquele cérebro entorpecido. Outra coisa que ele fazia era falar em voz alta, mas, embora às vezes lhe vislumbrasse alguma atenção, nunca lhe conseguia arrancar uma palavra. Os outros colonos acarinhavam os esforços do engenheiro e com ele partilhavam a esperança e a fé.

Certo dia, Cyrus Smith resolveu tentar uma nova experiência. Foi buscar o desconhecido que, como de costume, estava acorçado perto da janela a olhar o céu.

- Venha, meu amigo! - disse-lhe.

O pobre levantou-se imediatamente e seguiu o engenheiro até à beira-mar. Deu alguns passos pela espuma das ondas e os olhos brilharam-lhe com uma animação que os colonos ainda não lhe tinham visto. Em seguida, e sem esboçar qualquer movimento de fuga, acompanhou Cyrus Smith à embocadura do Mercy e ao planalto. Uma vez lá chegados, o desconhecido estacou, encheu o peito de ar e aspirou inebriado os cheiros doces da floresta próxima... Grossas lágrimas escorreram-lhe, então, pelas faces torturadas.

Cyrus, olhando-o de frente, com as mãos pousadas nos seus ombros, disse emocionado:

- Meu amigo, se é capaz de chorar, é porque é novamente um homem!

O certo é que, desde esse dia, o desconhecido começou a dar mostras de querer partilhar das tarefas da pequena colônia.

Passava a maior parte do tempo no planalto, a trabalhar nas culturas sem um instante de repouso. Os outros, por recomendação do engenheiro, abstinham-se de o incomodar e deixavam-no à vontade. Era agora evidente para todos que o homem ouvia e compreendia tudo perfeitamente, mantendo apenas a obstinação de não falar.

Alguns dias mais tarde, seria já Novembro, estava ele a cavar no planalto, deixou cair a enxada; Cyrus, que estava ali perto, viu que lhe corriam de novo lágrimas pela cara abaixo...

Aproximou-se e tocou-lhe levemente num braço. O desconhecido estremeceu e pretendeu recuar.

- Meu amigo! - disse o engenheiro com autoridade. Olhe para mim! Quero que olhe para mim!

O infeliz levantou os olhos e a expressão transformou-se. Já não podia conter-se mais! Com uma voz muito funda e rouca, finalmente falou:

- Quem são os senhores? - perguntou ele.

- Náufragos também. Somos seus iguais... Aqui, está entre amigos! - respondeu Cyrus Smith.

- Amigos! Eu? - O desconhecido tapava a cara com as mãos. - Eu não tenho amigos, não posso ter!

E afastou-se a correr. O engenheiro foi logo dar notícia destes progressos, observando Gedeão Spilett:

- Há um mistério qualquer na vida deste homem! E estou convencido de que só pela via do remorso voltará à sua condição humana.

- Deve ter um segredo terrível no passado, é o que é comentou Pencroff.

- Que nós respeitaremos! - disse Smith, com firmeza. - Se cometeu algum crime, já o expiou... e cruelmente. Aos nossos olhos, está absolvido.

Passaram algumas semanas sobre este acontecimento, durante as quais o homem não voltou a pronunciar palavra. Um dia, aproximou-se de Harbert e perguntou ansiosamente:

- Que mês? Que ano?

- Novembro de 1866 - esclareceu Harbert.

- Onze anos! Onze anos! - gritou o desconhecido, antes de desatar a correr.

Cyrus Smith meditou na informação do rapaz e concluiu:

- Onze anos de isolamento! Ah!, como não há de ter a razão alterada, este infeliz!

- Sou levado a crer que o homem não naufragou na ilha Tabor... - observou Pencroff. - O que deve ter acontecido é que ele foi lá abandonado na seqüência de algum crime.

De qualquer modo, a revelação do tempo de degedo na ilha Tabor recolocou uma questão que, aliás, nunca ficara de todo resolvida: a da data do lançamento da mensagem ao mar. De fato, custava muito a crer que, após onze anos de absoluta solidão, só há coisa de poucos meses o homem tivesse atingido o estado de selvajaria em que o haviam encontrado... Era óbvio que o desgraçado estava assim há muito mais tempo, assim como também era óbvio, pelo estado do papel e pelo brilho da tinta, que a mensagem era recente... Então, quem poderia ter escrito a mensagem?

- Ora aqui temos nós um verdadeiro mistério! - disse o engenheiro, com uma serenidade que contrastava com a perturbação dos companheiros. - Mas na vida tudo tem uma explicação lógica... Em tempo devido o saberemos.

Spilett percebeu que o amigo já tinha qualquer idéia sobre o assunto, mas evitou fazer comentários. Cyrus prosseguiu:

- Agora temos muito mais com que nos ocuparmos. E peço-lhes que não insistam com o nosso novo companheiro para ele falar... Quando ele quiser, nós cá estamos para o ouvir.

Nos dias que se seguiram, o desconhecido não voltou a pronunciar palavra e manteve-se afastado, entregue ao seu trabalho na horta do planalto. De resto, era ali que comia e dormia, apesar de os colonos insistirem para que ficasse na Casa de Granito.

Estes quase que esqueciam a existência da misteriosa criatura, porque coisas para fazer é que não faltavam. A colheita de trigo era uma delas! Com efeito a "seara" de Pencroff aquele primeiro grão lançado à terra, conforme os leitores estarão lembrados - germinara e multiplicara-se, produzindo quatro mil alqueires logo na segunda colheita! Agora, dezoito meses depois, a seara de trigo ocupava um talhão considerável do planalto e a colônia podia considerar satisfeitas as suas necessidades de cereal para o fabrico de pão.

A última quinzena de Novembro foi inteiramente dedicada à moagem do trigo, para se obter farinha. Para tanto, impunha-se a construção de um moinho e, entre um hidráulico e um de vento, os colonos optaram por este último por ser o mais fácil. Na verdade, os ventos do planalto dariam uma força motriz inesgotável. As mós foram arranjadas com a excelente pedra de grés que abundava na parte norte do lago, enquanto as velas saíram do tecido do balão que, pelos vistos, dava para tudo!

Faltava agora erguer o moinho propriamente dito, e a essa tarefa se dedicaram de corpo e alma o marinheiro e o jovem negro, tornados carpinteiros de primeiríssima classe.

Foi assim que, no primeiro dia do mês de Dezembro, Pencroff, remirando-se na obra, só pedia uma coisa:

- Vá, agora que venha vento e do bom, para que se veja como é que se mói trigo!

- Bom vento, está bem, Pencroff, mas que não seja demais... - dizia o engenheiro, a sorrir.

Os elementos ouviram as preces do marinheiro e mandaram um vento tão favorável que, em pouco tempo, o trigo armazenado estava todo moído. Procedeu-se, então, ao amassar da farinha e à cozedura do pão que, pela primeira vez, acompanhou a refeição dos colonos, deliciados com mais este "requinte" fruto do trabalho coletivo.

Certo dia desse mês de Dezembro, Harbert foi pescar para o lago. Ia desarmado, porque para aquelas bandas nunca se tinha visto um único animal perigoso. Pencroff e Nab estavam ocupados na capoeira, enquanto, nas Chaminés, Cyrus e o repórter produziam soda, pois a provisão de sabão estava no fim. Subitamente, ouviram-se gritos de aflição...

- Socorro! Acudam-me!

Era Harbert quem assim gritava. Precipitaram-se todos em louca correria, mas quem chegou primeiro ao lago foi o desconhecido. Harbert tinha pela frente um formidável jaguar já a preparar o salto! Rápido como um raio, apenas armado de uma faca de mato, o desconhecido saltou sobre a fera. A luta foi breve. Segurando o jaguar pela garganta com a mão esquerda, poderosa como uma garra, desferiu com a direita um golpe mortal no coração do felino, que caiu morto. Quando os colonos chegaram, esbaforidos e assustados, o homem fez menção de fugir, mas Harbert segurou-o.

- Meu amigo - pronunciou Cyrus Smith, com a voz embargada -, acabamos de contrair uma dívida de gratidão para consigo! Salvou o nosso rapaz, arriscando a sua própria vida.

- A minha vida... - murmurou o desconhecido. - A minha vida não vale nada!

Harbert pretendeu apertar a mão do seu salvador, mas este evitou o gesto cruzando os braços sobre o peito poderoso. Depois, perguntou bruscamente:

- Quem são vocês? O que estão aqui a fazer nesta ilha? O que é que pretendem ser para mim?

Era a história dos colonos que, pela primeira vez, ele queria conhecer... Quem sabe se a seguir não contaria a sua?

Cyrus Smith narrou-lhe toda a odisséia vivida desde a fuga de Richmond; o homem escutava atentamente. Por fim, o engenheiro rematou:

- Agora que nos conhece, continua a recusar-se a apertar a nossa mão?

- Vocês são homens bons, são gente honesta - respondeu. - Eu não posso tocar numa mão honrada, eu não posso, porque eu... - O desconhecido passou a mão pelos olhos molhados de lágrimas; todo ele tremia. Por fim, voltou a falar:

- Senhor Cyrus, apesar de não ser merecedor, queria pedir-lhe um favor! Os animais do curral precisam ser tratados todos os dias... Deixe-me ir viver para lá.

O engenheiro fitou o infeliz com profunda consideração:

- No curral só há estábulos. Não há condições para uma pessoa viver...

- Chega para mim.

- Está bem! - condescendeu Cyrus Smith. - Mas nós arranclaremos as coisas para que fique devidamente instalado.

Nesse mesmo dia, os colonos dirigiram-se ao curral, munidos de tudo o que era preciso, e, ainda a semana não se escoara, já uma cabana estava pronta e mobiliada com o mínimo necessário. O desconhecido não os acompanhava. Preferira compensá-los do esforço que por ele faziam, empenhando-se ainda mais nos trabalhos agrícolas, de modo que, quando as obras no curral acabaram, as terras do planalto estavam prontas para as sementeiras!

Estava-se a 20 de Dezembro. Nessa noite - a primeira que o desconhecido passaria no curral - os colonos conversavam na sala grande, quando bateram levemente na porta. O desconhecido entrou, pálido e emocionado.

- Senhores, antes que me vá embora, quero que ouçam a minha história... É assim:

"Num dia de Dezembro de 1854, um iate a vapor pertencente a um fidalgo escocês afundou na costa oriental da Austrália, perto do cabo Howe, a quase 37 graus de latitude sul. O iate tinha a bordo, além do proprietário, Lorde Glenarvan, a mulher deste, um major do exército inglês, um geógrafo francês, um rapaz e uma rapariga. Os dois jovens eram os filhos do capitão Grant, cujo navio - o Britannia - se afundara há um ano atrás junto do litoral australiano, segundo constava. A tripulação do Duncan - era este o nome do iate - era composta pelo comandante, capitão John Mangles, e uma equipagem de quinze homens. O que fazia um barco de recreio europeu naquelas paragens remotas? Pois bem: acontece que, seis meses antes, o pessoal do Duncan tinha recolhido no mar da Irlanda uma garrafa com uma mensagem escrita em inglês, francês e alemão, na qual se dava conhecimento da existência de três sobreviventes do naufrágio do Britannia, sendo um deles o próprio capitão Grant! Os sobreviventes, segundo a mensagem, estavam numa terra, cujo nome não era indicado, situada a 37 graus 11 minutos de latitude sul, mas cuja longitude, infelizmente, fora apagada pela água do mar.

Como a Marinha inglesa hesitasse em empreender uma busca tão incerta, Lorde Glenarvan pôs-se em contato com Mary e Robert Grant, filhos do capitão desaparecido, e resolveu chamar a si a missão de o encontrar. Aparelhado e equipado para longo curso, o Duncan levantou ferro do porto de Glasgow e rumou ao Atlântico Sul. Aí, a navegação prosseguiu contornando a América do Sul e, passado o estreito de Magalhães, entraram no oceano Pacífico. Convicto de que os sobreviventes estariam por paragens australianas, Lorde Glenarvan fez seguir o iate até à Austrália, onde chegou, como já se disse, em finais de Dezembro de 1854.

A intenção de Lorde Glenarvan era explorar a região meridional do continente, a província de Vitória, por ser esta a que mais se aproximava da latitude indicada na mensagem. Desembarcaram os passageiros e fizeram diligências no sentido de obter quaisquer informações sobre o naufrágio e possíveis sobreviventes. Entretanto, tinham-se hospedado numa fazenda de colonos irlandeses, cujo proprietário nada sabia a respeito

do Britannia. Sucedeu, então, que um dos trabalhadores recentemente contratados pelo irlandês, se apresentou diante de Glenarvan com grandes manifestações de júbilo por saber que o capitão Grant estava vivo, já que ele, também um sobrevivente do Britannia, onde servia como contramestre, julgava todos os companheiros mortos. E terminou, dizendo que, se o capitão Grant estava vivo, só poderia estar prisioneiro dos aborígenes. Aquele homem, de nome Ayrton, falava com franqueza na voz e firmeza no olhar, para além de ter em seu poder papéis que confirmavam ter sido contramestre do navio naufragado, pelo que Lorde Glenarvan não viu motivos para duvidar das suas palavras e logo deu início aos preparativos da expedição ao interior do território. Nas buscas, tomariam parte todos os passageiros do Duncan, mais o capitão Mangles e alguns marinheiros. Ayrton foi admitido no grupo como guia da expedição, enquanto o imediato Tom Austin recebia a incumbência de conduzir o Duncan até à cidade portuária de Melbourne, onde ficaria a aguardar ordens. No dia 23 de Dezembro, o grupo pôs-se a caminho.

Cabe agora revelar que Ayrton era um homem sem escrúpulos, um traidor! Tinha sido, de fato, contramestre do Britannia, mas na seqüência de uma tentativa de revolta a bordo, por ele empreendida com a finalidade de tomar conta do navio, o capitão Grant desembarcara-o, a 8 de Abril de 1852, nas costas da Austrália. A partir desse dia, Ayrton nada mais soubera do seu antigo navio, muito menos que tinha naufragado! O miserável passara, então, a usar o nome de Ben Joyce e tornara-se o chefe de um bando de criminosos evadidos. Fugido a um ajuste de contas, resolvera refugiar-se por uns tempos naquela fazenda dos irlandeses, sendo graças a este acaso que ouviu o relato do fidalgo escocês. Ayrton arquitetou imediatamente um plano criminoso para se apoderar do Duncan, visto que o seu maior desejo era voltar ao mar e dedicar-se à pirataria.

Assim, conduziria Glenarvan e os companheiros para uma região suficientemente inóspita e desprovida de recursos e ele, na primeira oportunidade, fugiria para Melbourne onde, com a ajuda dos cúmplices oportunamente avisados, trataria de tomar de assalto o iate. Se bem planeou, melhor o fez! Chegados ao porto, os bandidos, depois de ludibriar sem dificuldade de maior o imediato Austin e de expulsar de bordo a reduzida tripulação, ganharam o alto mar. Em fins de Fevereiro, andava o Duncan nas suas atividades criminosas ao largo da costa leste da Nova Zelândia, quando foi abordado por um brigue tão bem equipado e armado, que o bando, pouco numeroso e não dispendo de canhões a bordo, não teve outra saída que não render-se. Imagine-se o espanto de Ben Joyce, aliás, Ayrton, quando se viu diante de Lorde Glenarvan!

Eis o que sucedera: Glenarvan, a mulher e os amigos, depois de trabalhos e perigos sem conta, tinham conseguido chegar a Melbourne, onde o desesperado Tom Austin os pôs ao corrente da traição de Ayrton e da captura do iate pela força. Homem de grande fortuna e não menor coragem, o lorde escocês não se deu por vencido. Imediatamente, fretou um navio mercante bem armado e tripulado por gente destemida, e foi no encaço do Duncan, acabando por recuperá-lo como se viu. Os cúmplices de Ayrton, todos eles cadastrados evadidos, foram imediatamente entregues às autoridades inglesas e recambiados para a ilha Norfolk, a colônia penal mais severa da época. Ayrton só escapou a igual sorte, porque, à última hora, conseguiu negociar um acordo com Lorde Glenarvan: em troca das informações sobre o naufrágio do Britannia, seria desembarcado numa das ilhas do Pacífico. Recomeçaram, então, as buscas ao longo do paralelo 37", desta feita em pleno oceano. Ora sucedeu que Ayrton, tomado talvez por alguma sombra de arrependimento, acabou por revelar o seu passado, confessando nada saber a respeito do Britannia, desde o dia em que o capitão Grant o expulsara do navio, abandonando-o na costa australiana.

Apesar desta confissão, Lorde Glenarvan manteve a palavra dada de não entregar Ayrton às autoridades inglesas, e o Duncan prosseguiu a busca mantendo a rota no paralelo 37". Foi assim que chegaram à ilha Tabor, a terra referenciada na mensagem dos

náufragos! Estes foram recolhidos a bordo, enquanto o traidor recebia ordem de desembarque. Aquela seria a ilha do desterro. Antes, porém, Ayrton foi chamado à presença de Lorde Glenarvan, que lhe disse o seguinte:

- Você fica aqui neste ilhéu, onde a partir de agora viverá longe dos seus semelhantes, apenas observado por Deus e pela sua consciência! Todavia, ao contrário do capitão Grant e dos companheiros, não fica ignorado ou perdido... Por mais indigno que seja da lembrança dos homens, alguns lembrar-se-ão de si. Eu sei onde você está, Ayrton, e saberei onde o encontrar... um dia! Nunca me esquecerei disso!

Dito isto, o Duncan levantou ferro e em breve desaparecia no horizonte. Era o dia 8 de Março de 1855. Ayrton estava só e isolado do mundo, mas não lhe faltavam armas, munições e sementes. Tinha, igualmente, a cabana do capitão Grant à sua disposição... Nada mais lhe restava senão sobreviver e expiar os crimes cometidos. Mas, a pouco e pouco, o abandonado foi caindo no embrutecimento total, acabando por se transformar num verdadeiro selvagem... aquele mesmo que os colonos da ilha Lincoln recolheram!"

- E o abandonado terminou:

“- Escusado será dizer-vos, senhores, que Ayrton ou Bem Joyce e eu somos uma única e a mesma pessoa!”

Cyrus Smith e os companheiros tinham-se posto de pé. É difícil descrever a emoção que sentiam, tanta era a miséria, o desespero e a dor que lhes fora dado conhecer... O engenheiro encaminhou-se para o ex-celerado.

- Ayrton - disse -, o seu passado criminoso já foi, certamente, expiado aos olhos de Deus. A prova é que Ele o trouxe até aqui. Por nós, também está perdoado. Quer ser agora um dos nossos?

Ayrton recuou um passo, tomado de perturbação. Cyrus retomou a palavra:

- Aqui tem a minha mão!

O homem precipitou-se para estreitar aquela mão estendida.

Um a um, os outros aproximaram-se e abraçaram o novo amigo e companheiro.

- Não prefere ficar a viver conosco? - perguntou ainda Cyrus Smith.

- Senhor Smith, peço-lhe que me deixe ficar no curral por algum tempo...

- Como queira.

Ayrton fez menção de se retirar, mas o engenheiro Smith reteve-o com um gesto:

- Ah!, diga-me uma coisa, meu amigo: se preferia ficar isolado, por que razão atirou ao mar a mensagem que nos fez ir buscá-lo?

- A mensagem? - espantou-se Ayrton.

- Sim, a mensagem dentro da garrafa com a localização exata da ilha Tabor...

- Nunca deitei nenhuma mensagem ao mar, senhor Smith! - respondeu Ayrton. E, inclinando levemente a cabeça, saiu da sala.

TERCEIRA PARTE

O SEGREDO DA ILHA

CAPÍTULO I

Não cabia a menor dúvida: era um navio! Iria passar ao largo ou aportaria à ilha? Dentro de poucas horas, certamente, os nossos amigos ficariam a saber com o que podiam contar...

Cyrus Smith e Harbert chamaram de imediato Gedeão Spilett, Pencroff e Nab ao salão da Casa de Granito. O marinheiro, empunhando o óculo de longo alcance, deteve-se sobre o ponto indicado, correspondente à pequeníssima mancha na película fotográfica.

- Com mil diabos, é mesmo um navio! - exclamou, em tom alarmado. - Mas, por enquanto, é cedo para dizer que rumo leva... Só se vêem os mastros.

Os colonos mantiveram-se em silêncio, entregues a todos os temores, mas também a todas as esperanças, que lhes suscitava aquele inesperado acontecimento, o mais grave e importante desde a sua chegada. Era certo que a ilha Lincoln, dominada pelo monte Franklin, não escaparia à atenção dos vigias do navio desconhecido... Mas dar-se-iam ao trabalho de fundear ali? E para quê? Seria lógico atribuir a simples acaso a presença do navio naquelas paragens? Ora os mapas não mencionavam qualquer porção de terra naquela zona do Pacífico, à exceção da pequena ilha Tabor, e mesmo esta fora das rotas habituais das embarcações de longo curso em demanda dos ilhéus polinésios, da Nova Zelândia ou da costa americana. Harbert cortou o silêncio:

- Não será o Duncan?

Ora o Duncan - como os nossos leitores estarão lembrados - era o iate de Lorde Glenarvan, o escocês que ordenara o degredo de Ayrton na ilha Tabor.

- É preciso chamar Ayrton - recomendou Spilett. Apenas ele nos poderá dizer se é, ou não, o Duncan.

Dito isto, o repórter dirigiu-se ao aparelho telegráfico que estabelecia a ligação entre a Casa de Granito e o curral, e tratou de expedir a mensagem.

- Se for mesmo o Duncan, Ayrton há de reconhecê-lo! murmurou Harbert.

- Certamente que sim - atalhou Cyrus Smith. - E queira Deus que aquele barco seja o iate de Lorde Glenarvan, porque outro qualquer será suspeito nestes mares infestados de pirataria...

- Se a nossa ilha for atacada por malfeitores, nós a defenderemos! - proclamou o jovem, todo inflamado.

Quando Ayrton chegou, cerca de uma hora depois, Cyrus Smith conduziu-o até à janela.

- Meu amigo, pegue neste óculo e observe bem. É possível que aquele navio seja o Duncan...

O condenado, subitamente pálido, focou a direção indicada e perscrutou o horizonte durante vários minutos. Por fim, afirmou categórico:

- Não é o Duncan! O Duncan é um iate a vapor e deste não vejo qualquer sinal de fumo!

- Pode ser que estejam a poupar carvão e a navegar à vela, pois o vento é de feição - observou Pencroff. - De qualquer modo, temos de esperar que o casco seja visível para sabermos.

Ayrton permaneceu cabisbaixo e silencioso, enquanto os colonos discutiam sobre qual a atitude a tomar. Acabaram por decidir atear uma fogueira que assinalasse a presença de gente na ilha, embora estivessem conscientes dos riscos que corriam... Mas iriam perder aquela oportunidade de regressar à civilização? Quem garantia que, se o navio se afastasse durante a noite, algum outro voltaria a surgir nas águas da desconhecida ilha Lincoln?

De repente, o misterioso veleiro mudou de rumo e apontou à ilha, acelerando a velocidade! Ayrton assestou novamente o óculo e, muito embora aquele barco também tivesse dois mastros, tal como sucedia com o Duncan, concluiu com toda a segurança:

- O Duncan não é! Eu bem sabia que não podia ser.

Pencroff pegou, por sua vez, no óculo e examinou atentamente o brigue. Marinheiro experimentado, não teve dificuldade em perceber que era um barco de trezentas a quatrocentas toneladas, esguio e sabiamente mastreado, enfim, um autêntico corredor dos mares. Mais difícil era averiguar a sua nacionalidade, dado que a noite caía e o pavilhão, com o abrandamento da brisa marítima, se enrolara nos cabos.

- Americano não é, nem inglês, que aí se via facilmente o vermelho... - ia dizendo Pencroff. - Também não é francês, nem alemão... Tão-pouco é a bandeira branca da Rússia ou a amarela de Espanha. Dir-se-ia que é de uma cor uniforme... Vejamos: nestes mares, o que seria mais natural encontrar? O pavilhão do Chile? Mas esse é tricolor... O brasileiro? É verde. Só se... A frase ficou em meio. Uma aragem repentina fizera drapejar a bandeira desconhecida e o marinheiro anunciou em voz rouca:

- O pavilhão negro!

- Meus amigos - exclamou, emocionado, o engenheiro, se esses miseráveis quiserem conquistar a nossa ilha, nós defendê-la-emos, não é verdade?

- Com as nossas próprias vidas, se for preciso! - respondeu Gedeão Spilett.

A noite caía, uma noite de breu, noite de lua nova, envolvendo em escuridão cerrada a ilha e o mar. Do navio, ainda sem luzes, nada se descortinava e nem sequer era possível saber-se a localização exata.

- Quem sabe se o maldito barco não deu meia volta...sugeriu Pencroff.

Como que em resposta à observação do marinheiro, um clarão vivo relampejou ao largo e um tiro de canhão atroou os ares, cortando violentamente o silêncio da noite. O brigue estava ali, a menos de duas milhas¹ da costa! Pouco depois, os colonos ouviram distintamente o guinchar característico das correntes a descer pelos escovéns². O navio acabava de lançar ferro à vista da Casa de Granito!

¹ Milha marítima = 1852 metros. (N. da T.)

² Escovém: abertura no costado de um navio para passagem da amarra. (N. da T.)

CAPÍTULO II

Estava consumado! Os piratas tinham fundeado a curta distância da ilha, e era evidente que no dia seguinte viriam a terra nos escaleres. Cyrus Smith e os companheiros

estavam prontos a agir, mas por maior determinação que os animasse, impunha-lhes a maior prudência. Talvez pudessem, ainda, dissimular a sua presença... Quem sabe se os intrusos não pretendiam apenas abastecer-se de água doce? Nesse caso, não seria previsível que descortinassem a ponte sobre o Mercy, a mais de um quilômetro da foz, e ainda menos as obras de melhoria das Chaminés.

- De qualquer modo - fez notar Smith -, aqui estamos razoavelmente defendidos. Os piratas não vão conseguir descobrir a abertura do escoadouro do lago, que está muito bem camuflada, e nunca serão capazes de entrar na Casa de Granito.

- Mas as nossas plantações? - exclamou Pencroff, em desespero. - A nossa capoeira, o curral, enfim, tudo o que construímos? Eles podem destruir tudo em poucas horas!

- Tudo, é verdade. E nós não temos meios de o impedir - concordou o engenheiro.

Nesse momento, Ayrton, que até então parecera alheado, aproximou-se de Cyrus Smith e disse-lhe com firmeza:

- Senhor Smith, peço-lhe autorização para ir ao navio ver quantos homens são e o que pretendem.

- Vai arriscar a vida e, além disso, não tem nenhuma obrigação... - respondeu Cyrus, hesitante.

O engenheiro Smith percebia que o condenado, tornado homem honesto, procurava mais aquela provação, como se ainda não tivesse expiado todos os seus crimes.

- Devo cumprir muito mais do que a minha obrigação!obstinou-se Ayrton. - Irei a nado, visto que é a melhor maneira de passar despercebido.

- Eu vou consigo! - decidiu Pencroff. - Mas só até ao ilhéu. Depois fico ali à sua espera, para o que der e vier... Pode acontecer que um dos bandidos tenha desembarcado lá e dois homens não serão demais para o impedir de dar o alarme. - Assim decidido, desceram à praia e atravessaram para o ilhéu da Salvação.

Ayrton despiu-se e espalhou gordura no corpo para suportar o frio, já que podia ter de permanecer várias horas dentro de água. Depois, sem hesitar, atirou-se ao mar e nadou silenciosamente até ao brigue, cuja localização era indicada por umas quantas lanternas acesas. Quanto a Pencroff, ficou escondido numa reentrância das rochas. Passada uma meia hora, sem ter sido visto nem ouvido, Ayrton chegava ao pé do navio e, segurando-se ao cabo da âncora, tratou de descansar um pouco. Seguidamente, com uma agilidade felina, içou-se até à amurada da proa, onde secavam roupas de marinheiro. Vestiu umas calças e, acorocado atrás de uma barreira, pôs-se à escuta.

Os piratas bebiam, cantavam, riam e discutiam. Eis algumas das frases que Ayrton conseguiu apanhar e que muito o perturbaram:

- Excelente presa, este brigue!

- Navega que é uma maravilha e é veloz como um raio! Bem merece o nome de Speedy!

- Toda a marinha de Norfolk podia correr atrás dele, que nunca o caçava!

- Viva o nosso capitão! Viva Bob Harvey!

Para se compreender o que Ayrton sentiu ao escutar este nome, é necessário saber que Bob Harvey tinha sido seu companheiro, na Austrália. Marinheiro audaz, mas homem sem escrúpulos, levava por diante os projetos criminosos congeminados pelo próprio Ayrton! Bob Harvey e o seu bando de facínoras, ex-presidiários, cruzavam agora o Pacífico, assaltando e destruindo navios, e massacrando tripulações.

Os homens do Speedy eram todos condenados ingleses de tal modo perigosos, que haviam sido degredados para a ilha Norfolk, de onde se evadiram.

A gritaria e as conversas boçais continuavam, a par de grande ingestão de rum, ficando Ayrton a saber que só por mero acaso o brigue chegara ao largo da ilha Lincoln. Bob Harvey estava decidido a explorar aquela terra desconhecida, que não constava em

nenhuma carta de navegação. Depois, se houvesse condições para tal, tencionava fazer dela porto de abrigo e base para os ataques. Quanto ao tiro de canhão à chegada, não fora mais do que pura fanfarronada dos piratas, a exemplo da praxe dos navios de guerra à vista de um porto!

As notícias não podiam ser piores para a pequena colônia da ilha! A água potável, a pequena enseada bem abrigada e a fartura de provisões não deixariam de despertar a cobiça dos bandidos. Depois, porque desconhecida, a ilha garantia-lhes toda a impunidade e segurança! E outra coisa era certa: Harvey e os seus cúmplices não poupariam os colonos, que seriam massacrados sem qualquer hesitação. Posto isto, era necessário combater até ao fim e acabar com aqueles miseráveis, indignos de piedade e contra os quais todos os meios seriam justificados. Uma hora passou e a berraria dos malfeitores ia cessando; daí a pouco já todos dormiam e as lanternas do tombadilho acabaram por se extinguir. Encoberto pela escuridão, Ayrton deslizou cautelosamente por entre os corpos prostrados e, pelo tato, pôde verificar que o Speedy dispunha de quatro canhões de carregar pela culatra, peças modernas, portanto, com efeitos devastadores. Quanto ao número de homens, não eram mais de dez os que dormiam no tombadilho e na ponte da popa, mas, pelo que escutara, a tripulação andava pelos cinqüenta...

Muitos, na verdade, para os seis colonos da ilha Lincoln!

Não restava mais a Ayrton do que regressar e contar aos companheiros o que soubera. Tinha cumprido o seu dever. Porém, este homem estava determinado a ir além do dever.

Ocorreu-lhe, então, uma idéia heróica: sacrificaria a vida para salvar a ilha e os colonos, a quem devia a dignidade recuperada. Como? Fazendo explodir o brigue! Ele próprio morreria, mas, juntamente com ele, todos os piratas! Não hesitou mais e procurou o paiol, por certo bem aprovisionado de pólvora. Um lampião de chama baixa alumia a base do mastro grande, junto ao qual os piratas guardavam as armas. Ayrton escolheu um revólver; tanto lhe bastava para fazer fogo e provocar a explosão! Pé ante pé, aproximou-se do castelo da popa, sob o qual devia estar o paiol. A porta, infelizmente, estava trancada! No entanto, o cadeado não tardou a saltar, pressionado pelo cano do revólver. Mas, no preciso momento em que abria o paiol, Ayrton sentiu-se violentamente agarrado pelo ombro.

- Que estás aqui a fazer?

Era a voz de Bob Harvey! Sem responder, empurrou com toda a força o chefe dos bandidos e tentou entrar no paiol. Um tiro de revólver no meio daquelas toneladas de pólvora... e tudo estaria terminado!

- A mim, companheiros! - berrou Harvey.

Três piratas, acordados pelos gritos, lançaram-se sobre Ayrton, mas este logrou repeli-los, disparando rapidamente por duas vezes. Dois celerados tombaram, enquanto o terceiro o atingia de raspão com uma facada no ombro.

Perante esta situação, e dado que outros piratas acorriam já, o ex-degredado da ilha Tabor compreendeu que o seu plano não podia ser executado; o mais importante, agora, era fugir dali e lutar ao lado de Cyrus Smith e dos seus amigos.

Disparando as balas que lhe restavam, Ayrton correu para a ponte, galgou a amurada e mergulhou. Ainda não dera seis braçadas e já as balas crepitavam à sua volta, qual granizo! Imagine-se a angústia de Pencroff, no ilhéu, e dos outros companheiros, na Casa de Granito, ao ouvirem o tiroteio!

Finalmente, pela meia-noite, o bote arribou à praia, trazendo Pencroff ileso e Ayrton ligeiramente ferido. Os amigos aguardavam-nos nas Chaminés e todos se abraçaram, vivamente emocionados. Ali mesmo, Ayrton fez o relato de tudo quanto se tinha passado, sem omitir o plano frustrado de fazer explodir o brigue. No final, ninguém tentou disfarçar o respeito e a admiração que o ex-condenado confirmara merecer. Este não se cansava de salientar a gravidade da situação: os piratas, em grande número e

bem armados, sabiam agora que a ilha era habitada e de semelhantes facínoras não se poderia esperar a menor clemência.

- Pois bem, nós saberemos morrer! - exclamou o repórter.

- Para já, vamos ficar vigilantes - disse o engenheiro.

A noite passou-se sem incidentes e, quando a aurora começou a raiar, os colonos avistaram logo por entre as brumas da manhã a massa escura do Speedy.

- Meus amigos, antes que a neblina desapareça de todo, quero dar-lhes conta das disposições que me parecem mais convenientes - disse, então, o engenheiro. - Primeiro que tudo, temos de fazer crer aos bandidos que somos muitos mais do que seis e, por conseguinte, capazes de os enfrentar. Para tanto, proponho que nos dividamos em três grupos: um fica aqui mesmo nas Chaminés; outro, na foz do Mercy e, a propósito, escusado será dizer que a ponte vai ser imediatamente levantada! O terceiro grupo vai para o ilhéu, para impedir ou, pelo menos, retardar qualquer tentativa de desembarque. Quanto a armas de fogo, temos que chegue para todos: quatro espingardas e duas carabinas. E munições também não faltam! - As carabinas foram distribuídas a Gedeão Spilett e Ayrton, ambos exímios atiradores, e os grupos organizados como segue:

Cyrus Smith e Harbert ficariam escondidos nas Chaminés, dominando, assim, uma grande extensão de praia e as imediações da Casa de Granito; Spilett e Nab iriam colocar-se entre as rochas da foz do Mercy, por forma a impedir a passagem de qualquer escaler ou tentativas de desembarque na margem oposta; finalmente, Pencroff e Ayrton ocupariam postos separados na ilhota. Desta maneira, o tiroteio disparado de quatro pontos diferentes, levaria os piratas a pensar que a ilha, suficientemente povoada, seria também eficazmente defendida.

Instantes volvidos, Cyrus e Harbert para um lado, e o repórter e Nab para outro, tinham desaparecido atrás das rochas; cinco minutos mais tarde, Ayrton e Pencroff, após atravessarem o canal sem problemas, desembarcavam na ilhota e ocultavam-se nas reentrâncias do lado oriental. Nenhum deles podia ter sido visto. De resto, eles próprios dificilmente descortinavam o Speedy, ainda envolto em nevoeiro.

Pelas seis e meia da manhã, a cerração começou a dissipar-se e os defensores da ilha puderam avaliar, então, o navio pirata em toda a sua imponência! O brigue, com o sinistro pavilhão negro hasteado, estava de proa virada a norte, voltando, por conseguinte, o costado de bombordo para a ilha. Os canhões assestados eram prova mais que evidente que tudo estava a postos para abrir fogo ao primeiro sinal!

Mas, por ora, o Speedy mantinha-se mudo e quieto. Podia ver-se uma trintena de homens sobre a ponte, mais uns tantos nos mastros e dois deles, munidos de óculos de longo alcance, observavam a ilha. Cerca das oito horas, começou a movimentação. Os piratas lançaram um escaler ao mar e sete embarcaram, armados de espingardas: um tomou conta do leme, quatro empunharam os remos e os outros dois acocoraram-se à proa, prontos a disparar. O objetivo parecia ser um primeiro reconhecimento, porque, se pretendessem desembarcar, empregariam uma força mais numerosa. O escaler avançava com extrema precaução. A dada altura, um dos homens da proa pegou numa linha de sonda e pôs-se a medir a profundidade das águas. Era claro que Bob Harvey tencionava aproximar o navio da costa no máximo que fosse possível. Entretanto, o escaler deteve-se muito perto do ilhéu. O homem do leme, de pé, procurava o melhor ponto de acostagem. De repente, dois tiros quase simultâneos chicotearam o ar e dois penachos de fumaça pairaram, por breves instantes, sobre os rochedos do ilhéu. O do leme e o seu companheiro da sonda tombaram no fundo do escaler. Pencroff e Ayrton não tinham falhado!

A resposta não tardou e o flanco do brigue cuspiu fogo! A crista dos rochedos voou em estilhaços, mas os dois atiradores não foram atingidos. Do escaler soaram imprecações e gritos de cólera; um dos piratas tomou conta do leme, enquanto os outros

quatro remavam com toda a força ao longo da margem, procurando voltar pelo lado sul, a fim de se colocarem fora do alcance das balas.

A intenção dos piratas era entrar no canal e surpreender pelas costas os atiradores do ilhéu, que ficariam, assim, entre o fogo cruzado das suas espingardas e da artilharia do Speedy. Porém, já nas águas do canal e mais ou menos na direção do rio, sucedeu que a maré a subir com a força do costume começou a arrastar o escaler dos malfeitores para a foz do Mercy, onde foram saudados com mais dois disparos. Outros dois piratas tombaram. Agora, fora a vez de Nab e Spilett mostrarem pontaria afinada!

Imediatamente, o Speedy atirou segunda bombarda, de novo sem outro resultado que não o de esfacelar algumas rochas. No escaler, os três sobreviventes, remando furiosamente, lograram sair da corrente e, ladeando a ilhota pelo norte, acostaram ao brigue. Os mortos foram içados para bordo, no meio de exaltada gritaria, e logo a seguir doze dos celerados saltaram para a embarcação; um segundo escaler foi, então, arreado, rumando à foz do Mercy com mais oito homens lá dentro, enquanto o primeiro apontava à ilhota.

A situação de Pencroff e Ayrton tornava-se insustentável! No entanto, os nossos amigos esperaram que o barco chegasse ao alcance de tiro e, com mais duas balas bem dirigidas, provocaram a confusão entre os facínoras! Perseguidos por autêntica fuzilaria, fugiram depois a toda a velocidade, meteram-se no bote, atravessaram o canal e correram para as Chaminés.

Apenas se tinham reunido a Cyrus Smith e Harbert e já a ilhota era invadida pelos piratas. Quase no mesmo instante, ouviram-se novas detonações do local defendido por Nab e Gedeão Spilett. Dois dos ocupantes do segundo escaler acabavam de ser mortalmente atingidos e o barco, desgovernado, foi atirado contra os escolhos, desmantelando-se na embocadura do rio! Os seis sobreviventes conseguiram atingir a margem direita de onde desataram a correr em direção à ponta da baía dos pântanos. Posto isto, a situação apresentava-se da seguinte maneira: no ilhéu da Salvação, estavam doze piratas com um escaler à disposição, não se sabendo, porém, se entre eles haveria feridos ou mortos; na ilha andavam seis, mas sem embarcação e, para já, impedidos de atingir a Casa de Granito, dado que tinham fugido pela margem oposta do rio, cuja ponte fora levantada.

- Isto vai, isto vai! - exclamava Pencroff, todo entusiasmado. - O que é que lhe parece, senhor Cyrus?

- O que me parece é que o combate ainda está longe do fim... - respondeu, calmamente, o engenheiro. - Acho que não podemos facilitar, porque estes bandidos não são estúpidos, nem vão desistir facilmente.

- Mas o canal é que eles não atravessam - opinou o marinheiro -, que as carabinas do Ayrton e do senhor Spilett aqui estão para o impedir!

- Isso é verdade - disse o jovem Harbert -, mas o que podem duas carabinas contra quatro canhões?

- Eh! Calma aí! O brigue nunca entrará no canal... Eles não hão de arriscar-se a encalhar e a perder o navio! Não, isso não é possível... - insistiu Pencroff, como sempre otimista.

- É possível, é! - contestou Ayrton. - Basta aproveitar a maré-cheia. Então, sob o fogo dos canhões, é que nós ficamos sem possibilidade... -

Por todos os diabos do inferno! - vociferou Pencroff. - Parece que os patifes se preparam para levantar ferro!

- Senhor Smith, talvez sejamos obrigados a procurar refúgio na Casa de Granito - disse Harbert.

- Vamos esperar para ver, meu rapaz!

- E o senhor Spilett? E o Nab? - inquietou-se o marinheiro

- Eles não-de juntar-se a nós no momento oportuno garantiu Cyrus. - Quanto a si, Ayrton, é melhor ir preparando a carabina!

O Speedy virara a proa e aproximava-se agora do ilhéu. Quanto à possibilidade de entrar no canal, Pencroff continuava a teimar que o dito Bob Harvey não se atreveria a tal manobra. Entretanto, os piratas que tinham desembarcado no ilhéu, concentraram-se na margem fronteira à ilha, julgando-se a salvo. Evidentemente, ignoravam que os colonos dispunham de carabinas de longo alcance e esse descuido custou-lhes caro. Spilett e Ayrton, cada um no seu posto, fizeram fogo e abateram mais dois inimigos. Foi a debandada geral! Os outros precipitaram-se para o escaler e remaram apressadamente para o veleiro.

- Oito a menos! - congratulou-se Pencroff.

- Atenção, que as coisas vão piorar! - avisou Ayrton, recarregando a carabina. - O brigue vem aí!

Os defensores da ilha dificilmente dominavam a ansiedade. Seria terrível se ficassem expostos aos canhões do navio a tão curta distância, e sem capacidade de resposta eficaz! E como poderiam impedir um desembarque? Cyrus Smith avaliava perfeitamente a gravidade da situação e interrogava-se sobre o que fazer. A decisão e tinha de ser rápida - cabia-lhe a ele. Mas qual? Refugiarem-se na Casa de Granito e suportar um cerco de semanas, ou de meses, até que os víveres se esgotassem? Os piratas não deixariam de tomar posse da ilha, que haviam de devastar a seu bel-prazer, e, no fim, acabariam sempre por lhes deitar a mão...

Entretanto, o Speedy aproximava-se da ponta inferior do ilhéu da Salvação. O comandante dos piratas aproveitara as anteriores surtidas dos escaleres para saber qual a melhor maneira de manobrar até ao canal. O plano de Bob Harvey era simples: fundear frente às Chaminés e daí flagelar com espingardas e canhões aqueles que já lhe tinham morto oito elementos da tripulação.

Com o vento a favor, não tardou muito que o brigue atingisse a foz do Mercy, mas, nessa altura, já o repórter e Nab se tinham reunido aos companheiros.

O engenheiro Smith decidiu-se:

- Vamos para a Casa de Granito antes que os bandidos nos vejam! Depois, faremos o que as circunstâncias nos ditarem!

Não havia um instante a perder. Os colonos esgueiraram-se para fora das Chaminés e, a coberto dos rochedos, precipitaram-se para o elevador, subindo para casa, onde o cão Top ficara fechado desde a véspera.

Ora também depressa se frustrou a esperança de que, graças às obras de dissimulação, a Casa de Granito não fosse detectada pelos piratas... Uma bala apontada à porta acabava de fazer ricochete na parede do corredor!

- Maldição! Fomos descobertos! - gritou Pencroff.

A situação dos colonos não podia ser mais desesperada!

Nisto, soou um fragor surdo, acompanhado de gritos de horror... Cyrus Smith e os companheiros precipitaram-se para uma das janelas. O brigue elevou-se acima das águas, levantado por uma espécie de tromba líquida, partiu-se ao meio e, em menos de dez segundos, afundava-se com a sua criminosa tripulação! !

CAPÍTULO III

- Foram ao fundo! - exclamou Harbert, correndo para o elevador seguido por Nab e Pencroff.

- Mas... mas o que é que aconteceu? - perguntava Gedeão Spilett, verdadeiramente estupefato.

- Ah! Desta vez, sim! É desta que vamos ficar a saber... - murmurava o engenheiro, de olhos brilhantes e voz embargada pela emoção, como se falasse consigo mesmo.

- A saber o quê? - interessou-se Spilett.

- Mais tarde falamos. Venha daí, Spilett! O importante é que esses piratas foram exterminados!

Cyrus Smith, Spilett e Ayrton juntaram-se aos outros, na praia. Do brigue nem sinal, sequer da mastreação! Depois de levantado pelo inexplicável turbilhão, virara-se de lado e nessa posição fora ao fundo. Todavia, dada a pouca profundidade do canal, era de esperar que na baixa-mar o costado ficasse à vista e acessível. Alguns salvados flutuavam já na corrente - mastros, vergas, caixotes e barricas - não se descortinando, porém, fragmentos da estrutura do navio, bocados do casco ou do convés, por exemplo... Tal fato adensava ainda mais o mistério da explosão.

- E os seis bandidos que fugiram pela margem direita do Mercy? - lembrou, de repente, Gedeão Spilett.

- Pensaremos neles mais tarde! - respondeu Smith. - Ainda são perigosos porque estão armados, mas, enfim, são seis contra seis... Agora as forças estão equiparadas. Neste momento, vamos ao que importa!

Com efeito, urgia impedir que os salvados à deriva fossem puxados para o largo. Ayrton e Pencroff correram para o bote e trataram de recolher mastros, vergas e velas que, depois de amarrados, rebocavam para a praia. Alguns cadáveres começavam também a ser arrastados para o mar alto pela vazante, e tão rapidamente que nem puderam ser recolhidos para posterior sepultura. Entre os corpos levados pela maré, Ayrton reconheceu Bob Harvey, seu ex-companheiro.

- Veja lá você, Pencroff, aquele criminoso! - comentou.

- E pensar que eu também já fui assim...

- Mas já não é, meu amigo! - retorquiu o marinheiro com veemência.

Ao cabo de duas horas, os colonos tinham recuperado uma enorme quantidade de material, agora amontoado em terra.

Todos se sentiam exaustos e a morrer de fome, pelo que comeram ali mesmo, nas Chaminés, um almoço ligeiro preparado por Nab.

Como não podia deixar de ser, o tema da conversa foi o misterioso acontecimento que lhes salvara miraculosamente as vidas. Cerca de duas horas depois, já com as forças mais retemperadas, meteram-se no bote e remaram até ao local onde o Speedy se afundara. Com a vazante, o brigue já estava meio fora de água, apresentando-se quase de quilha para cima. Governando o bote à volta do casco, puseram-se os colonos a examiná-lo atentamente, tentando perceber o que realmente se passara. À frente, de ambos os lados da quilha e perto da roda da proa, o costado apresentava-se despedaçado num comprimento de, pelo menos, seis metros! Mais: o revestimento de cobre e o forro interior do navio tinham-se praticamente pulverizado! Até à ré, as cintas que não tinham desaparecido estavam desconjuntadas e retorcidas e a sobrequilha fora arrancada...; até a própria quilha estava completamente solta em diversos pontos.

- Com mil diabos! - exclamou Pencroff, com ironia. Ora aqui está um navio difícil de recuperar!

- De qualquer maneira - atalhou Spilett -, a explosão produziu efeitos singulares. Destruí completamente o navio por baixo e por dentro, sem fazer saltar o convés e o equipamento superior! Estes enormes rombos sugerem mais um choque contra escolhos do que um rebentamento no paiol...

- Ora essa! Não há escolhos no canal! - contrapôs o marinheiro. - Aceito o que quiserem, menos um embate contra as rochas!

- Precisamos ir lá dentro - propôs o engenheiro. – Talvez aí seja possível descobrir o que aconteceu.

Era, de fato, o melhor a fazer, até porque convinha inventariar todos os valores que pudessem ser retirados de bordo. De resto, a maré continuava a baixar, facilitando o acesso ao bojo do brigue. Cada rombo era uma porta escancarada!

Cyrus Smith e os companheiros avançaram, munidos de machados, ao longo do convés destroçado e atravancado de caixotes, cujo conteúdo, conforme esperavam, devia estar ainda aproveitável. Ayrton e Pencroff improvisaram uma espécie de guindaste no rombo maior e começaram a içar todos os volumes, barris e caixas que, posteriormente, eram transportados no bote até à praia. Depois se veria o que continham.

Resumindo, para grande satisfação dos colonos, não restavam dúvidas de que o brigue carregava carga muito variada e da maior utilidade.

Chegados ao lado da ré, ao local onde antes se erguia o castelo da popa e, por conseguinte, onde ficava o paiol, verificaram - conforme era já convicção do engenheiro – que a explosão do navio não tivera ali a sua origem. Aliás, a zona do paiol fora precisamente a menos atingida. O marinheiro teve de admitir, contrariado:

- Bem, sou obrigado a reconhecer que tinham razão! Mas quanto a um choque numa rocha, aí eu mantenho que não as há no canal!

Pelo menos, puderam recuperar uma grande quantidade de munições e uma vintena de barris de pólvora, que removeram com todas as precauções.

A maré, entretanto, começara a encher e as buscas ficaram por ali. De resto, podiam voltar à carcaça do navio sempre que quisessem, encalhada como estava nas areias do fundo.

Eram perto das cinco da tarde e o dia havia sido muito duro para todos. Apesar disso, e depois de terem jantado com apetite, não resistiram à curiosidade e foram examinar a carga que tinham salvo. Calcule-se a satisfação da pequena colônia, quando descobriu grande quantidade de roupas e calçado! Era, de fato, material de primeira necessidade.

- Agora é que estamos ricos! - exclamou alegremente o marinheiro.

A cada momento crescia o entusiasmo, conforme se abriam barricadas de tabaco, caixas de armas de fogo, caixotes de algodão, ferramentas, utensílios de lavoura... Ah! como tudo aquilo teria sido útil, dois anos atrás, quando foram obrigados a improvisar todo o equipamento a partir do nada!

Mas, enfim, mesmo agora, nada seria desaproveitado. O dia acabou, sem que houvesse tempo de arrumar tudo na Casa de Granito. A vigilância não podia esmorecer, tanto mais que andavam seis piratas do Speedy à solta pela ilha, agora por certo ainda mais sedentos de vingança.

Os três dias que se seguiram, 19, 20 e 21 de Outubro, foram destinados à recolha de tudo o que houvesse de valor ou utilidade no navio afundado. Na baixa-mar, esvaziavam o porão, e na praia-mar transportavam os salvados para terra. Levaram tudo: os revestimentos de cobre, as correntes, as âncoras, os lastros de ferro e até os canhões, que conseguiram pôr a flutuar amarrados a barricadas vazias. Pencroff, sempre cheio de idéias entusiastas, falava já em montar os quatro canhões em bateria, a dominar o canal e a foz do rio... Desse modo, não haveria esquadra "por mais poderosa que fosse", como ele dizia, que se aventurasse nas águas da ilha Lincoln!

Quando do brigue nada mais restava do que a carcaça inútil, veio o mau tempo que acabou por a destruir. As despensas, armazéns e arrecadações da Casa de Granito, essas, estavam a abarrotar!

Contudo, o mistério da destruição do Speedy continuaria por esclarecer, não fosse Nab, cerca de duas semanas depois, ter encontrado na praia um pesado cilindro de ferro todo torto e com sinais de ter sido submetido a uma substância explosiva.

Cyrus Smith, após ter examinado atentamente o achado, voltou-se para Pencroff e perguntou-lhe com alguma ironia:

- Então, amigo, você continua a pensar que o Speedy não foi vítima de um choque?

- Pois claro! - respondeu logo o marinheiro. - O senhor Cyrus sabe tão bem como eu que o canal não tem escolhos!

- E se o choque se tivesse dado contra isto? - insistiu o engenheiro, apontando para o cilindro encontrado por Nab.

- O quê? Esse canudo? - disse Pencroff, incrédulo.

- Meus amigos - esclareceu Smith -, lembrar-se-ão, por certo, que o brigue, antes de ir ao fundo, foi levantado por uma tromba de água... Pois bem, tudo isso foi obra de um torpedo e este cilindro é o que resta dele.

- Mas como é que ele foi lá parar? - perguntou Pencroff, desconfiado como de costume.

- Isso ainda não sei, mas o certo é que todos pudemos testemunhar os seus efeitos!

Enfim, tudo se explicava... ou melhor, quase tudo. O engenheiro que, durante a Guerra de Secessão, tivera oportunidade de se familiarizar com esses terríveis engenhos, não podia enganar-se. Fora aquele cilindro carregado de explosivos que rebentara com o brigue! O Speedy não pudera resistir a tamanha capacidade de destruição, aliás suficiente para afundar um cruzador como se de um barquinho de pesca se tratasse.

Sim, quase tudo se explicava. Faltava, porém, saber quem lançara o torpedo. Cyrus Smith já intuía a verdade. Agora, era chegado o momento de falar novamente com os amigos e partilhar com eles as suspeitas que tinha e que se iam tornando certezas. É que todos aqueles acontecimentos estranhos e inexplicáveis dos últimos dois anos haviam sido sempre, mas sempre, favoráveis aos colonos!

O engenheiro falou durante longo tempo, perante o silêncio de concordância dos companheiros, tão lógica foi a sua demonstração da presença de um misterioso desconhecido na ilha, talvez um naufrago como eles, mas dotado de poderes prodigiosos. Em suma, um benfeitor generoso e desinteressado, de cuja existência Cyrus fora recolhendo sucessivas provas, a começar pelo seu próprio salvamento do mar tempestuoso, quando caiu do balão! Mas havia mais: Top que escapara ileso do dugongo e este morto com um golpe no pescoço; o grão de chumbo encontrado no corpo do pecari; o caixote repleto de tudo o que eles careciam, aparecido, como por milagre, na baía dos pântanos; a mensagem dentro da garrafa, a dar-lhes conhecimento da existência de Ayrton na ilha Tabor; a fogueira no topo da ilha a servir-lhes de farol... Resumindo, tudo isso fora obra desse projetor, que estranhamente não se mostrava, tudo isso culminava agora com a destruição do navio dos piratas, salvando-os uma vez mais e preservando a ilha Lincoln da sanha devastadora dos facínoras.

O engenheiro Smith tinha, igualmente, uma interpretação para o fato de o benfeitor desconhecido ter sempre conhecimento oportuno dos problemas, intenções e movimentações da colônia. Estava ele convencido de que, graças às fantásticas condições acústicas da caverna, o misterioso personagem os ouvia através do poço na arrecadação da Casa de Granito, junto do qual Top tinha por hábito rosnar.

Portanto, para Cyrus, homem culto e com um arraigado espírito científico que recusava o sobrenatural, tudo tinha uma explicação. Para ele era claro que o homem desconhecido era detentor de um poder extraordinário e de conhecimentos técnicos e científicos muito avançados para a época. Já Pencroff, de alma simples e com poucos estudos, custava a acreditar em tudo aquilo e, por várias vezes, quis interromper o engenheiro... Do que não restavam dúvidas era de que todos eles, colonos da ilha Lincoln, mantinham uma pesada dívida de gratidão para com o benfeitor desconhecido. Cyrus Smith colocou abertamente a questão:

- Há algo que temos de decidir e já! Devemos respeitar o desejo de anonimato do nosso salvador, ou devemos procurá-lo para lhe agradecer e nos colocarmos ao seu serviço para tudo o que entenda necessário?

Todos se mostraram favoráveis à segunda hipótese, especialmente Ayrton, que falou comovidamente:

- Devemos fazer tudo para o encontrar! A minha dívida para com ele é, talvez, ainda maior do que a vossa. De fato, só ele podia saber da minha desgraçada existência na ilha Tabor, comunicando-lhes que havia lá um miserável a salvar! É, portanto, a ele em primeiro lugar que devo a recuperação da minha dignidade de ser humano!

- Então, está decidido! - rematou Cyrus Smith. – Vamos explorar minuciosamente toda a ilha, e que o nosso amigo entenda a nossa intenção e nos perdoe...

A época do ano era excelente para a expedição projetada. Decorria o mês de Novembro, correspondente a Maio no hemisfério norte, com dias grandes e tempo primaveril. Só não partiram imediatamente, porque se levantavam alguns problemas de ordem prática. Um dos onagros estava ferido numa perna e eram precisos alguns dias para ele recuperar; é que o engenheiro tencionava levar a carroça com mantimentos e tudo o que fosse necessário para acampar. Por outro lado, os animais do curral estavam há vários dias sem os cuidados de Ayrton... Convinha que este passasse lá dois dias, para deixar tudo em condições.

Enquanto isso, Spilett, Pencroff e Harbert iriam patrulhar a margem direita do Mercy e a ponta meridional da ilha, à procura de vestígios dos seis piratas foragidos. Este problema deu, aliás, origem a aceso debate entre os colonos. Cyrus Smith perfilhava a tese humanista de que os homens podiam ser regenerados, não só por terem assistido ao fim dramático dos companheiros, mas também porque estariam em situação de fraqueza, isolados e entregues a eles mesmos. Todos concordaram que valia a pena tentar, à exceção de Pencroff, que, muito casmurro, nem queria saber do exemplo do arrependimento de Ayrton. Teve, contudo, de aceitar a vontade da maioria, mas não deixou de dizer:

- Seja como quiserem! Por mim, abatia cada um daqueles malandros como se fosse um animal selvagem! Só peço a Deus que ninguém se arrependa da decisão.

Dentro em breve, se saberia quem tinha razão. A orientação era de não se abrir fogo, a não ser que fossem atacados. Na madrugada seguinte, dia 9 de Novembro, Ayrton partiu para o curral, com a recomendação de enviar uma mensagem telegráfica a informar da situação para aqueles lados. Caso tudo corresse normalmente, estaria de volta a 11, para a expedição. A seguir foi a vez da pequena patrulha se pôr em marcha para sul. Nab acompanhou Spilett, Pencroff e Harbert até à margem do Mercy, a fim de voltar a levantar a ponte, depois de eles passarem. Ficou combinado que, no regresso, disparariam um tiro de aviso e o jovem negro viria recolocar a ponte.

Assim que chegaram à margem direita do rio, os três amigos tomaram a estrada que ia diretamente ao porto do Balão, observando atentamente quer a orla do pântano dos Tadornos, à esquerda, quer a orla da floresta, à direita. Em lado algum se aperceberam de qualquer sinal da passagem dos piratas, que deviam estar escondidos mais para o interior da ilha. À conta das buscas, demoraram duas horas a percorrer os quase cinco quilômetros do trajeto, mas, à chegada, o marinheiro teve a alegria de avistar o Boaventura tranqüilamente fundeado no porto da pequena enseada.

- Vá lá, que aqueles patifes não chegaram aqui!

Mas a alegria foi sol de pouca dura. Quando se aproximaram da amarração, Pencroff detectou imediatamente que alguém estivera ali a mexer no barco ou mesmo a utilizá-lo...

- Não tenho dúvida nenhuma! Os nós do cabo da âncora são diferentes! Os que eu tinha feito são de duas laçadas e estes são nós direitos!

Teriam sido os piratas? O marinheiro estava fora de si. O mais certo era que os piratas tivessem pensado fugir, voltando atrás na decisão ao considerar que o pequeno veleiro não os levaria longe... quando muito até à pequena ilha Tabor. Perturbados com este incidente, voltaram à Casa de Granito, onde os aguardavam novos motivos de ansiedade.

Com efeito, Cyrus Smith, preocupado com o silêncio do telégrafo, tentara entrar em contacto com Ayrton, mas sem qualquer resultado.

Algo de grave devia ter acontecido com o amigo, a menos que se tratasse de uma avaria na instalação, ou - pior ainda - de um ato de sabotagem na linha!

A 11 de Novembro, dia marcado para o regresso de Ayrton, a situação mantinha-se. Do curral, apenas o silêncio respondia às sucessivas chamadas. Cyrus Smith decidiu não esperar mais tempo. Nab ficaria na Casa de Granito vigiando o exterior e atento ao sinal do aparelho, enquanto todos os outros, bem armados, iriam ao curral seguindo sempre pelo fio do telégrafo.

Após dois quilómetros percorridos, ainda não tinham notado nada de anormal: os postes mantinham-se ereto, os isoladores intactos e o fio bem esticado. De repente, Harbert, que caminhava mais adiante, exclamou:

- O fio está cortado!

A autoria da sabotagem, óbvia, cabia aos piratas furtivos!

Foi de coração oprimido, que os nossos quatro amigos fizeram o resto do caminho até ao curral. Por fim, avistaram a paliçada.

À primeira vista, não havia sinais de destruição e o portão estava fechado. Contudo, o silêncio profundo era mais um motivo de alerta! O engenheiro avançou direito ao portão e preparava-se para levantar um dos batentes, quando Top começou a ladrar... Nesse preciso momento, ouviu-se um tiro e Harbert caiu no chão com um grito de dor!

CAPÍTULO IV

Spilett e Smith precipitaram-se para o jovem, cujo corpo inerte Pencroff abraçava já, cheio de desespero:

- Mataram-no! Mataram o meu menino! - gritava o marinheiro, as faces sulcadas de lágrimas.

O repórter encostou o ouvido ao peito de Harbert.

- Está vivo, mas é preciso levá-lo daqui... - disse. - Para o curral, já!

Cyrus, entretanto, corria ao longo da paliçada, contornando-a pelo lado esquerdo. Viera dali o tiro. De repente, viu-se frente a frente com um bandido que, de rosto contraído pela cólera, lhe atravessou o chapéu com uma bala. Não teve tempo de disparar segunda vez, porque o engenheiro, mais rápido, o abateu com uma facada em pleno coração.

Nessa altura, já o infeliz Harbert jazia na cama de Ayrton, na cabana do curral. Enquanto Pencroff se entregava à sua dor, Gedeão Spilett fazia tudo o que estava ao seu alcance para salvar o rapaz. O repórter, habituado aos incidentes mais diversos próprios da sua profissão, tinha alguns conhecimentos de primeiros-socorros e de medicina corrente. O estado de Harbert, contudo, parecia ser muito grave! Ajudado por Smith, pôs a descoberto o ferimento no lado direito do peito, entre a terceira e a quarta costela. A bala não ficara alojada no corpo e o ferimento das costas era ainda maior. Spilett interrogava-se sobre os danos que o projétil podia ter provocado nos órgãos atingidos... De qualquer modo, era urgente parar a hemorragia sem fechar nem comprimir demasiado as feridas pois, sendo certo que havia lesões internas, importava que a supuração não se acumulasse. Assim, o improvisado cirurgião optou apenas por lavar os ferimentos e

aplicar compressas de água fria, completando o tratamento com tisanas refrescantes, que Pencroff ia preparando com as ervas que o próprio Harbert colheira junto do lago, e de que havia boa provisão na cabana do curral.

O certo é que, na manhã seguinte, a febre do doente baixara sensivelmente e os colonos recuperaram a esperança. Harbert, que ia retomando consciência a pouco e pouco, reconheceu Smith, Spilett e Pencroff, que manifestou esfuziante alegria.

Gedeão Spilett, esse, não escondeu a euforia:

- Está salvo! Graças a Deus! O ferimento é grave e até é bem possível que a bala tenha atravessado o pulmão, mas isso não é mortal...

Como é fácil de compreender, desde que estavam no curral, quase há vinte e quatro horas, os colonos apenas se tinham preocupado com o estado do jovem, esquecendo mesmo os perigos que os ameaçavam, caso os criminosos voltassem.

Agora, já mais descansados, Cyrus e o repórter lançaram mãos à obra, enquanto Pencroff permanecia gostosamente à cabeceira do ferido.

Os dois homens começaram por percorrer toda a cerca do curral e explorar as imediações. Todavia, não encontraram qualquer sinal ou rasto de Ayrton; conhecendo a bravura do amigo, concluíram que este, ao ser surpreendido, não capitulara sem luta. O que lhes parecia mais credível era que os bandidos, ao sentirem a aproximação dos colonos, tinham debandado, à exceção daquele que se atrasara e que ferira Harbert. Mas esse, pelo menos, estava morto. Quanto aos outros, deviam ter levado Ayrton, mas não era provável que o tivessem abatido, pois não se dariam ao trabalho de carregar o corpo.

- É preciso bater toda a floresta - decidiu Cyrus Smith -, e desembaraçar a ilha desses miseráveis! Afinal, Pencroff tinha razão... Devíamos tê-los tratado como animais selvagens e isso ter-nos-ia evitado as provações por que estamos a passar... Bem, pelo menos ficamos moralmente autorizados a abdicar de toda a piedade!

Entretanto, outro problema se punha: Nab, sem notícias durante todo aquele tempo, podia meter-se a caminho, desguarnecendo a Casa de Granito e incorrendo no perigo de cair, também ele, nas mãos dos piratas! Mas como comunicar com ele sem o telégrafo? O engenheiro meditava nesta questão quando, ocasionalmente, pousou os olhos no fiel Top... Era isso mesmo! O cão seria o seu correio! Meia hora lhe bastaria para percorrer o caminho entre o curral e a Casa de Granito, que conhecia bem, para além de poder passar despercebido.

O repórter arrancou uma folha do inseparável caderninho e escreveu rapidamente: "Harbert foi ferido. Estamos no curral. Mantém-te alerta e não saias daí. Diz se os piratas já apareceram nas imediações. Manda resposta por Top."

Cyrus prendeu o bilhete à nova coleira de fibras vegetais que o cão trazia ao pescoço e limitou-se a apontar o caminho de casa, repetindo em tom imperativo:

- Casa! Nab! Nab! Casa! Vai, Top... Vai!

O inteligente animal desapareceu imediatamente entre a folhagem. Os colonos, barricados na cabana, esperaram com ansiedade o regresso de Top. Cyrus postara-se atrás da porta de carabina aperrada, pronto a abri-la ao primeiro latido.

Cerca do meio-dia, ouviu-se uma detonação logo seguida de intenso tiroteio. O engenheiro foi entreabrir o portão; assim que avistou uma espiral de fumo a pairar junto de uma árvore, fez fogo nessa direção.

Quase imediatamente, Top entrou de rompante no curral. Smith, depois de trancar novamente o portão, sacou do papel que ele trazia ao pescoço e leu em voz alta:

"Nada de piratas por aqui. Mantenho-me alerta. Melhoras para o Sr. Harbert."

A lacônica nota de Nab era animadora. Contudo, por outro lado, estavam cercados pelos bandidos, agora cinco, mas bem armados e com intenções que não deixavam margem para dúvidas.

- Esperar, eis o que temos a fazer - disse Cyrus Smith.

- Assim que Harbert esteja curado, organizaremos uma batida exaustiva por toda a ilha e daremos a esses miseráveis o que merecem... Se Deus quiser, salvaremos Ayrton e ao mesmo tempo...

- Ao mesmo tempo - interrompeu Spilett -, procuraremos o nosso misterioso projetor, que desta vez não veio em nosso auxílio.

- Quem sabe? - disse o engenheiro, pensativo. – As nossas penas ainda não acabaram e é possível que a sua intervenção poderosa se faça sentir de novo. Mas, por ora, o que importa é a recuperação de Harbert!

Era esta, realmente, a maior preocupação dos colonos trancados no curral. Porém, o jovem melhorava a olhos vistos: as feridas iam cicatrizando e a febre quase desaparecera. Para isso muito contribuiu a água fria, levemente sulfurosa, com que Spilett continuava a embeber as compressas, improvisadas com a roupa branca que havia na cabana.

Ao fim de dez dias, a 22 de Novembro, Harbert começou a manifestar fome, sintoma de acentuadas melhoras, e a cor voltou-lhe às faces. Sorria aos "enfermeiros" e estes viram-se obrigados a proibir-lhe conversas, para que não se fatigasse. Quando, finalmente, o rapaz perguntou por Ayrton, estranhando não o ver ali, o bom do Pencroff teve de arranjar uma desculpa:

- Como nós ficamos aqui, ele foi juntar-se ao Nab para melhor defesa da Casa de Granito!

Já quando Harbert quis saber dos piratas, Pencroff exaltou-se e respondeu todo arrebatado:

- Ah! Esses! Pois aí estão uns cavalheiros que terei o maior prazer em cumprimentar com umas cargas de chumbo! Andam por aí escondidos, mas havemos de os encontrar... E quando estiveres curado, meu filho, vamos ver se esses cobardes, tão prontos a atacar pelas costas, serão capazes de nos enfrentar cara a cara!

CAPÍTULO V

A convalescença do jovem processava-se normalmente, o que bastante animava os companheiros, ansiosos por voltar para casa. Na verdade, por muito bem provida de mantimentos e munições que estivesse a cabana do curral, não se comparava ao conforto e segurança da Casa de Granito.

A falta de notícias de Nab não os preocupava por aí além, já que o corajoso criado de Smith, bem entrincheirado, não se deixaria surpreender... Todavia, ao engenheiro não agradava saber as suas forças divididas. Com Ayrton desaparecido e Harbert incapacitado, eram quatro contra cinco e as possibilidades de iniciativa estavam do lado do inimigo.

Spilett estimava em oito dias o período necessário a que Harbert ganhasse forças suficientes para suportar o caminho sem perigo. Oito dias! Isso remetia o regresso a casa só lá para os princípios de Dezembro... Por essa altura, naquela latitude, começava o calor e era, portanto, tempo das colheitas. Logo que regressassem ao planalto, teriam de se abalançar aos trabalhos agrícolas, adiando a projetada expedição por toda a ilha.

A permanência obrigatória no curral minava o ânimo dos colonos, principalmente de Pencroff que se tornara um agricultor convicto, entusiasticamente votado ao ciclo da terra e muito intransigente no que tocava a tempos de semear e colher.

Mas o mais perturbado e impaciente de todos era o próprio Harbert; doía-lhe ser o causador da retenção dos amigos e um empecilho à segurança dos companheiros e à defesa da ilha! Gedeão Spilett, esse, decidiu aliviar a ansiedade patrulhando as

imediações acompanhado por Top; a carabina e a vigilância do cão bastavam-lhe para se sentir seguro. Havia penetrado uns duzentos metros na floresta, quando Top deu sinal de pressentir qualquer coisa; avançou para um tufo de arbustos, estacou e pôs-se a ganir baixinho com a cauda esticada. Pessoa não seria, senão o comportamento do animal era diferente... O repórter, sabendo disso, avançou e afastou os arbustos, descobrindo um farrapo de pano sujo que não teve dificuldade em reconhecer: era feltro de lã tecido na Casa de Granito. Um pedaço da camisa de Ayrton, não havia dúvida!

Na cabana, o achado foi favoravelmente interpretado. Ayrton estava vivo. Prisioneiro, era óbvio, mas vivo! Os piratas pretendiam, certamente, sacar-lhe informações acerca do número e dispositivo dos defensores da ilha, mas os colonos tinham como seguro que o ex-desterrado de Tabor não abriria a boca para os traír e que tudo tentaria para se evadir. Se o conseguisse, ignorante de que os companheiros se encontravam no curral, acorreria à Casa de Granito.

As patrulhas do repórter, cada vez mais longe do curral, não voltaram a fornecer mais pistas da presença dos piratas naquela zona. Por onde andariam e que novas malfeitorias estariam a preparar? A resposta não tardou! Top, que apanhara a porta aberta e se escapulira pela madrugada - estava-se a 29 de Novembro -, regressou a meio da manhã dando mostras de grande agitação. Como esfregasse com insistência o focinho nas pernas do dono, este, ao afagar-lhe a cabeça, descobriu um papel dobrado e preso na coleira improvisada. Era um bilhete de Nab! Cyrus leu-o com voz tremula: "Sexta feira, seis horas. Os piratas estão a invadir o planalto."

Ora a presença dos bandidos só podia significar devastação e pilhagem! Harbert soergueu-se no leito e afirmou categórico:

- Meus amigos, eu quero partir! Sei que posso suportar a viagem. Vamos embora!

O onagro foi rapidamente atrelado à carroça, no fundo da qual estenderam Harbert em cima de um colchão, bem apoiado nos taipais. Estava um dia luminoso, cheio de sol, e a carroça avançava lentamente, com Top a correr e a farejar na dianteira. Pencroff segurava nas rédeas, com a carabina ao lado, e o engenheiro e Spilett, de armas aperradas e prontas a disparar, protegiam os flancos. Iam a uns dois quilômetros do destino, quando, ao fazer uma curva, Pencroff susteve o onagro e soltou um grito de fúria:

- Ah! Os miseráveis!!

Uma espessa coluna de fumo subia do planalto, no local onde tinham construído a capoeira, a cavalaria e tudo o resto...

Subitamente, Nab apareceu-lhes pela frente, a correr esbaforido!

Ainda ofegante, contou que os facínoras tinham partido há uma meia hora e que ele, como não sabia que vinham a caminho, ia ao curral dar-lhes conta da situação... Por fim, o valente negro perguntou pelo estado de Harbert; foi só então que repararam que o ferido tinha perdido os sentidos.

De repente, a destruição do planalto, a ameaça à Casa de Granito, a presença dos bandidos na ilha, tudo, enfim, foi relegado para segundo plano. No espírito dos colonos só pesava uma preocupação: o estado de Harbert! Teria algum solavanco reaberto as feridas? Teria ocorrido outra lesão interna? Gedeão Spilett, como "médico de serviço", estava desesperado. Deixaram a carroça à guarda de Nab, que também ficou incumbido de dar uma primeira vista ao planalto, e transportaram o ferido até casa numa padiola improvisada com o colchão e alguns troncos. Aí, Harbert recobrou a consciência e sorriu para os amigos, mas a debilidade era tanta que não conseguiu articular palavra.

Spilett examinou os ferimentos e, embora animado por verificar que cicatrizavam normalmente, não ficou sossegado.

Por que razão havia o jovem piorado daquela maneira? Entretanto, os piratas continuavam afastados da Casa de Granito e das Chaminés, porque provavelmente julgavam aqueles locais bem protegidos e não arriscavam... Ah! Se eles soubessem que

os defensores eram apenas quatro! "Valente Ayrton!", pensava o engenheiro a caminho do planalto. Uma vez lá chegado, ficou estarecido: os campos tinham sido positivamente devastados e as searas meticulosamente espezinhadas; a horta fora igualmente arrasada e as instalações consumidas pelo fogo! Os poucos animais, que tinham sobrevivido à matança, erravam em pânico pelo planalto. Muito pálido e controlando a ira com dificuldade, Cyrus Smith voltou para casa.

Harbert estava pior e as tisanas já não produziam qualquer efeito. O infeliz rapaz ora delirava, ora caía numa prostração profunda. Spilett, que não abandonava a cabeceira do doente, acabou por perceber a razão daquele agravamento. Com efeito, a alternância entre os delírios e as convulsões da febre e as fases de letargia só podia significar uma coisa: Harbert sofria de uma crise de malária, doença que certamente contraíra numa das idas aos pântanos mas que só agora se revelara, dado o enfraquecimento generalizado do organismo do rapaz por causa dos ferimentos.

Era urgente combater o mal, evitando novo febrão que poderia ser mortal! Como não tinham quinino - o remédio mais indicado contra a malária ou paludismo - ainda tentaram chás de casca de salgueiro, mas sem resultados...

Na noite de 7 de Dezembro, Harbert teve um novo ataque e tão violento, que Gedeão Spilett acreditou que o jovem amigo se despedia da vida. Era terrível verificar que o doente já não reconhecia ninguém, ora contorcendo-se delirante, ora quedando-se inanimado!

De repente, Top, possuído de estranha agitação, começou a rosnar, sendo logo acalmado pelo dono, em respeito pela agonia do moribundo.

Pelas cinco da manhã, mal despontava a aurora, Pencroff, que não conseguia ficar quieto de tanta aflição, andando de quarto em quarto entrou no salão... O grito de surpresa que soltou fez acorrer os outros.

O marinheiro apontava para uma caixinha em cima da mesa. Spilett pegou-lhe e leu na etiqueta: "Sulfato de quinino"! O repórter abriu a caixa e levou aos lábios um pouco daquela substância branca... Não restavam dúvidas: era, de fato, quinino, o antipalúdico por excelência! De imediato, Nab recebeu ordem de ir fazer café a que o repórter juntou um pouco de medicamento, forçando Harbert a beber uma chávena inteira da mistura. O efeito foi, quase podia dizer-se, milagroso!

Após dez dias de tratamento os ataques tinham sido debelados e o jovem, embora naturalmente debilitado, estava fora de perigo! Nenhum dos colonos tinha dúvidas de que o aparecimento do remédio fora obra do misterioso benfeitor.

CAPÍTULO VI

Durante todo esse tempo, os piratas não deram um único sinal de vida, fato animador não fosse a grande preocupação dos colonos pela sorte de Ayrton. Todavia, a prudência mandava que Harbert tivesse mais um mês, pelo menos, de convalescença, antes de se lançarem em perseguição dos malfeitores.

Em fins de Janeiro, Harbert podia considerar-se totalmente restabelecido dos ferimentos e da grave crise de malária. Os passeios pelo planalto e pela praia e, acima de tudo, os banhos de mar na companhia de Pencroff e Nab muito contribuíram para a sua recuperação não só física como psicológica.

Finalmente, na primeira semana de Fevereiro, o engenheiro Smith decidiu que se realizasse sem mais demora a expedição por toda a ilha. A Casa de Granito ficaria vazia e, uma vez desmontado e escondido o elevador, seria como um castelo completamente inacessível.

Assim, no dia 15 de Fevereiro, retiraram o elevador e a escada de corda e enterraram tudo na areia, no interior das Chaminés. O tempo estava magnífico para a tripla missão que os colonos tinham assumido: dar caça aos bandidos, libertar Ayrton e procurar o benfeitor desconhecido, verdadeiro senhor da ilha.

Cyrus deu ordem de marcha e colocou-se à cabeça da coluna, logo seguido por Spilett e Pencroff; atrás, Nab segurava as rédeas dos onagros que puxavam a carroça carregada de víveres, armas e munições, e onde também seguia Harbert, poupando esforços escusados. O cão Top corria alegremente entre todos.

Chegados à ponte do Mercy, passaram para a margem direita e, deixando a estrada do porto do Balão à esquerda, embrenharam-se pela mata das florestas ocidentais. As árvores, por enquanto dispersas, e o piso firme permitiam o avanço fácil da carroça, embora de tempos a tempos fosse necessário abrir caminho com os machados e as facas de mato. Ao princípio da tarde, encontraram vestígios da passagem de um pequeno grupo: alguns ramos quebrados, o chão revolvido e cinzas de uma fogueira. Quando a noite chegou, estavam a cerca de quinze quilômetros da Casa de Granito e resolveram acampar junto a um riacho, afluente do Mercy. A vigilância foi organizada com todo o rigor, ficando Harbert dispensado dessa tarefa, apesar dos seus veementes protestos.

No dia seguinte, a marcha prosseguiu com maior lentidão, porque a vegetação, cada vez mais densa, obrigava a sucessivas paragens para se desbravar o caminho. Nesse segundo dia, os colonos avançaram apenas nove quilômetros, mas voltaram a encontrar sinais dos piratas. Desta feita, as pegadas eram bem visíveis e correspondiam a cinco homens, obviamente os cinco malfeitores. Bastante dolorosamente, concluíram que Ayrton não estava com os bandidos e que, portanto, estes já o tinham morto! Patrulhada a parte restante da floresta que, como é sabido, terminava à beira do oceano, na costa ocidental da ilha Lincoln, não foram detectados mais vestígios dos piratas, o que levou Cyrus Smith a comentar:

- Isso não me espanta nada! Quando nadaram para a praia e se puseram em fuga, os celerados atravessaram o pântano dos Tadornos e meteram-se pela floresta adentro... Devem ter feito o mesmo percurso que nós fizemos, a julgar pelos sinais que encontramos, e esbarraram neste litoral! Depois, perceberam que este não era o local ideal para se esconderem e seguiram para nordeste até que descobriram o curral...

- E quem nos diz que não voltaram para lá? - exclamou! Pencroff. - Partamos imediatamente, senhor Smith Acho, até, que andamos a perder tempo...

- Não, meu amigo - interrompeu o engenheiro. - É bom não esquecer que esta exploração de toda a floresta ocidental tinha, também, a finalidade de saber se este denso arvoredo não esconderia uma habitação... Então, Pencroff, já não se lembra que procuramos igualmente o nosso benfeitor?

- Ah! senhor Cyrus, tem toda a razão! - voltou o marinheiro. - Mas quer saber o que eu penso? Só encontraremos esse cavaleiro se ele quiser!

Essa era, no fundo, a opinião de todos eles. A morada do homem desconhecido só podia ser tão misteriosa quanto ele próprio o era!

A 19 de Fevereiro, o pequeno grupo abandonou o litoral e rumou aos contrafortes do vulcão. O plano do engenheiro era o seguinte: aproximar-se do curral e, caso este estivesse ocupado, tomá-lo pela força, de modo a estabelecer aí a base das operações de busca a desenvolver, posteriormente, na área do monte Franklin. O terreno tornava-se cada vez mais acidentado à medida que se aproximavam do sopé da montanha, o que não só o tornava propício a emboscadas, como dificultava bastante a circulação da carroça. Assim sendo, o avanço foi lento e rodeado das maiores precauções. Finalmente, pelas cinco da tarde, avistaram a paliçada do curral. Gedeão Spilett e Pencroff pretenderam atacar imediatamente, mas Cyrus Smith deteve-os:

- Não, meus amigos! Vamos esperar pela noite. Não permitirei que nenhum de nós se exponha inutilmente.

O engenheiro tinha razão. O curral erguia-se numa clareira e até à cerca era terra absolutamente a descoberto, uma autêntica "terra de ninguém". Assim, deixaram passar três horas. A noite tombou e o vento amainou. O silêncio, de tão profundo, era quase assustador; até o cão estava deitado e quieto, sem qualquer sinal de inquietação. Spilett e Pencroff prepararam-se para avançar e Cyrus deu as últimas instruções:

- Não quero imprudências! Lembrem-se que não se trata ainda de assaltar o curral, mas apenas verificar se está, ou não, ocupado!

Os dois intrépidos colonos avançaram silenciosamente até ao portão da paliçada, que estava fechado. Do interior, não chegava um único ruído..., nem sequer um rumor das cabras e dos carneiros perturbava a quietude da noite. O repórter ainda pensou em escalar a vedação, mas lembrou-se da recomendação de Cyrus e desistiu. Voltaram, pois, para junto dos amigos, dando-lhes conta da situação.

- Pois bem, tenho agora a certeza de que os piratas não estão no curral! - disse o engenheiro Smith.

- Por mim, só o poderemos saber depois de entrar na cabana - disse Pencroff.

- Vamos lá então! - comandou Cyrus.

- E a carroça? Fica aqui na floresta? - perguntou Nab.

- De maneira nenhuma! Este carro é o nosso "paiol ambulante" e, além disso, pode servir-nos de abrigo se rebentar tiroteio.

Sem hesitar, os colonos avançaram a coberto da escuridão; o espesso tapete de erva abafava o ruído das rodas do carro.

Chegados à paliçada, Nab ficou a segurar os onagros, enquanto os outros se precipitaram para o portão. Um dos batentes estava aberto!

- Com mil trovões! - praguejou, estupefato, o marinheiro.

- Ainda agora estava fechado e bem fechado!

Logo a seguir, Harbert exclamou, alarmado:

- Há uma luz lá dentro!

Com efeito, um tênue clarão escapava-se da janelinha da cabana. Cyrus susteve o ímpeto dos amigos, que já estavam prontos para arrombar a porta, e espreitou. Sobre a mesa, uma candeia acesa; na cama, um homem deitado. O engenheiro não queria acreditar...

- Ayrton! É o Ayrton!

Entraram todos de rompante! Ayrton, surpreso e assustado, virou-se no leito, tentando levantar-se... Os olhos macerados, e o rosto ferido e inchado mostravam que tinha sido torturado; por outro lado, os pulsos e os tornozelos vincados e com marcas sangrentas indicavam que tinha permanecido amarrado durante longo tempo. Cyrus Smith abraçou o amigo, fortemente emocionado, tal como todos os outros.

- Vocês? Mas... são vocês?! Cuidado, eles não tardam aí! - exclamou o infeliz, quase sem forças. - Defendam-se! Defendam-se!

Cyrus Smith, tomando conta da situação, deu as ordens necessárias:

- Spilett, você vai buscar Nab. Metam os dois a carroça dentro da cerca e barriquem o portão! Harbert vem comigo e o Pencroff toma já posição de tiro à janela!

O engenheiro e o jovem saíram da cabana, ao mesmo tempo que a carroça entrava e o portão era trancado. Nisto, Top, que corraera para o fundo da cerca, do lado direito da cabana, desatou a ladrar furiosamente. Acudiram os colonos, à espera do pior... Mas que viram eles? Cinco corpos estendidos na relva... os cadáveres dos piratas! Os cinco sobreviventes do grupo, que há quatro meses desembarcara na ilha Lincoln, estavam mortos.

CAPÍTULO VII

Os colonos, uma vez mais, não duvidaram: a execução dos cadastrados devia-se ao projetor desconhecido. Mas como?

Que meios extraordinários possuía aquele homem para atuar tão rapidamente e em tão absoluto silêncio?

Guardaram para a luz do dia o exame aos cadáveres, esperando obter com isso alguma resposta, e voltaram para junto do companheiro, que desfalecera. Pela madrugada, Ayrton, já mais recomposto, pôde finalmente relatar a odisséia que vivera nos últimos três meses.

Mal tinha chegado ao curral, em Novembro passado, fora logo surpreendido pelos bandidos que, escalando a paliçada, o amarraram e amordaçaram. Em seguida, levaram-no para uma caverna na base do vulcão, onde tinham montado o esconderijo. A sua morte já havia sido decidida, quando um dos facínoras o reconheceu como antigo companheiro de crimes, tratando-o mesmo por Ben Joyce, nome pelo qual era conhecido na Austrália. Aí, os piratas, que se dispunham a massacrar o honesto colono, resolveram poupar o degredado!

Não se tratava, porém, de um ato de solidariedade desinteressada; apenas pretendiam servir-se dele, Ayrton, para enganar os colonos e lhes franquear o acesso à Casa de Granito! Uma vez lá, eliminariam os defensores e tomariam posse da ilha. Mas ele recusara colaborar naquele plano, preferindo a morte a trair os amigos. Começaram, então, as torturas e os espancamentos, sempre amarrado naquele antro escuro. Os facínoras nunca julgaram prudente ocupar o curral, apenas dele se servindo para aprovisionamento; era o que lá tinham ido fazer dois deles, quando os colonos apareceram, naquele dia em que Harbert foi ferido e Cyrus Smith abateu um deles. Raivosos e cada vez mais impacientes, os piratas intensificaram os maus tratos a Ayrton. Este esperava a morte a cada instante, até que, chegado ao limite das forças, caiu numa prostração profunda... A partir daí, perdera a noção do tempo e a memória das coisas era muito pouco clara...

De repente, tomado de súbita angústia, Ayrton perguntou:

- Mas, senhor Smith, como é que se explica que eu, estando prisioneiro naquela caverna, tenha vindo parar aqui... à minha cama? E desamarrado?

- E como é que se explica, meu bom Ayrton, que os bandidos estejam mortos aqui dentro da cerca? - respondeu o engenheiro.

- Mortos? Mortos, esses miseráveis? - A excitação de Ayrton sobrepôs-se à fraqueza e levantou-se, ajudado pelos amigos. Lá fora, o dia nascera. Sem demora, encaminharam-se todos para o sítio onde Top tinha encontrado os corpos. O pobre prisioneiro estava atônito! A um sinal do engenheiro, Nab e Pencroff examinaram os cadáveres, mas, estranhamente, não encontraram ferimentos evidentes de bala ou provocados por qualquer outra arma conhecida... Só após uma observação mais minuciosa, é que foram detectados uns pequenos pontos avermelhados, na testa de um, no peito de outro, nas costas deste, no ombro daquele...

- Que arma fulminante poderá ter feito isto? - surpreendeu-se Spilett. Estavam todos tão espantados quanto o repórter; Smith quebrou o silêncio:

- Foi o justiceiro da ilha! O mesmo que o trouxe para aqui, Ayrton! O benfeitor que faz por nós aquilo que nós não podemos fazer!

- Procuremo-lo, então! - exclamou o marinheiro.

- Sim, havemos de esquadrihar os contrafortes do monte Franklin sem deixar uma só cova, um só buraco! Ah, companheiros! Se alguma vez a um repórter se deparou caso

verdadeiramente emocionante e intrigante, pois foi agora... e a mim! - rematou Gedeão Spilett.

Mas, antes do mais, havia que tratar de Ayrton. Levaram-no para a cabana e o engenheiro Smith fez-lhe o relato dos acontecimentos e provações por eles vividos. Por fim, ficou decidido que não voltariam à Casa de Granito sem antes levar a cabo a exploração da montanha. O curral estava mais próximo e, além disso, tinham ali mantimentos e tudo o mais que precisassem. Subitamente, Pencroff observou:

- Há ainda outra coisa a fazer... uma travessia!

- Uma viagem? Aonde? - indagou Spilett.

- Sim, temos de ir à ilha Tabor! - respondeu o marinheiro. Temos de ir lá deixar uma mensagem a dizer onde estamos, para o caso do tal iate escocês ir lá buscar o Ayrton... Deus queira que não seja tarde de mais!

- Mas, Pencroff, como é que você pensa fazer essa travessia? - perguntou Ayrton.

- Ora essa! No Boaventura, está visto que...

- Mas, meu amigo - interrompeu Ayrton. - O Boaventura já não existe! Agora me recordo de ter ouvido, num destes últimos dias, os piratas a comentar que tinham espatifado o barco de encontro aos rochedos...

- Ai o meu Boaventura! Ah, os canalhas, que o inferno os trague! Os miseráveis... - O marinheiro estava consternado e Harbert bem tentou consolá-lo, mas em vão.

A destruição do pequeno veleiro era, na verdade, uma perda lamentável para os colonos. No entanto, impunha-se calma e bom senso, ficando decidido que outro barco se faria logo que possível, aproveitando-se o material e equipamento do brigue afundado. Em seguida, ultimados os preparativos para as buscas, puseram-se em marcha.

A base da montanha, ramificada em múltiplos contrafortes, formava como que um intrincado labirinto de vales cortados por linhas de água. Era justamente ali, no fundo daquelas estreitas gargantas, que o engenheiro Smith pensava que deviam intensificar as explorações. Assim, começaram pelo vale que se abria para sul e por onde corria o ribeiro que se despenhava no litoral oeste. Foi lá, junto à nascente do curso de água, que Ayrton lhes mostrou a caverna onde estivera prisioneiro. Mas não era esta a única, conforme verificaram!

Muitas mais havia, com galerias maiores ou menores, mas todas soturnas e assustadoras... Os colonos não deixaram uma só por revistar, de archotes de resina em punho, mas em lado algum viram sinais de presença humana. Por fim, entraram numa que avançava mais pelo interior da montanha e foram surpreendidos por um ruído surdo, acompanhado de uma ligeira vibração da rocha que pisavam.

- Afinal, parece que o vulcão não está totalmente extinto... - observou Spilett, que ia na frente com Cyrus.

- É bem possível que posteriormente à nossa visita à cratera tenha havido uma alteração nas camadas inferiores - admitiu o engenheiro. - Um vulcão, por mais extinto que pareça, pode sempre reentrar em atividade.

- Mas uma erupção do monte Franklin não acarretaria um sério perigo para a nossa ilha? - inquietou-se Spilett.

- Não me parece - respondeu, calmamente, Cyrus. - A cratera funciona como uma válvula de segurança e escoaria o excesso de vapores e de lava... e esta escorreria pelos sítios habituais.

- A não ser que a lava abra novos caminhos em direção à parte fértil da ilha! - insistiu o repórter.

- Ora, meu amigo, e por que não utilizaria as vias já naturalmente traçadas? - objetou o engenheiro. Spilett mantinha o cepticismo:

- Os vulcões são caprichosos...

- Repare, Spilett, como a inclinação do monte favorece a expansão das matérias incandescentes para os vales que agora exploramos. Para que isso se invertesse, seria

necessário que um fortíssimo tremor de terra mudasse o centro de gravidade da montanha... De resto, ainda não vimos nenhum sinal de fumo a sair da cratera e a indicar uma erupção próxima! Porém, é de admitir que, ao longo dos tempos, se tenham acumulado rochas de lava e de cinzas arrefecidas que podem obstruir a tal válvula de que há pouco falei... Mas acredite, meu caro Spilett, ao primeiro abalo sério essa tampa rebentaria e nem a ilha, que é a caldeira, nem o vulcão, que é a chaminé, hão-de explodir com a pressão dos gases... Bom, de qualquer modo, o melhor é que não ocorra nenhuma erupção!

Os dias seguintes, até 25 de Fevereiro, foram consagrados à exploração da região setentrional da ilha. Os colonos inspecionaram todas as rochas e fendas que encontraram pelo caminho e voltaram a subir aos cumes sobrepostos do monte Franklin. Embora no fundo da cratera os mesmos rugidos surdos fossem perfeitamente audíveis, não havia o menor escoamento de fumos ou vapores, nem tão-pouco aquecimento anormal das paredes de rocha. A verdade é que, nem ali, nem em parte alguma, encontraram qualquer rasto daquele que tão ansiosamente procuravam! Todos comungavam da mesma frustração ao perceber que se impunha o regresso. Era evidente que a misteriosa criatura não se acoitava na ilha! Smith, Spilett e o jovem Harbert, homens cultos e de espírito científico treinado, viam-se obrigados a apelar a todas as reservas de lucidez; Ayrton, Pencroff e Nab, menos rigorosos, tendiam para interpretações fantasiosas e sobrenaturais.

Foi assim, neste estado de espírito, que os nossos amigos voltaram para a Casa de Granito, e precisamente um mês depois, a 25 de Março, celebravam o terceiro aniversário da sua chegada à ilha Lincoln! Três anos tinham passado, três anos de penosos trabalhos, de sofrimentos e perigos partilhados e enfrentados. Os colonos tinham razões para sentir orgulho por tudo o que haviam superado e conseguido e que, no fim, os fortalecera de corpo e de espírito. Todavia, a recordação da pátria era constante e, por vezes, não conseguiam impedir momentos de nostalgia e abatimento. Agora, perdido o Boaventura, precisavam de dar início à construção do barco que os havia de levar à ilha Tabor; seriam, pelo menos, outros seis meses de trabalho, donde a travessia só seria empreendida na Primavera seguinte, isto é, em Setembro ou Outubro. Dispunham, desta vez, de bom material e

equipamento de navegação perfeitamente aproveitável, recuperados do navio dos piratas, para além da belíssima madeira da floresta ocidental.

Por outro lado, infelizmente também tinham de admitir que o iate escocês já tivesse arribado à ilhota e, sem encontrar Ayrton, tivesse partido para não mais voltar... Na mente de Cyrus Smith germinava um plano ousado: e porque não construir, em vez de um veleiro pequeno destinado a viagens curtas, um barco maior, entre duzentas e trezentas toneladas? Porque não ir mais além? Talvez até alguma ilha da Polinésia ou mesmo à Nova Zelândia? Esta idéia encheu de entusiasmo os companheiros!

- Trate o senhor do projeto, que gente para trabalhar não falta! - afirmou o sempre disponível Pencroff, exibindo os braços musculosos.

Estavam todos conscientes de que seria uma tarefa gigantesca, mas a confiança que tinham neles próprios e nos outros era ilimitada. Deitaram, pois, mãos à obra. O engenheiro traçava os planos da embarcação; os restantes procediam ao abate das árvores, que eram transportadas na carroça até junto das Chaminés, onde novamente foi montado o estaleiro. Enfim, o trabalho da colônia foi tão rigorosamente organizado e tão grande o empenhamento de cada um, que nem as sementeiras de Abril deixaram de se fazer e, inclusivamente, até a capoeira foi reconstruída! O curral também não foi abandonado; todos os dias, lá se deslocava um dos colonos a tratar dos animais, trazendo leite na volta e aproveitando para caçar. As idas ao curral foram igualmente aproveitadas para reparação do fio do telégrafo, restabelecendo a ligação com a Casa de Granito.

Em meados de Abril, já a quilha do novo barco se alongava no estaleiro, fixada em cada uma das extremidades às rodas da proa e da popa, igualmente prontas. Por essa altura, as condições atmosféricas pioraram. Os homens martelavam e serravam ensopados até aos ossos, batidos pela forte ventania que soprava de leste com violência ciclónica. A meio de Junho, a chuva parou e veio um frio intenso que endureceu as fibras da madeira a ponto de esta parecer ferro! A obra teve de ser interrompida.

Os três meses de invernada - Junho, Julho e Agosto - foram rigorosos como sempre, com uma temperatura média de 13 graus abaixo de zero. Contudo, a colônia da ilha Lincoln atingira o seu ponto mais alto de prosperidade, fruto dos três anos de árduo labor, acrescida pelas riquezas do caixote que dera à costa e do brigue afundado. As despensas e arrecadações estavam repletas, não faltava roupa quente e não era necessário poupar lenha, pelo que as lareiras dos vários compartimentos crepitavam permanentemente. Nos momentos de lazer, agora mais frequentes, Cyrus Smith não podia deixar de pensar no poderoso "senhor da ilha", o benfeitor que não tinham logrado encontrar. Ficaria este enigma sem solução?

CAPÍTULO VIII

No dia 7 de Setembro - já o Inverno chegara ao fim - o engenheiro olhou para o cume do monte Franklin e viu sair fumo da cratera... O monstro tinha acordado! O vulcão reentrara em atividade!!

Os colonos rodearam o chefe, silenciosos e preocupados. Cyrus Smith entendeu serená-los, repetindo o que já dissera uma vez a Gedeão Spilett: mesmo admitindo uma erupção vulcânica, não era de crer que toda a ilha fosse afetada. O engenheiro Smith argumentou, novamente, com a disposição do monte e inclinação da cratera, demonstrando que a lava seria expulsa para o lado oposto à zona fértil da ilha, aquela de que se serviam e ocupavam. Desde esse dia, o penacho de fumo manteve-se, sempre mais alto e mais espesso.

O bom tempo voltara e a construção do barco prosseguia em ritmo acelerado. Em plena praia, Cyrus Smith, aproveitando a queda-d'água do elevador, montou uma serra hidráulica que transformava rapidamente os grossos troncos em tábuas e barrotos. Pelos fins de Setembro, já o casco do navio se erguia no estaleiro e o **caverna** estava praticamente construído. Era uma escuna' de proa estreita e aligeirada à ré, apropriada para longas travessias. O assentamento do convés, forrado no exterior e no interior, seria operação demorada, mas - felizmente - contavam com as ferragens, cavilhas e pregos do brigue.

As refeições comiam-nas ali mesmo, no estaleiro, e só subiam à Casa de Granito quando a noite caía, completamente exaustos. Apesar do trabalho, os colonos arranjavam sempre um tempo para conversar, muitas vezes na varanda do planalto. Um tema dos mais gratos era o regresso à pátria e todos, no seu íntimo, faziam votos para que a guerra fratricida já tivesse acabado... Traçavam, então, projetos para o futuro, sendo ponto assente que voltariam sempre à ilha Lincoln, a colônia fundada com tanto trabalho e sofrimento e que gostariam de ver fazer parte da América!

Certa noite, a 15 de Outubro, tinham os seis amigos acabado de jantar no salão da Casa de Granito, quando retiniu a campainha do telégrafo.

- O que é isto? - alarmou-se Nab. - Não há ninguém no curral! Ai que é o diabo que chama!

Cyrus Smith levantara-se e todos olhavam para ele. Harbert arriscou:

- O tempo está um bocado tempestuoso... Não poderá ser qualquer interferência elétrica que... O rapaz não terminou a frase. O engenheiro abanava a cabeça, em negativa enérgica.

- Vamos esperar um pouco - disse. - Se for um sinal, quem quer que seja há de insistir.

Nesse momento, o martelinho voltou a bater no timbre da campainha elétrica. Cyrus Smith, aparentando uma calma que estava longe de sentir, dirigiu-se ao aparelho e codificou a pergunta: "Quem é? Que pretende?" A resposta não tardou. A agulha moveu-se sobre o quadro alfabético, compondo a seguinte frase: "Venham imediatamente ao curral." Smith quase gritou de júbilo:

- É ele! Finalmente, vai mostrar-se!

O mistério do projetor desconhecido ia desvendar-se! A importância do acontecimento era tal, que os colonos, presos da maior excitação, esqueceram a fadiga e puseram-se de imediato a caminho. Apenas Top ficou na Casa de Granito. A noite estava cerrada, escura como breu. As nuvens carregadas formavam um teto baixo, opressivo; riscas contínuas de relâmpagos cruzavam os ares sobre a linha do horizonte... Por enquanto, a tempestade estava longe, mas não tardaria.

A motivação que os animava levava-os, porém, a ignorar dificuldades e temores. Já iam com mais de metade do percurso feito, quando a tempestade desabou sobre a ilha! O estrondear da trovoadas era cada vez mais forte... De repente, um clarão vivíssimo iluminou a paliçada do curral. Tinham chegado!

Correram todos para a cabana, silenciosa e escura. Porém, depois de aceso o lampião, foi o desapontamento: a cabana estava vazia e nada havia sido mexido, conforme afiançou Ayrton, a quem na véspera coubera a última visita.

Cyrus acercou-se da mesa onde estava instalado o telégrafo e verificou que o aparelho estava em ordem... Subitamente, exclamou:

- Ah! Uma mensagem! - Pegou num pedaço de papel que estava em cima da mesa e leu em voz alta: "Sigam o novo fio."

- Vamos embora! - gritou Cyrus, percebendo num relance que a primeira mensagem não fora emitida do curral, mas sim do refúgio secreto do benfeitor desconhecido que, com um fio suplementar, estabelecera uma nova ligação à Casa de Granito. A tempestade estava agora no auge e os relâmpagos e trovões sucediam-se quase em simultâneo. Os nossos corajosos colonos nada temiam, porém, e, alumando com o lampião, procuraram o segundo fio telegráfico. O engenheiro dirigiu-se imediatamente para o primeiro poste, que se erguia fora da paliçada. Não se enganara: lá estava a ligação recente e o novo fio, coberto de uma substância isoladora, seguia rente ao chão para oeste.

Não foi fácil aos colonos acompanhá-lo; a ventania apagava constantemente a lanterna e o terreno era muito irregular, pelo que, amiúde, perdiam o rasto do fio e tinham de o procurar às apalpadelas por entre a erva alta, para poder retomar a marcha. Assim andando, em condições difíceis e arriscadas, chegaram, perto das dez da noite, às ravinas da costa oeste. Cyrus Smith calculou o percurso feito em dois quilômetros e meio. O vento uivava com furor e o oceano rugia lá em baixo, contra a muralha de basalto...

A partir dali, o fio descia por um barranco abrupto até à praia. Sem hesitar um segundo, os colonos meteram-se por ali abaixo, correndo o risco de escorregar a todo o momento; continuaram a descer, fazendo rolar pedras e calhaus, até que atingiram o nível do mar. Outra desilusão os aguardava: o fio descrevia um ângulo pronunciado e sumia nas águas revoltas da maré cheia!

- Querem lá ver que temos de mergulhar e procurar um refúgio subaquático? - desesperou-se Pencroff.

Cyrus Smith refletiu uns instantes e tomou uma decisão:

- Vamos esperar que a maré desça, meus amigos, e reencontraremos o caminho... O nosso benfeitor não nos teria chamado, se fosse impossível chegar até ele.

Esperar era, portanto, o que restava fazer. Os seis homens abrigaram-se numa pequena gruta e, em silêncio, deixaram escoar o tempo. Lá fora, a chuva recrudescia e o eco ampliava o fragor dos trovões. Pela meia-noite, a maré já baixara um bom bocado. Cyrus pegou no lampião e foi seguindo o fio até à boca de uma gruta aberta na muralha de basalto... Mais uma hora e a abertura, que se adivinhava bastante grande, ficaria praticável! Para ali se encaminharam e, mal o mar permitiu, iluminaram a entrada de um imenso túnel abobadado, agora com uns cinco metros de altura, por onde entrava a água do mar formando como que um canal que se perdia na escuridão, direito ao interior da ilha... E, mesmo diante deles, viram uma barça amarrada a uma saliência da rocha!

- Embarquemos! - comandou Cyrus Smith.

Nab e Ayrton tomaram conta dos remos e Pencroff do leme; o engenheiro seguia à proa com o lampião, cuja luz fraca não permitia que distinguíssem a verdadeira dimensão da caverna. Os remadores avançavam cautelosamente, tentando não chocar com as paredes do túnel, ao longo do qual estava preso o fio telegráfico. O canal subterrâneo dava voltas e mais voltas, serpenteando em direção ao centro da ilha, até que, volvidos uns trinta minutos, a barça desembocou numa enorme cripta escavada nas entranhas da ilha, mas intensamente iluminada, com uma abóbada altíssima sustentada por dezenas de colunas basálticas, cuja base se perdia nas águas escuras e tranqüilas de um imenso lago interior!

Perante tamanha grandiosidade e beleza, o deslumbramento dos colonos foi mais forte que qualquer temor! Era, de fato, uma visão maravilhosa: a luminosidade arrancava chispas das arestas da rocha e a reverberação produzia milhares de cintilações ofuscantes! Após esses primeiros momentos de espanto, é que os colonos atentaram na origem daquela luz potentíssima que mais parecia um sol. No centro do lago, repousava, meio submerso, um estranho objeto fusiforme, qual enorme cetáceo silencioso e imóvel... Era do flanco daquela massa escura, que teria uns sessenta metros de comprimento por três de altura, acima da água, que jorrava o potente foco luminoso... O engenheiro tinha-se posto de pé à proa da barca e dava sinais de enorme agitação. Agarrando o braço de Spilett, exclamou:

- Mas... é ele! Não pode ser senão ele!

E, sentando-se de novo, murmurou um nome que só Gedeão Spilett conseguiu ouvir.

- O quê? Mas esse homem é um fora da lei! - exclamou o repórter.

Entretanto, a barça acostara àquela nave flutuante e os colonos apressaram-se a subir à plataforma. Havia ali uma escotilha aberta e por ela enfiaram começando a descer uma escada de ferro. A escada terminava num corredor iluminado a eletricidade com uma porta ao fundo, que Cyrus Smith abriu.

Os colonos atravessaram rapidamente uma biblioteca riquíssima e empurraram outra porta... Agora estavam num salão magnífico e requintadamente decorado, uma espécie de museu de arte e de história natural, onde não faltavam, também, modelos dos mais avançados e sofisticados equipamentos e aparelhos industriais... Estendido num sofá, viram um homem que parecia não se dar conta da presença deles. Então, o engenheiro, para grande espanto dos companheiros, pronunciou as seguintes palavras:

- Capitão Nemo, o senhor chamou-nos e nós aqui estamos! - Eram grande palavras: estamos!

CAPÍTULO IX

Ao ouvir estas palavras, o homem ergueu-se e os colonos puderam vê-lo perfeitamente: um rosto magnífico, de testa alta e olhar penetrante, emoldurado por uma

barba branca cuidadosamente aparada, assim como branco era o cabelo abundante penteado para trás. A sua expressão era calma, mas qualquer coisa dizia que aquele homem que se apoiava às costas do sofá estava a ser consumido por uma doença lenta e implacável...

Foi, porém, em voz firme, mas um tanto surpreendida, que respondeu:

- Senhor, eu não tenho nome!

- Eu sei quem o senhor é... - disse Cyrus Smith.

O capitão Nemo olhou insistentemente o engenheiro e deixou-se cair de novo nas almofadas.

- Ah, que importância tem isso agora? Afinal, vou morrer... - murmurou.

Cyrus aproximou-se, seguido de Spilett, e ambos apertaram a mão do velho senhor. Este fez sinal para que se sentassem a seu lado. Ayrton, Pencroff, Harbert e Nab mantiveram-se de pé um pouco afastados, guardando um silêncio respeitoso. Era muito forte a emoção que se apoderara de todos diante do "senhor da ilha", do genial benfeitor a quem tanto deviam! E como é que o engenheiro sabia o seu nome?

- Então o senhor conhece o nome que usei noutros tempos... - disse, finalmente.

- Sim - respondeu Cyrus Smith -, assim como também sei o nome desta maravilhosa nave submarina - o Nautilus!

- E, todavia, vai para trinta anos que não tenho qualquer contacto com o mundo dos homens... trinta anos vividos nas profundezas do mar, o único sítio onde encontrei a paz. Mas diga-me, quem poderá ter traído o meu segredo?

- Um homem que não assumiu qualquer compromisso com o senhor e que, portanto, não pode ser acusado de traição! respondeu, vivamente, Smith. - Um homem que contou ao mundo tudo o que viveu junto de si, que escreveu um livro sobre a história da sua vida, capitão Nemo, a que deu o título de Vinte Mil Léguas Submarinas...

- Ah! Aquele professor francês que passou uns meses a bordo do Nautilus, acompanhado do criado e de um marinheiro canadiano... - recordou o capitão. - Mas pensava que tinham morrido! Eles desapareceram nas costas da Noruega, quando fomos apanhados pelo terrível Maelström¹ e o Nautilus esteve à beira de soçobrar... Imagino que nesse livro me tenha retratado como uma espécie de pirata, um malfeitor, não? E o senhor, que pensa de mim?

A voz do velho capitão revelava amargura. Cyrus Smith respondeu:

- Não me compete a mim julgá-lo, senhor, muito menos no que se refere à sua vida passada. Ignoro, como toda a gente, os motivos que o levaram a escolher essa vida tão fora do comum... O que eu sei, o que nós todos aqui sabemos, é que, desde a nossa chegada à ilha Lincoln, uma mão benfazeja se estendeu sobre nós e que devemos a vida a um homem bom e generoso... o senhor, capitão Nemo!

O engenheiro e o repórter puseram-se de pé e os restantes companheiros aproximaram-se, prontos a agradecer, mas Nemo, com um gesto, impediu-os de falar: - Primeiro, meus senhores - disse, sorrindo comovidamente - gostaria que ouvissem o que tenho para vos contar!

¹Maelström: remoinho perigosíssimo que, sempre que há tempestade, se forma junto das ilhas Lofoten (Noruega). (N.da T.)

Eis um resumo do relato que o capitão Nemo fez aos colonos¹:

"O capitão Nemo era, afinal, um príncipe hindu, de nome Dakkar, filho do riquíssimo rajá de Bundelkund e sobrinho de um herói da Índia, o lendário Tippto-Saib, lutador implacável contra o jugo colonial inglês."

"Apenas com dez anos de idade, fora enviado para Inglaterra, a fim de aí receber educação e formação que lhe permitissem, mais tarde, combater com armas iguais os opressores do povo da Índia. Dotado de superior inteligência e vontade de saber, o jovem Dakkar dedicou os vinte anos seguintes da sua vida ao estudo de tudo o que era possível aprender nas ciências, nas artes e nas letras, completando a

aprendizagem com inúmeras viagens por toda a Europa. Entretanto, ao mesmo tempo que elevava os seus conhecimentos aos níveis mais altos, nunca deixou enfraquecer os ideais patrióticos nem o ardor revolucionário. Assim, chegado à idade adulta, Dakkar, sábio, cientista e artista, mantinha pela Inglaterra o mesmo ódio arreigado e profundo.”

“Ao completar trinta anos, em 1832, regressou a Bundelkund e casou com uma nobre hindu que partilhava do seu sonho independentista, e com a qual teve dois filhos. Mas a felicidade familiar não o desviou do caminho que se impusera e percorreu a Índia em campanhas de esclarecimento do povo. Anos mais tarde, rebentou uma revolta popular contra o domínio do Império Britânico, revolta essa liderada e sustentada pelo príncipe Dakkar. A rebelião foi afogada em sangue pelos ingleses que, não conseguindo deitar a mão a Dakkar, chacinaram selvaticamente a sua família - o pai, a mãe, a mulher e os filhos!”

“Com a cabeça a prêmio, o príncipe empreendeu a fuga, acompanhado de vinte dos seus mais fiéis seguidores. O destino era uma ilha deserta do Pacífico, aonde ninguém o pudesse seguir e onde fosse possível pôr em prática os seus planos de vingança. Nessa ilha, graças à imensa fortuna e aos conhecimentos científicos de que dispunha, Dakkar construiu, com a ajuda dos companheiros, aquela maravilhosa nave submarina, obra- -prima da engenharia, a que deu o nome de Nautilus! A partir desse momento, deixara de ser Dakkar, o príncipe de Bundelkund, tornando-se o capitão Nemo.”

“Os anos seguintes foram dedicados a percorrer todos os oceanos, estudando os segredos das profundezas e dando caça a todas as embarcações de guerra com pavilhão inglês. O Nautilus era ele mesmo um vaso de guerra, o mais temível de todos, dotado de uma energia nova e poderosíssima, conseguida a partir do átomo, que, para além de desferir golpes mortais contra os inimigos, fornecia igualmente a iluminação e o aquecimento do submarino.”

“Mas a quietude das profundezas, o deslumbrante panorama subaquático e a solidária convivência entre aqueles vinte e um homens, enfim, tudo isso foi gradualmente apaziguando os corações e desfazendo os anseios de vingança... Com o passar dos anos, apenas uma coisa interessava a Nemo: manter-se afastado do mundo exterior e dos homens. Os seus companheiros foram morrendo, um após outro. Por fim, com sessenta anos de idade e completamente só, decidiu conduzir o Nautilus a um dos muitos portos secretos que tinha no oceano Pacífico, justamente aquele, na ilha Lincoln.”

¹ A história do capitão Nemo consta de outra obra de Júlio Verne: Vinte Mil Léguas Submarinas, publicada cinco anos antes da A Ilha Misteriosa. (N. da T.)

“Havia seis anos que ali estava, saindo raramente, não com o submarino, mas envergando um escafandro, também concepção sua, que lhe permitia largas horas de autonomia debaixo de água. Fora numa dessas saídas que assistira à queda do balão e pudera salvar Cyrus Smith. A princípio, a presença dos naufragos desagradara-lhe vivamente, considerando-os, sobretudo, intrusos que vinham perturbar o seu isolamento voluntário... Porém, a pouco e pouco, depois de os ter observado, e ouvido - através do poço da Casa de Granito - concluíra que eram homens íntegros e corajosos, unidos por fraterna amizade, valor que ele muito prezava. A partir daí, achara-os merecedores da sua proteção e ajuda...”

Exausto, o capitão chegou ao fim do relato; de repente, o seu estado de debilidade tornou-se impressionante! Os colonos reprimiam as lágrimas a custo, presos de profunda emoção. Cyrus Smith tomou a palavra, sabendo que falava por todos:

- O senhor salvou-nos a vida por mais de uma vez e tem, por isso, a nossa mais sentida gratidão! Agora, pelo que nos contou, vale-nos, também, a maior admiração... Capitão Nemo, diga o que pretende de nós, que ficaremos honrados por obedecer!

- Obrigado, meus amigos... - disse Nemo. Harbert, sem se conter, aproximou-se e, de joelhos, beijou a mão do capitão.

- Tens a minha bênção, meu filho! - murmurou este, tocando-lhe na cabeça.

- Mas de que padece ele? - perguntou Pencroff, em voz baixa. - E se tentássemos alguma coisa? Por que não levá-lo daqui para fora, para o ar livre...?

- Não, Pencroff - respondeu o engenheiro -, não há nada que possamos fazer. De resto, o capitão Nemo nunca consentiria em sair daqui. Há trinta anos que vive no Nautilus e é no Nautilus que quer morrer.

Sem dúvida que o doente ouviu estas palavras, porque se soergueu um pouco e disse, em voz fraca:

- Tem toda a razão, senhor. Quero morrer aqui. Mas, há pouco, falou numa dívida de gratidão para comigo...

- Daríamos as nossas vidas para prolongar a vossa! afirmou Cyrus Smith.

- Pois bem - continuou Nemo -, prometam-me, então, cumprir as minhas últimas vontades e essa vossa dívida ficará saldada.

- Tem a nossa palavra! - respondeu Smith.

- Senhores, amanhã estarei morto... e o meu maior desejo é que o Nautilus seja o meu túmulo no fundo do mar, onde repousam todos os meus amigos...

Um silêncio profundo acolheu as palavras de Nemo, que continuou:

- Escutem com atenção! Amanhã, depois da minha morte, o senhor Smith e os seus companheiros abandonarão o Nautilus e deixá-lo-ão tal como está... Todas estas riquezas aqui guardadas vão desaparecer comigo. Do príncipe Dakkar restar-vos-á uma única recordação - aquele cofre acolá, que contém uma fortuna imensa em milhares de diamantes da Índia e pérolas que recolhi pelos oceanos! Tudo aquilo é vosso, meus amigos, pois estou certo que nem uma ínfima parte desse tesouro será usada para fins menos dignos...

Os colonos ouviam religiosamente as palavras do capitão.

Este prosseguiu:

- Mal eu solte o último suspiro, peguem no cofre e saiam deste salão, fechando a porta. Depois, tranquem a escotilha da torre com as respectivas cavilhas de ferro; finalmente, abram as duas válvulas que se encontram à ré, na linha de flutuação. Por aí vai entrar a água que inundará os depósitos do submarino...O Nautilus afundar-se-á no abismo, porque este lago tem ligação ao mar. É a sepultura que escolhi, meus amigos, e que guardará para sempre segredos que ninguém deve conhecer! Prometem que farão como vos peço?

- Prometemos! - exclamaram os consternados colonos, em unísono.

- Senhores - voltou o capitão -, vós sois homens corajosos, bons e honestos, que se dedicaram sem reservas a uma causa... a uma obra comum. Tive oportunidade de os observar muitas vezes e só Deus sabe como vos aprecio e estimo... Que Ele vos abençoe a todos! Agora, por favor, preciso de falar uns momentos a sós com o engenheiro Cyrus.

Os colonos retiraram-se para a biblioteca. Porém, a espera não foi longa; ao cabo de minutos, o engenheiro se reunia a eles, evidenciando uma angústia indisfarçável... Que lhe teria dito o capitão? Ninguém ousou perguntar. Voltaram ao salão e rodearam o senhor do Nautilus, que agonizava... As horas iam passando lentamente, até que, às primeiras horas da madrugada, expirou.

Cyrus Smith inclinou-se e fechou os olhos daquele que fora o príncipe Dakkar e, depois, o capitão Nemo. Harbert e Pencroff choravam sem disfarce; Ayrton limpava uma lágrima teimosa e Nab, ao lado de Spilett, parecia uma estátua, prostrado de joelhos... A voz de Cyrus quebrou o silêncio:

- Que Deus tenha a sua alma! Rezemos por aquele que acabamos de perder. Depois da breve oração, os colonos deram cumprimento às últimas vontades de Nemo; saíram do salão com o cofre, fecharam a escotilha da plataforma e abriram as válvulas da ré. Na barcaça, os colonos assistiram vivamente abalados ao afundamento do submarino, que se processava devagar, à medida que a água ia enchendo os depósitos. Finalmente, o Nautilus submergiu! Durante alguns minutos, continuou a ser visível o clarão do foco de luz através das águas tranqüilas do lago interior... Depois, também este desapareceu e voltou a reinar a mais absoluta escuridão. O Nautilus repousava para sempre no fundo do oceano.

Os colonos conduziram a barcaça para fora da gruta, subiram a ravina e empreenderam o regresso pelo caminho do curral. A impressão deixada pelos acontecimentos acabados de viver era tão forte, que nenhum deles sentia vontade de falar... Assim, a caminhada decorreu no mais profundo silêncio e, ao fim da manhã, chegavam à Casa de Granito.

Agora, havia que cuidar sem demora da construção do barco.

Ninguém sabia o que o futuro lhes reservava e aquela embarcação era, na verdade, a única garantia de que dispunham para tentar uma viagem de longa duração! Por outro lado, não podiam esquecer a projetada travessia até à ilha Tabor, que conviria levar a cabo no princípio de Março, antes dos vendavais do equinócio. Assim, os trabalhos no estaleiro foram retomados com mais empenho do que nunca, sob a orientação de Cyrus Smith. Este parecia, de resto, tomado de uma urgência febril, impondo um ritmo de trabalho por vezes desumano. Gedeão Spilett, que o conhecia bem, notava-lhe sinais de impaciência e de irritabilidade que não condiziam com o feitio calmo e tolerante do amigo... Volta e meia, surpreendia o engenheiro a observar a fumarola do vulcão, de cenho fechado e expressão preocupada, mas, por uma questão de respeito, absteve-se de o questionar.

Entretanto, começara o ano de 1869. Ao fim da tarde do dia 3 de Janeiro, Harbert, que se deslocara ao planalto para cavalgar um dos onagros jovens que precisava de ser domesticado, irrompeu nos estaleiros em grande correria, gritando esbaforido:

- O vulcão! O vulcão! Senhor Smith, a cratera do vulcão está em fogo!

CAPÍTULO X

Do planalto, aonde todos tinham acorrido, o monte Franklin, a cerca de seis quilômetros, parecia um archote gigantesco de labaredas, cinzas e fumaça espessa!

- Já? Tão depressa... - murmurou o engenheiro. - Meus amigos, é chegada a altura de vos falar de um assunto que tenho guardado só para mim... Talvez não tivesse esse direito. Vamos para casa.

Reunidos no salão da Casa de Granito, após um jantar ligeiro, Cyrus Smith tomou a palavra:

- Meus amigos, eu estava enganado quando lhes disse que uma erupção vulcânica não ia pôr a nossa ilha em perigo! Infelizmente, a ilha Lincoln não é daquelas que hão de durar enquanto o planeta Terra existir. Esta ilha está condenada à destruição num futuro mais ou menos próximo, e a causa está na sua própria natureza e configuração... Contra isso não há nada que se possa fazer!

Os colonos olhavam para ele, perplexos, sem compreender o alcance do que ouviam.

- Explique-se, Cyrus - pediu Gedeão Spilett.

- Vou explicar-me transmitindo-lhes as informações que o capitão Nemo me deu pouco antes de morrer, naquela breve conversa a sós... Foi o último serviço que nos prestou, meus amigos!

- Mas, afinal, que lhe disse ele? - perguntou o repórter.

- Que a ilha Lincoln, ao contrário das outras ilhas do Pacífico e devido à sua disposição particular, tenderá, mais tarde ou mais cedo, para um deslocamento da sua estrutura submarina...

- Um deslocamento? A ilha Lincoln? Essa agora...exclamou Pencroff, encolhendo os ombros.

- Escute, Pencroff! - retomou Cyrus Smith. - A gruta do Nautilus prolonga-se sob a ilha até ao monte Franklin... Por muito que nos custe admitir, o capitão Nemo verificou que a chaminé central do vulcão se encontra separada da gruta apenas por uma parede rochosa. Mas não é tudo... O capitão disse-me que essa parede apresentava já algumas fendas e fissuras que, por força da atividade interna do vulcão, acabarão por abrir. Quando essa parede divisória rebentar, a água da gruta subirá até ao núcleo de fogo e...

- Então está bem! - interrompeu o marinheiro, tentando gracejar. - O mar invade o vulcão, apaga-o e pronto... Está tudo acabado!

- Sim, está tudo acabado! - replicou o engenheiro, gravemente. - No dia em que o mar invadir a chaminé atulhada de gases e matérias eruptivas, nesse dia, Pencroff, a ilha Lincoln explodirá, como explodiria a Sicília, caso o Mediterrâneo entrasse pelo Etna!

Os colonos ficaram mudos. Tinham compreendido o perigo que os ameaçava, mas, para além dos naturais receios, doía-lhes profundamente imaginar a destruição daquela terra, da "sua" fértil e bela ilha! Tantos trabalhos, tantas canseiras... para nada! Pencroff não conseguiu conter as lágrimas. A têmpera de Cyrus Smith, porém, sobrepôs-se à emoção do momento, impondo ordem e método. Não havia tempo a perder! Importava, mais do que nunca, acelerar a construção do barco e a ela se entregaram os colonos de alma e coração.

No dia 23 de Janeiro, metade do casco da escuna estava guarnecido e calafetado. Até esse dia, não se produzira qualquer alteração no cimo do vulcão. A cratera continuava a expulsar gases, fumos, chamas e pedras incandescentes.

De repente, nessa noite de 23 para 24 de Janeiro, cerca das duas horas da manhã, a força das lavas, que entretanto já tinham atingido a parte superior da chaminé, fez saltar o cone superior em forma de chapéu!

O estrondo produzido pela queda do bloco de granito com milhares de toneladas foi medonho! Por sorte, o cone inclinava para o norte da ilha e foi para lá que tombou. Os colonos saltaram das camas, crendo que era a própria ilha que explodia. Agora, a cratera era uma bocarra completamente aberta, projetando nos céus uma luz tão intensa, que a própria atmosfera parecia incandescente! Ao mesmo tempo, uma torrente de lava transbordava do cume do monte Franklin e descia em cascata pelas encostas, qual serpente de fogo.

- O curral! - gritou Ayrton.

Com efeito, em consequência da nova orientação da cratera, não só o curral mas também toda a parte fértil da ilha e o bosque do Jacamar estavam no caminho dos rios de lava!

Os colonos correram a atrelar os onagros à carroça. Urgia pôr em liberdade os animais encurralados. Pelas três da manhã, abriam de par em par o portão e as cabras e os carneiros precipitaram-se para o exterior a berrar e a balir, tomados de impressionante terror. Uma hora mais tarde, do curral nada restava! O vulcão, descabeçado, sem o "chapéu" do segundo cone, não parecia o mesmo: a cratera descaía agora precisamente para o lado oposto e era mais que evidente que as torrentes de matéria ardente acabariam por chegar ao planalto e à Casa de Granito!

Os colonos regressaram pela estrada do curral e encontravam-se agora à beira do lago a olhar para o vulcão, silenciosos. Eram sete horas da manhã do dia 24 de Janeiro.

Cyrus Smith, habituado a ver-se confrontado com situações difíceis e ciente que lidava com homens capazes de encarar a realidade, por mais dura que ela fosse, falou com toda a clareza:

- Ou o lago é capaz de suster esta torrente de fogo, e uma parte da ilha será poupada da devastação completa, ou a lava invadirá tudo e nem uma só árvore, nem uma só planta ficará de pé nesta terra... De qualquer maneira, com vegetação ou apenas rochedos escalvados, o nosso destino está traçado! A explosão da ilha é só uma questão de tempo.

Nesse momento, um dos rios de lava chegava à margem ocidental do lago, onde, por sinal, o terreno formava uma elevação, assim uma espécie de aterro.

- Ao trabalho! - gritou o engenheiro.

A ordem foi imediatamente entendida. Tratava-se de reforçar aquela elevação do lado da floresta, de modo a orientar a torrente para o lago. Numa corrida, foram ao estaleiro buscar pás, picaretas e machados, enquanto Nab subia à Casa de Granito a libertar o cão Top. Dentro de poucas horas, os colonos conseguiram levantar um dique de terra e árvores cortadas.

Mesmo a tempo! As matérias liquefeitas atingiam nesse momento a elevação. O dique resistiu e a torrente de lava, inflectindo para a esquerda, precipitou-se no lago!

Exaustos, ainda ofegantes do esforço sobre-humano, os seis colonos assistiam àquele espetáculo de uma beleza sinistra, aterrador e simultaneamente magnífico: era a luta tremenda entre os dois elementos... entre o fogo e a água! Esta, em contacto com a lava a ferver, evaporava-se instantaneamente, produzindo silvos agudíssimos e enormes nuvens de vapor que subiam nos ares... A lava, por sua vez, ao cair nas águas frias do lago, solidificava e formava como que rochedos

fumegantes que se iam amontoando uns sobre os outros. Mas era uma luta desigual. A água contida no lago acabaria por desaparecer, sem possibilidade de ser renovada, enquanto as matérias ardentes provinham de uma fonte inesgotável, as entranhas do vulcão!

O êxito do desvio da enxurrada abrasadora para o lago, se bem que precário, concedia aos colonos mais um tempo de tréguas, talvez alguns dias, já que por enquanto o planalto, a Casa de Granito e o estaleiro estavam a salvo. Era pois urgente aproveitar o melhor possível esse pouco tempo que lhes restava para acabar de calafetar o navio.

Nas semanas que se seguiram, aqueles seis homens trabalharam por vinte, quase sem descanso. Não iam a casa sequer, e dormiam à vez numa tenda montada junto à foz do Mercy, enquanto os outros continuavam a trabalhar no estaleiro à luz das chamas que saíam da cratera.

Os animais da ilha, ferozes ou não, tinham-se refugiado todos na margem oposta do rio, para os lados do pântano dos Tadornos, mas os nossos amigos nem tinham tempo para se preocupar com a relativa vizinhança de jaguares e outros bichos que tais... Para eles, a única coisa que importava agora era o acabamento do costado do barco, para o poderem lançar à água o mais breve possível. Cyrus Smith e Gedeão Spilett subiam diariamente ao planalto para verificar a evolução da situação.

A visão da parte florestada da ilha completamente devastada era desoladora! Pencroff, esse, nem ia ao planalto, confessando-se incapaz de presenciar o estado a que chegara a sua querida ilha. Num desses dias, o repórter fez notar ao amigo:

- Cyrus, você não acha que o vulcão parece acalmar? Se não me engano, a torrente de lava diminuiu...

- Isso já pouco importa... - respondeu Cyrus Smith. - O fogo continua a arder no interior da montanha e o mar pode invadi-la a qualquer momento. A nossa situação é

exatamente a mesma dos passageiros de um navio que esteja a ser devorado por um incêndio! Venha daí, Spilett, não percamos mais tempo!

Até finais de Fevereiro, a situação manteve-se praticamente inalterável. A maior preocupação de Smith era que alguma da matéria vulcânica expelida pela cratera, rochas e pedras incandescentes, pudesse cair na zona do estaleiro. Foi por essa altura que os colonos começaram a notar vibrações estranhas no solo da ilha... E eles que precisavam ainda de umas três semanas para acabar o casco! Pelo menos o casco, que o resto podia ser terminado a bordo. Iria a ilha agüentar até lá?

- Havemos de conseguir, senhor Cyrus, havemos de conseguir! - repetia Pencroff. - E é tempo de largar, que os ventos do equinócio não tardam aí! Bem, que ao menos possamos chegar à ilha Tabor para passar lá o Inverno... A ilha Tabor depois da nossa bela ilha Lincoln! Ai que desgraça, que desgraça!

- Apressemos-nos - respondia invariavelmente o engenheiro.

Em certa ocasião, Nab perguntou:

- O patrão acha que, se o capitão Nemo fosse vivo, tudo isto podia acontecer?

- Podia sim, Nab - disse Cyrus Smith.

- Pois eu não acredito em tal! - murmurou o marinheiro ao ouvido do negro.

- Nem eu! - concordou este.

Na primeira semana de Março, o monte Franklin sofreu outra alteração... e para pior. A torrente de fogo engrossou subitamente e, tomando outro percurso, começou a dirigir-se para o planalto. Em duas horas, a capoeira, a cavalaria e as culturas tinham desaparecido debaixo da lava.

Outro sinal assustador era a súbita agitação de Top. O cão uivava sem parar, como que pressentindo a proximidade de uma catástrofe ainda maior. Perante tudo isto, os colonos decidiram lançar o barco à água, mesmo inacabado como estava. Pencroff e Ayrton trataram dos preparativos para o lançamento no dia seguinte e foram juntar-se aos companheiros, abrigados na tenda.

Num momento de angústia emocionada, abraçaram-se! Sabiam a vida por um fio e estavam prontos para o desenlace fatal. Nab segurava contra o peito o cofre oferecido pelo capitão Nemo, de que fizera objeto de culto. O dedicado rapaz fora sempre dado a superstições, tendência que os outros, a começar pelo patrão, de há muito tinham desistido de contrariar. Nab fizera questão de trazer o cofre para aquela barraca do estaleiro e só o largava para trabalhar no barco. Agora mesmo, tocando no cofre, evocava o poderoso benfeitor, para ele mais do que um simples ser humano, cuja memória guardava com autêntica religiosidade.

E foi, de fato, nessa noite fatídica de 8 para 9 de Março, que se cumpriu a ameaça que sobre eles pesava! Da cratera começou a jorrar uma gigantesca coluna de vapor que se elevava a uma altura superior a novecentos metros, ao mesmo tempo que soavam estampidos medonhos!

Era óbvio que no interior da gruta do capitão Nemo a parede divisória acabava de ceder à pressão dos gases acumulados, permitindo a entrada do mar na chaminé central. A cratera, porém, era insuficiente para escoar os vapores formados pelo contacto do mar com a lava e o monte Franklin rebentou em mil pedaços que se espalharam pelo Pacífico! O barulho da explosão poder-se-ia ouvir num raio de duzentos quilômetros.

Minutos depois, a ilha Lincoln submergia, como que engolida pelo oceano! Apenas uma ponta rochosa ficou à superfície! Era a parte da abóbada do maciço da Casa de Granito, agora um rochedo insignificante à superfície das águas, com pouco mais de oito metros de comprimento e quatro de largura...

Aí se encontravam refugiados os seis colonos da ilha Lincoln e o cão Top, miraculosamente salvos do cataclismo! Tudo se tinha passado tão rapidamente que nem eles próprios, atordoados e ensurdecidos, sabiam como tinham ido ali parar... Quando da explosão da montanha, os colonos sentiram-se projetados e arrojados ao chão. Zumbiam

estilhaços de rocha por todo o lado e a ilha inteira era sacudida por violentíssimo abalo. O engenheiro Cyrus, segurando a coleira de Top e um braço de Harbert, ainda tivera tempo de gritar:

"Mantenham-se juntos, pelo amor de Deus! Mantenham-se juntos!"... A seguir, foram levados na crista de uma vaga gigantesca e arremessados naquele pequeno rochedo, o pedaço restante da ilha arrasada!

Mão de Deus ou acaso do destino? Quem poderia dizer?

Mas... e a partir de agora? Perdidos num penhasco no meio do oceano, sujeitos à fome, à sede e ao frio, só um desfecho dramático era de prever.

Cyrus Smith mantinha-se calmo; Gedeão Spilett, inquieto e angustiado, fixava teimosamente o horizonte. Pencroff, tomado de uma raiva surda, não parava quieto... Harbert não tirava os olhos do engenheiro, como que esperando alguma idéia salvadora. Quanto a Nab e Ayrton pareciam resignados com a sua sorte, o primeiro sempre agarrado ao cofre que nem no meio da hecatombe largara.

- Ah! maldita desgraça, com mil diabos! - lamentava-se o marinheiro. - Se ao menos tivéssemos uma casca de noz para chegar à ilha Tabor! Mas nada, nada... Não temos nada!

- O capitão Nemo fez bem em morrer... - murmurou Nab.

Dois dias depois, quis a fortuna que chovesse abundantemente e os colonos puderam saciar a sede que os atormentava; também Top bebeu avidamente de uma das poças formadas nas reentrâncias da rocha. Porém, encharcados e cheios de frio e de fome, por quanto mais tempo agüentariam?

Mais cinco dias se passaram. O céu voltara a estar limpo e a borrasca passara. Os homens do rochedo, porém, já nem forças tinham para se levantar e jaziam numa prostração que se agravava de hora a hora. Harbert e Nab começaram a dar sinais de delírio... Enfraquecidos até ao limite, os colonos estavam agora nas mãos de Deus!

Na manhã do oitavo dia, Top latiu debilmente e empurrou o corpo do dono com o focinho. Contudo, Cyrus Smith, se é que se deu conta, não foi capaz da menor reação... O cão latiu de novo e Ayrton ouviu-o ao longe, muito ao longe... Com um esforço supremo, levantou a cabeça e olhou para o mar... Mas o que era aquilo, aquela mancha confusa no horizonte? Um navio? O infeliz não delirava... Era realmente um iate a vapor que se dirigia para o rochedo!

- O Duncan... - murmurou Ayrton, antes de perder os sentidos.

Os colonos foram recobrando a consciência lentamente.

Cyrus Smith começou por sentir um bafo quente na mão direita e a língua áspera do cão a lambê-lo... Abriu os olhos e percebeu que se encontrava no camarote de uma embarcação... os amigos também. Mas como? De que maneira tinham escapado à morte?

- O Duncan... - murmurou Ayrton, como se lhe tivesse adivinhado a surpresa.

- O Duncan? Deus seja louvado! - exclamou o engenheiro.

Efetivamente, o iate de Lorde Glenarvan, agora sob as ordens de Robert Grant, voltara para buscar Ayrton, após doze anos de expiação na ilha Tabor. Agora estavam todos salvos e a caminho da América!

Graças aos cuidados do jovem capitão e da tripulação, os seis amigos depressa se sentiram com forças suficientes para subir ao convés.

Numa bela tarde em que estavam todos reunidos na coberta, o engenheiro perguntou:

- Diga-me, capitão Robert... Há uma coisa que me intriga: quando deixou a ilha Tabor, como é que teve a idéia de fazer aquele desvio de cento e cinqüenta milhas para nordeste?

- Como é que eu tive a idéia, senhor Smith? Mas não foi um acaso! A minha intenção era ir buscar Ayrton, o senhor e os seus companheiros à ilha Lincoln! - respondeu Robert Grant, com alguma surpresa na voz.

- À ilha Lincoln?! - exclamaram os colonos em coro, completamente pasmados.

- E como é que sabia da existência da ilha, uma vez que nem consta dos mapas? - insistiu Smith.

- Ora, meu amigo, pela mensagem que os senhores deixaram em Tabor!

- Mensagem? Que mensagem? - perguntou Gedeão Spilett, no auge do espanto.

- Ela aqui está! - respondeu o capitão, exibindo uma folha de papel com a localização exata da ilha Lincoln e os seguintes dizeres: "Residência atual de Ayrton e de cinco colonos americanos."

O engenheiro pegou no papel e, depois de o ter observado uns momentos, declarou:

- O capitão Nemo! Mais uma vez! Foi ele quem escreveu a mensagem e a deixou na ilha Tabor. - Cyrus tinha reconhecido a caligrafia da mensagem encontrada no curral.

- Ah! Com mil diabos! - exclamou Pencroff, entusiasmado. - Então foi ele que utilizou o nosso Boaventura! E doente como estava navegou até à ilha Tabor... Ai, razão tinha eu quando dizia que, mesmo depois de morto, o nosso benfeitor ainda havia de nos ajudar!

- Meus amigos - disse Cyrus Smith, profundamente comovido-, que Deus guarde a alma do capitão Nemo, o nosso benfeitor!

Era grande a comoção dos seis homens. Nab, esse, caíra de joelhos chorando convulsivamente.

Mas a cortesia e a lealdade impunham: Robert Grant, que presenciava abismado aquela cena, sem compreender das razões, foi posto ao corrente de tudo o que se passara na ilha Lincoln. Do relato, o jovem comandante do Duncan reteve com especial contentamento o processo de reabilitação de Ayrton, muito salientado pelos companheiros.

- Capitão - concluiu o engenheiro Smith -, onde o senhor deixou um homem culpado, encontra agora um homem de honra de que sinto orgulho em apertar a mão!

Quinze dias depois, o Duncan aportava à América. A sangrenta guerra civil terminara e a nação estava em paz!

Do tesouro legado pelo capitão Nemo - e que a veneração de Nab salvara da catástrofe - a mais bela pérola foi enviada a Lady Glenarvan, em preito de gratidão dos seis homens salvos pelo seu iate. Depois, uma parte daquela fortuna incalculável foi aplicada na compra de terras, um vasto domínio no estado de Iowa a que deram o nome de "New Lincoln". O riacho que atravessava a propriedade foi batizado de "Mercy" e o monte mais elevado passou a ser o "Franklin"...

Sob a direção de Cyrus Smith, New Lincoln prosperou rapidamente. Nab lá estava, sempre dedicado e um cozinheiro cada vez mais excelente; Pencroff, o destemido marinheiro dos "sete mares", tornou-se agricultor empenhado e entusiasta. Ayrton ficou junto dos amigos, impressionante na capacidade de trabalho, na solidariedade, no espírito de sacrifício... Harbert prosseguiu os estudos orientado pelo engenheiro e não tardaria a revelar-se uma sumidade no campo das ciências naturais. Finalmente, Gedeão Spilett, sempre apaixonado pela sua profissão, fundou um novo jornal, o New Lincoln Herald, de tão grande rigor e qualidade que a sua influência se espalhou por todos os Estados Unidos.

Enfim, os nossos amigos eram felizes! Aos serões, reunidos na grande sala do edifício principal da propriedade, recuavam no tempo e conversavam longamente sobre os quatro anos na ilha Lincoln, a bela ilha agora desaparecida, onde tinham vivido intensamente os valores da amizade e da dedicação à causa comum, onde tinham

aprendido tantas coisas. E sempre presente em todos eles, com saudade e gratidão, a memória de Dakkar, o príncipe hindu... o nobre e generoso capitão Nemo!

FIM